



O procurador

Agostinho Both

Agostinho Both

O procurador



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Agostinho Both

O procurador

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 22/04/2013

B749p Both, Agostinho

O procurador [recurso eletrônico] / Agostinho Both. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-84-4

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Relações homem-mulher. 2. Casamento. 3. Fidelidade.
4. Família. I. Título.

CDU: 392.6

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

O procurador	9
Meu primeiro casamento	14
Diante da justiça	17
A surpreendente mudança na vida de Giordano	19
Mais que um amigo	22
Dias auspiciosos foram aqueles	25
Um sonho ilustre.....	29
No quarto de Letícia	32
Vendo-me pequeno	35
Dia seguinte.....	43
Da boquinha da noite	47
Da noite seguinte.....	54
Os demônios da segunda-feira	56
De minha conferência com Maquiavel	67
As oportunidades de uma manhã	74
Na casa de minha mãe.....	78
As pinturas de meu pai.....	87
Meu negócio	95
A riqueza de uma tarde	102
Já era tempo.....	107
Bifurcações de meu amor	110
A grande dificuldade de meu amor	112
Meu Iom Kipur	115
A respeito de meu casamento.....	119
Um homem rico	124
Mereci o previsto	130
Na manhã do outro dia	134
A exposição	141
De meu amigo Alberto.....	143
Coisas de minha velhice.....	145
Alegrias de velhos	156
Conversas à noite.....	160
Um amor de sogra vale uma filha	162
O mal-estar de um casal	166
Uma precipitada narrativa	168
Os medos da senhora Letícia	171

Das pinturas com meus netos	174
Os efeitos singulares	178
Continuidade das pinturas.....	180
Uma festa	187
Tempos finais de um homem	189

O procurador

Ando preocupado com as explicações sobre a presença divina em minha vida. Sou um procurador de razões. Sempre busquei com toda a honestidade avaliar meu caminho, sem encontrar as devidas respostas, mas acredito piamente que, desde a flor da laranjeira até os primeiros passos de uma criança, Deus ajusta tudo de acordo com as circunstâncias e suas palavras não se pronunciam longe dos acontecimentos. Sou, então, um procurador de explicações, e o que me dá a direção para encontrá-las são as circunstâncias. A sorte final, porém, depende de minhas decisões em torno dos fatos e do esforço em tirar o que de melhor pode ser feito tendo a solidariedade como princípio. Começo, pois, pelo filho de Israel, que tanto procurou buscar e tantas vezes avançou no seu tempo.

Gabriel anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo, e José, após o acontecido, aceitou que era tudo providência do Senhor. Por certo, não o acompanhava qualquer outro sentimento, senão o da confiança em sua mulher. Pelo meu parco entendimento das escrituras, José não capitulou diante de qualquer tentação que a traição costuma provocar. Se assim não sucedeu, pouco importa, as circunstâncias foram ditas dessa maneira. E dela nasceu um homem de causar espanto. E põe homem nisso: pobre que era, conseguiu impor o princípio da reciprocidade num mundo de violências. Do lado sul do Mediterrâneo nasceu esse homem dizendo que no amor e na fé residia a verdade e, por esse entendimento, desafiou o poder que o levou à morte. Do lado norte do Mediterrâneo nasceu Sócrates, um homem que dizia estar no pensamento e no discurso sincero a última palavra sobre a verdade e, por esse entendimento, desafiou o poder que o levou à morte. Essas duas verdades, porém, nunca se encontraram. Todos os dois nasceram num tempo que requeria a ambos. É isto que eu penso: mais que os indivíduos, é a história que marca as virtudes, tornando piores ou melhores os homens e as

mulheres. Me atenho mais ao homem de Jericó. Propôs um jeito diferente das violências de um tempo. Sua sensibilidade e seu talento contribuíram, entretanto, muito mais em razão dos discursos de profetas e de heróis do lugar, todos crentes da maior justiça social. O Espírito Santo não sopra onde quer. Sopra sobre um tempo que se formou para recebê-lo ou será o tempo que pronuncia o Espírito? Outras vezes, sopram demônios. As virtudes maiores coexistem com o tempo e no tempo certo. A bem de minha pequena verdade tenho a dizer que Jesus nada escreveu, muito mais que ele falaram os saudosos discípulos que traduziram, à sua maneira, o que ouviram o filho do homem falar. Por exemplo: vejamos Mateus. Aproveitou-se e muito bem para esbravejar contra os judeus ortodoxos, fechados como uma porta. Cristo na boca de Mateus parece um homem de poucos amigos. Está mais preocupado em desaforar seus antigos adversários que mostrar o que efetivamente fora dito. Não digo essas palavras por conta própria. Rigorosamente de acordo com a crença de que nossos pensamentos não são nossos: eles são próprios de um tempo. Quando nascemos, as ideias que aprendemos estão embutidas nas comunidades de nossa inserção e nós apenas as carregamos, e, ainda que as contradigamos, elas se inspiram na oportunidade do momento. Rigorosamente de acordo com o Nicolo Machiavel, com quem simpatizo, até certo ponto: *Não ignoro que muitos foram e que tantos ainda são de opinião de que as coisas se sucedem no mundo e de tal forma governadas pela fortuna e por Deus que os homens, com sua sabedoria, não poderiam retificá-las e que nem sequer haveria meio de remediá-las.*

Buenas, como querer que pensassem o evangelista ou Jesus como nós pensamos? Tudo se sucedia num prisma mandado pela história, tendo Jesus a força de remediá-la de acordo com a influência de outros pescadores de reta intenção. Hoje estamos cercados pela objetividade. Aprendemos a confiar na lógica dos fatos, explicando tudo por causas naturais ou artificiais. Diferentemente do tempo de Jesus e sua turma de gente boa. Qualquer evento transcendia à

realidade. Um vento e uma luz, uma estrela que caía, o ronco de um trovão, a lua em eclipse, a esperança e um sonho não se traduziam como nós traduzimos. Em tudo se apresentava uma força muito para além da natureza. Havia uma crença que dizia, e não uma compreensão lógica. Os fatos se sucediam pela vontade divina, e não pela ciência ou pelo desejo humano. Assim, naquele tempo, as circunstâncias de uma cultura, formatada pelo imaginário e a necessidade de proteção, apresentavam sua virtude, e nela todos buscavam sua segurança e salvação. Ai de quem fugisse aos critérios de seu tempo. Nem Jesus fugiu e menos ainda seus compatriotas e seguidores.

O que pode ser dito, no máximo, é que podemos resistir com novas ideias e ações, produzindo-se novas percepções e novas virtudes, assim como o nazareno resistiu. Mas ninguém pode esperar muito. Que os homens costumam preservar suas tradições é coisa conhecida de todos. É fácil de entender: quem é que facilmente renuncia aos seus entendimentos e seus privilégios? Se aos jovens, às crianças e aos adultos sempre foram dadas vantagens pelo patrimônio público, se pode perguntar o que será concedido aos mais velhos? Vejo em minha cidade o quanto as instituições públicas e particulares resistem em dar vantagem aos velhos abandonados. Pouco mais de como se não existissem. Mais uma vez me reporto ao tempo de Cristo: como as mulheres foram tratadas ou por que não foram escolhidas? A mensagem cristã apenas traduz o que o tempo pensava delas. De todo jeito que se olhar, Jesus foi um homem diferenciado porquanto tomou de forma decisiva o que no tempo se apresentava de forma latente. Salve o filho do Homem! Com tais conceitos vou me levar adiante, não me furtando a ver o que anda nas bordas do tempo que as circunstâncias oferecem.

Eu, Giordano, tenho orgulho da autonomia em poder dizer minha crença sobre os acontecimentos. Mandeí minha reflexão pro meu amigo Alberto, cheio de fé, a ver como iria reagir.

Ao ler minhas frases, enviou um email com viperina resposta. Até o computador poderia retrair-se, tamanha era a profusão de palavras inquietas. Pudera! Alberto sentia a firmeza dos fiéis sem desconfiança, parecendo usar coturnos de soldados que lutam em campo de batalha. Escreveu na mesma hora.

Li o que você me enviou, Giordano, e fiquei vendo o caminho torto pelo qual meu amigo caminha. Desse jeito você ainda me obriga a não o ter mais como companhia. Você está tirando de Cristo a sua divindade, você o vê como apenas uma cópia fiel dos profetas e dos esforços libertários de seu tempo. Pior ainda: entende você que, muito mais que Cristo, falaram seus evangelistas e outros interpretadores como São Paulo. Daqui a pouco vai escrever que a patrística, os copiadores e alguns abelhudos retiraram partes das narrativas que pudessem ferir o que a tradição ensinava. Me desculpe, mas você tem muita cara de pau em despojar do filho de Deus todo seu poder e sua doutrina. Você quer saber de uma coisa. Não venha mais com essas conversas pra cima de mim que sou capaz de perder o pouco que me resta da crença tão bem cultivada pela minha família. E digo mais pra ti, Giordano, desse jeito você ainda vai ficar sozinho na vida e na morte. Coisa mais triste é morrer sem ninguém pra se despedir e acabar com a ideia da salvação vinda de Cristo.

Giordano leu e respondeu.

Meu amigo, pensei que pudesse escrever pra você como se pensasse comigo mesmo. Me enganei. Jamais me passou pela cabeça feri-lo, nem sabia que, por tão pouco, pudesse abalar a tua fé. Não vou mais referir minha maneira de entender a Deus. Sabe, Alberto, tenho a Deus e com ele me privo a toda hora. Tenho o meu Senhor como se revelando em tudo que vejo. Tudo tem a presença dele. Cristo, como te falei, é a melhor expressão de que se tem notícia de minha crença. As leis e os acontecimentos estão impregnados das forças generosas ou das probabilidades de haver



graves dificuldades. Veja que Cristo foi mal por causa dos mesmos acontecimentos que lhe serviram de tanta inspiração, principalmente no que se refere às relações pessoais e políticas. A prepotência da fé judaica preteriu a bondade humana. Por mais que você me tenha xingado, estou de ânimo agradável em lembrá-lo. Pena é que essa ideia do Deus distante tenha constrangido nossa amizade. Ainda bem que não estamos na Idade Média, pois se perderiam por pouco as amizades. Mortes e mortes se fizeram em nome de pretensos deuses e doutrinas defendidas com sangue. Estimo que possamos nos encontrar melhor nos dias que nos sucedem.

Recebi notícias de Alberto a respeito de suas dores. Ainda bem que as circunstâncias forçaram o melhor encontro. Os efeitos de meu entendimento provocaram outros estragos. Amigos, garotas e outros de maior intimidade, ao saberem dos desgostos causados em Alberto, formaram um cerco desagradável. Tornei-me silencioso, não podendo conviver melhor em razão de minha fé que ficara solitária. Tive, a partir desses acontecimentos, que me resguardar melhor da crença de que Deus está em tudo e em todos. E nas leis soberanas que podem nos ajudar ou matar.

Meu primeiro casamento

Andei desconcertado pela solidão. Por essa razão encontrei uma linda mulher que fez que me exclamasse. Bem que carecia de um consolo e me veio mais que meu desejo. E a solidão era tanta que vi nela a esposa certa. Isso é a mais inteira caridade, uma paixão de tal proporção me veio como uma graça divina, bem mais, Deus em pessoa se deu pela formosura. É bem conforme o que penso: a sua face exposta foi me dada como presente. Tão animado estou a ponto de rezar por tê-la em minha companhia. Me movo mais pelos ventos favoráveis que enfunam minhas velas. É isso mesmo: meu barco está num mar de brisas. Chego a confirmar em mim uma paixão. Ando desse jeito: de um lado me alegro de tremer meu peito, me sinto como pássaros em frêmitos ao fazerem seus ninhos. Cheguei a soluçar ao pronunciar o nome: Venite! Falei-lhe de seu nome: vem de Vênus! Em teu caso, doçura, é o extremo amor, feito contágio. Ao tê-la em meus braços sentia Deus comigo. Não podia ser outra coisa. Por isso mesmo não tinha como não atender ao meu Senhor em seus apelos. É água de fonte, era a própria nazarena que ao poço pedia água pra beber. Dela eu tinha semelhança em conversas deslumbrantes, mostrando que acima de qualquer preconceito está a circunstância: o poço oferece água e inspiração. Espero também oferecer da água que mata a sede. Não vou deixar faltar o encanto, e isso é certo, não vou dar bobeira em momento algum. Ora, ora nem todas as circunstâncias são gratuitas. O Senhor pede minha colaboração.

O que se tem de certeza sobre a minha situação é o fato que todo desejo vê fortuna onde há apenas míseros tostões. Foi esse o sucedido: estando eu tão miserável e sem apoio por causa de meus pensamentos sobre a história e divindade de Cristo, resultou uma carência tão grande que qualquer ouvido ou boca que me visse e ouvisse seria uma riqueza inestimável. Disso se pode urdir reflexões senão brilhantes pelo menos abundantes. Foi o que se sucedeu

depois de muito tempo. Primeiro, feito o casório, os dias foram manhosos em dizer verdades de abrir os olhos. Vi que nem de longe bastam desejos nem circunstâncias para bons acontecimentos. O caráter de Venite mostrou-se mais pra paus que pra toucinho. A alegria que mostrara tinha pouco fundamento. Mais se depositava sobre a boa vida que sobre o companheirismo. Se um desejo seu não se cumprisse, valiam dias de rancor até acalmar-se o ânimo, tornando o dia respirável. A atividade profissional de pintor não era dividida e, quando dividida, não reconhecida. Uma só vez tive coragem de me aproximar de minha mãe pra dizer o dissabor. Ela foi contundente: escute, se tivesse me ouvido e coisa e tal, não teria acontecido o que aconteceu. Nem, ao menos, foi pedir a bênção de Deus pro sucesso de teu casamento. Achou que o casamento estava apenas pra um contrato humano. Não, foi lá dizer os nomes no cartório e se juntaram sem fé alguma. Ela, bem que avisei que seria uma desgraça pra você. O mato tá mais pra lobo que pra coelho, falei, abaixando a cabeça, saindo da casa da mãe.

Foi por esses dias infames que se abateu uma tempestade sobre a cidade. As árvores se debatiam valentes. Duas delas não resistiram, parando retorcidas sobre a cerca. Com a ventania devastadora, sobrou um telhado sem algumas telhas. Não bastando a intempérie veio a fera da Venite de pau e corda dizendo que, se soubesse que a casa era tão frouxa, não se casaria com esse paspalhão com quem vive. Fiquei engolindo sua decepção por uma longa noite após ter recoberto o telhado antes do anoitecer. Para piorar, à noite recebi uma negativa de uma empresa onde busquei emprego fixo. De que haviam valido meus estudos superiores se hoje não passava de um pintor de paredes? Outro dia poderá trazer coisa melhor... foi uma ideia inconfiável que passou batida. Ficou bem claro no dia seguinte que tudo se rompia e o torvelinho era tanto que não podia saber se pro bem ou pro mal. Venite saiu de casa, levando duas malas e gritando que tornaria pra casa da mãe. Que eu fosse pro inferno e encontrasse outra miserável que pudesse suportar a



penúria. Com um pintor de paredes não dá nem pro feijão! Vou te mostrar que se pode viver bem com as cores de um pintor, e que tenha melhor fortuna que aquela que não pude te dar. Foram minhas últimas palavras. Era o que eu esperava. Aprendi: as circunstâncias ocultam perigos, se não bem medidas. Bem que poderia estar avisado: palavra de mãe tem poder.

Diante da justiça

Mal Venite saíra, então eu, o solitário casadoiro, me pus a pensar. Como avalei mal o que fiz. Vivo num tempo do provisório e quis longanimidade. Vivo num tempo de compulsões e bem aí me tive compulsivamente. Vivo onde tudo é líquido e pensava em uma decisão sólida. Vi tão pouco onde o horizonte é vasto. Julguei sem prudência o que me parecia fortuna e me dei mal. Vi Deus em Venite e me apareceu uma loba. Nem tanto, estimo agora uma mulher de humor e desejos vastos, muito mais do que eu podia administrar.

la eu em tais reflexões quando um oficial de justiça bateu-me à porta, chamando a que me apresentasse em audiência. Assustei-me ao ver que a impetrante era Venite. O que quer a mulher, santo Deus? Mais ainda fui invadido de pesadas reflexões. Pois veja, Giordano, o que lhe valeu ficar dormindo no ponto, achando que fazia grande coisa. Não medi todas as circunstâncias e estou ralado. Vejo tudo de maneira mais clara. Bem que dizia meu professor de história que os vapores do corpo perturbam a alma e eu que os confundi com a ternura. Facilitei demais investindo minha vida em matos incertos. Vou me deter melhor e pôr meu olhar mais pra cima. Vou enfiar minha cabeça no silêncio. O mistério do futuro merece consideração. Será que Deus, que em tudo se apresenta, não deve ser mais bem pensado?

Chegou, por fim, o dia aziago de se haver com quem fora sua rainha e agora a tinha como algoz. Brinquei comigo: rainha em casa do pobre é força.

A conversa mostrou-se interessante.

— Qual a reclamação?, falou o juiz.

— Pedir pensão, falou Venite.

— Quanto é o pedido?



— O suficiente pra viver.

— Excelência, ela saiu de nossa casa por causa de minha pobreza, falei.

— Qual o seu ofício?

— Pintor.

— Qual o rendimento mensal?

— Salário e meio, quando muito, doutor. Por vezes, dois, aí eu renovo meu material.

— Só faz isso?

— Só.

— Quanto sobra?

— Apertando bem, uns duzentos, Meritíssimo. Isso agora. Antes Venite comprava alguma coisinha pra ela.

— A senhora o que tem a dizer sobre isso?

— Quando casei, ele me garantiu que tudo ia melhorar. Pra viver do jeito que passei a viver, preferi viver com minha mãe.

— Quer dizer que o amor dependia dos recursos, foi cáustico o juiz.

— Desculpe, mas o senhor tá aí pra ver a minha pensão ou discutir o meu casamento?, fazendo o juiz engolir em seco.

— A senhora vai receber duzentos reais por mês durante meio ano. Nesse tempo busque um emprego. Ao final desse tempo, quero um relatório de teus esforços. E vê se melhore seus recursos! Boa sorte!

A surpreendente mudança na vida de Giordano

Após a audiência, o escrivão ou secretário alcançou-me convidando a que tivesse um dedo de prosa com o juiz. Nada demais, senhor Giordano. Apesar do tom amistoso não diminuiu meu receio. Ao abrir-se a porta da sala do senhor Alfredo Steinhaus, nome do magistrado, percebi, de fato, que nada havia pra temer.

— Gostei de ti, rapaz. Minha casa precisa de novas tintas. Quero que faça um orçamento. Podes ir hoje? Posso te esperar depois das seis? Aqui está meu endereço.

Dado o endereço ficou acertada a visita para o orçamento. Não é preciso dizer de minha alegria. Buscava uma nova empreitada, visto que nessa mesma semana finalizaria uma pintura na casa pequena de um funcionário público. Por aí dá pra imaginar meus lucros.

Muito mais que um estímulo me valeram as palavras do juiz. Assentou algumas ideias oportunas: vou ver de perto uma oportunidade pra avaliar melhor o que me está acontecendo. Não será minha fortuna? Me agradou a humanidade do excelentíssimo. É possível advir uma opção a mais. Estou me cansando de apenas ser um pintor de paredes qualquer. Vou montar um projeto de casa qualificada pelas cores. Como sempre tive pra mim: um pequeno lance pode mudar o mundo, e o meu não é tão grande assim. Deve haver uma ternura maior e uma inteligência soberana presas nos fatos e nas coisas. Não vou perder os detalhes que costumam ocultar o melhor. Vou sempre agradecer a Venite pela lição. Fiz tudo sem medir melhor o que deveria ter feito. Agora olharei o que tem por trás, dos lados e na frente dos acontecidos.

Enquanto pincelava na casa do funcionário, outras ideias se avantajavam. Bem que me dizia um professor: atrás de um não pode haver um sim bem melhor. Essa pérola do sim é que vou trabalhar.

Lembrou-se, pois, de uma pequena história do professor Melchior. As ostras reclamaram do Senhor por não as ter protegido as costas, deixando que grãos de areia machucassem tanto. Uma delas resolveu não reclamar, fazendo dos grãos a pérola brilhante. É isso que quero dizer, continuava o professor. De um detalhe qualquer numa parede pode se obter um motivo para um quadro invulgar. Lembro pra tanto de Van Gogh, que de uns míseros comedores de batata, fez um dos quadros mais ternos dentre todas as suas obras. Nesse momento da reflexão, palpitou um ideia: e será que não poderei pintar quadros também? Se me cansa a pintura de paredes, não posso tirar de mim uma cópia imperfeita de Van Gogh? Não, vou ter meu estilo! Vou sobrevoar a mim mesmo. Vou encontrar minhas cores e minhas formas. Não me serve nem o holandês nem o colombiano Otero. Ensaiei meus quadros. Nesse sonho de identidade profissional a escada resvalou, caindo sobre a mesa do homem dos trabalhos públicos, quebrando dois pratos, o que me valeu parte do lucro diário. Ri de contentamento, por não me ferir e por entender que os pratos quebrados estavam pra indicar um novo caminho.

Doía-me a solidão ao chegar em casa. Olhei-a com olhos críticos como quem olha um filho desleixado. Os sentimentos novos não diziam respeito às cores, nem a divisão da casa estava de meu agrado. Repensei carinhosamente cada detalhe sobre as configurações dos pequenos espaços. Não vou desprezar o que tenho. Vou recriar essa casa. Olhei para o pátio. Mal acreditava: as gramas morriam e as folhagens se desfolhavam. Se é verdade que os espaços provocam a disposição da alma, vou me desdobrar sobre eles. Passei a noite em vigília por motivo da visita do dia seguinte e pelo sonho da casa renovada. Não deixei por menos o que antes era visto como sótão. Um telhado alto poderia sofrer severas alterações. Deslocaria a caixa d'água para a parede, sobrando um espaço pra meu futuro computador, mesa de projetos e a acanhada biblioteca. Um diálogo matutador envolvia-me. O porão teria sua cota de

modificação. Estava para uma catacumba, pra enterro de lembranças. Teria sua ressurreição. Não poderia esquecer meus guardados que sempre podem retornar. Uma adega não poderia faltar. Penduraria aí salame e queijo em comemoração aos costumes de meu avô. Não faltaria uma mesa de tábua acolhedora e uma churrasqueira. A alma vigilante do corpo central teria um coração de cores decididas. Cada parede seria motivo de um projeto muito particular. Tentaria inventar diversos desenhos de cores cambiantes e interativos. Sempre pensei em fugir à regra de uma parede sofrer o insulto de carregar uma só cor. Aí não poderiam se evidenciar mudanças radicais, sem, entretanto, perder a harmonia consigo e com as outras. Pensava como um músico em cuja estrutura musical os instrumentos dialogam entre si. Quando minhas ideias estiverem eufóricas, vou pra varanda e se estendam como um toque de pistões. Quando quiser poemas nostálgicos como se pronunciassem vibrações de um sax, eu vou ao porão pra ouvir minhas soturnidades. Se quiser palavras de um cotidiano simples como pão, vou me inspirar numa sanfona de sonoridade contente. Flautas, violinos e violões estarão em todos os espaços, preferindo os quartos pra se descansar em paz. Já de madrugada vieram-me sem pedir licença, insistentes e juntas as diversas estéticas. Até a estética social me apareceu, acanhada, pedir licença: é que ela anda tão desprezada que não se vê muito bem. A estética da alma veio compor comigo dizendo das mínimas virtudes. Por fim, antes que o silêncio de minha alma se fizesse, percebi a composição das paredes da sala e do quarto maior.

O sol me despertou. Quis anotar as cores que me vieram antes de adormecer. Quem diz que as lembrei? Pois é, assim é, anda-se deste jeito muitas vezes: com tudo pra dar certo, entretanto, sem disposições ou atenção pra segurar o que se quer ou o que se tem.

Mais que um amigo

Acho que amigo é isso mesmo: alguém que possa, sinceramente, estar comigo pra que eu veja melhor o que acontece. Buenas, não penso em qualquer amigo. Como o sapateiro pode criticar apenas os sapatos de uma pintura, de acordo a com história grega, do mesmo jeito um amigo de mente curta vai dizer obviedades. Por isso existem amigos que podem prestar maravilhas sobre as realidades do cotidiano, e outros que podem ir além, aperfeiçoando nossos esclarecimentos e decisões mais conspícuas. Já começo a falar de Alfredo Steinhaus. Desde agora posso ter a familiaridade, evitando reverências: meu juízo e meu juiz.

Cinco da tarde. Uma hora antes de me dirigir à casa do juiz. Muito engraçado o fato de a gente perder a graça só porque avalia mais o status que a humanidade que se carrega. O que fazer? Parecia natural que a circunstância social me fizesse tão menos que sou. Sentindo o peito apertando e os movimentos tímidos, fui.

Acho que percebeu de cara minha timidez. Mandou que me sentasse com ele, me alcançando um chimarrão. Brincou me perguntando se eu fazia parte do time dos construtores e carpinteiros que vivem de prazos senão cumpridos, ao menos cumpridos. Ou se era como a justiça, que sempre tarda. Respondi que até hoje não havia decepcionado ninguém. Aí começou um diálogo inesperado pra quem era acostumado a ter conversas que giravam em torno do serviço: o que, como, quanto e quando ele seria concluído. Ele começou a ter em mim muito mais que um pintor de paredes.

Começou, querendo saber sobre meus sentimentos depois da decisão.

— Muito bem. O difícil foi tomar a decisão de deixá-la, excelência.

— O mais difícil é ficar sem saber o que fazer.

— Desculpe, doutor Alfredo, o que tem a ver a minha situação com a pintura da casa?

— Quase tudo. Minha casa é o meu ninho. Com bons sentimentos do pintor tudo pode estar melhor. Ainda mais... não quero que teu pulso ande sem alegria.

Veio, então, a mulher de Alfredo.

— É esse o pintor, querido?

— Sem tirar nem pôr, amor!

— Sou Giordano e espero realizar um bom serviço, se acaso entenderem que possa fazê-lo, caprichei no português.

— Já pintou alguma outra casa de nosso estilo?

— Particpei de várias propostas pra repaginação de interiores, quando frequentava a universidade. Me agradavam as cores. Espero agora não decepcionar ninguém. Se acaso meu projeto e meu valor forem do agrado, posso mostrar à senhora e ao doutor Alfredo a minha arte. Até agora me esmerei em deixar bonitas as casas mais simples, espero não perder a oportunidade de mostrar meu trabalho numa casa de seu estilo.

Senti que a essa altura da conversa minhas palavras eram pronunciadas com certa ironia. Me irritam as pessoas que se acham superiores.

Depois de um curto silêncio, ela finalizou:

— Estou curiosa pra ver o teu projeto.

— Vou dar o melhor de mim se assim for da decisão do doutor, perdão, da senhora e do doutor.

O diálogo tornou-se melhor com Alfredo, depois que ela se retirou, assim de repente.

— Não repare, a casa pra ela é quase tudo. Mexer nela é como se mexesse com seu corpo. Espero que expresse o que de melhor você possa produzir, sabendo que, se ela se agrada de um dos projetos, terá toda a força do mundo.

— A minha ideia é realizar dois projetos. Um mais contido e outro mais expressivo, mais arrojado.

— Esteja a gosto de fazer o que julgar conveniente.

Logo após Alfredo mostrou-me todos os ambientes. Solicitei a planta da casa. Desenhei rapidamente os seus espaços. Sentamos novamente e acertamos valores, caso aceitasse um dos meus projetos.

— Esqueci de dizer que tem, ainda, minha filha Letícia cujo quarto você viu. Ela também vai querer dar sua opinião, completou ele.

Saí receando não poder agrada aos três, mas desde já sabendo que deveria me acertar com sua pouco suave senhora. Nem tudo, porém, era ameaça. Havia uma garota misteriosa e um senhor de bom coração, o que, convenhamos, não é pouco nesses tempos bicudos.



Dias auspiciosos foram aqueles

Entre as dificuldades começou a surgir um lance inesperado, deixando meu coração excitado. Vou devagar que a vida exige cuidados. Não poderia perder os acontecimentos. Sabia muito bem que é requerida a prudência nas irregularidades. Conhecia de longa data meu ser impulsivo. Curiosamente, apesar de toda excitação que o momento requeria, me distraí. Às vezes em mim se apagam os desejos do coração, e as paisagens sobressaem, firmando-se mais poderosas que os fogosos sentimentos. Ao invés de ter constante a atenção sobre as promessas que se precipitavam, aí é que eu fico de boca aberta vendo paisagens.

Bem na minha frente surgiram pedras escurecidas, onde o sol do entardecer já não alcançava. Outras estavam de cores cinza de uma modéstia encantadora. Mais outras, brancas, rutilantes. Passei das pedras para ver de uma pequena ponte o riacho que exalava um mau cheiro dos detritos que eram lançados ao longo de seu leito. Uma barbaridade. Me condoí das águas que uma vez murmuravam alegres dando vida aos peixes. Imediatamente lembrei de Hemingway. Ao chegar em casa fui imediatamente ao seu livro o *Sol também se levanta*. Estava de coração pronto para ouvi-lo.

Inclinados sobre o gradil de madeira da ponte, olhávamos o rio. Embaixo, a água era serena e escura e não fazia ruído de encontro aos pilares da ponte.

Atravessamos a ponte. Os arcos de luzes brilhavam através das folhas das árvores. De um Café vinha um som de música. Na cozinha aberta, uma pequena fritava batatinhas. Havia também uma panela de cozido e a pequena servia um velho que, de pé, tinha na mão uma garrafa de vinho tinto. É isso que mata tanto o cristão como um muçulmano: veem-se coisas brilhantes sem importância para o momento. O principal passa, e a gente fica perdido em brilhos sem importância; contudo, retornei de meu fascínio telúrico. Não podia

ficar aí poetando e tendo por obrigação de meu ofício criar meus projetos. O coração diz coisas que não deve. Bem que seria suficiente somente um. Mas não! Lá estive eu com minha boca maior que o necessário. Prometi dois projetos, um mais ousado que outro. Teria uma razão desconhecida para prometer os dois? Avaliando melhor, acabei pensando que poderia ser a minha pretensão de testar o que desejava pra minha casa, ou seria em razão da garota. Falou de sua filha, em cuja fotografia, no quarto, se mostrava como uma deusa. Fiz de conta que não percebi, mas gravei seus traços ternos. Não, não me iludiria em nome de minha carência. Já imaginou, brinquei comigo, a mãe com aquele ar superior ver sua filha se inclinando para um pintor de paredes? Já ia perto dos quarenta e não tinha me ajeitado na vida, e o que uma mãe, cheia de pretensão, poderia imaginar de um cara assim arrastando asa pro lado daquela divindade? Não era coisa pro meu bico. Era muita areia pra minha caçambinha. O que me caberia era olhar pras paredes e não passar delas. Lá no fundo, no fundo, como as paixões não têm consciência, vinha o diabinho... mas se acaso? Não tem caso nem acaso! Encerrei a questão. Esqueça as pedras e esqueça a moça, rapaz!!

Comecei a desenhar e jogar cores sobre a tela do computador. Esse é o meu chão. Minha mente havia enlouquecido. Bem que minha mãe dizia. Onde você vai dar com essas ideias, piá? Tenha menos sonhos, desse jeito vai morrer de fome. Você vai ficar como aquele que vendia míseros feijões, enquanto sonhava em ser fidalgo. Você tá do mesmo jeito! Você é um filho pobre! Agora com essa ideia de se meter num curso de arte, o que vai ser? Vai morrer como teu pai. Amante e miserável. E de tanta decepção, morrer de cirrose. Pintava paredes e uns quadros, ganhando menos que o feijão da casa.

Pela primeira vez me apareceu a lembrança de minha mãe falando de quadros de meu pai. Despertaram logo meu interesse. Sempre minimizei o valor das suas pinturas. Vou ver com mais

cuidado essa história das pinturas de quadros. Lembrava, isso sim, dos últimos tempos, quando a sua mente entrava em delírios devastadores. Tomava os pincéis jogando em papéis alguns traços que nunca me levaram à curiosidade de vê-los. E se em seus delírios despertassem movimentos expressivos? Que lenda pode se esconder num bêbado?

Voltei, então, inteiramente às paredes da casa do seu Steinhaus. Como andava com a mente em rápidas impressões, mais ávidas e mais ligeiras, me atirei às cores com silhuetas de gente, animais, vegetais e objetos caseiros. Tudo se movia em harmonia, convertendo paredes nuas em desenhos de minha coloridade. Havia um espasmo diferente em meu corpo febril. Cada ambiente possuía a sua identidade. Esvoaçavam sentimentos e movimentos que os precisavam. Pela madrugada um generoso cansaço foi me tomando. Deveria fugir das instabilidades que acoassavam um louco, o poeta Goethe. Bem, é certo, poderia haver em mim um gênio de humor enlouquecido, jamais o gênio das mil formas do alemão. Bem, Citati descreveu o gênio como *sábio e infinitamente audaz; grave e irônico, carinhoso ao extremo e frívolo, melancólico e profundamente alegre; sensível a todos os matizes das cores e atraído apenas pelos espetáculos da pura escuridão e da pura luz, como os místicos que, conforme gostava de repetir, todos nós nos tornamos ao envelhecer.*

Pena que a minha inspiração levou um tempo curto, depois voltei à minha mediocridade. Mas o resultado da noite não era desprezível. Aí estavam os traços marcando a simplicidade de paredes de cores tradicionais e, por outro lado, havia ousado com traços que não se conformavam com meus antigos jeitos. Uma força sobressaía das paredes, principalmente aquelas do quarto da filha. Mais uma vez me dei conta que os momentos é que se desdobram sobre a gente, bem mais do que a gente sobre eles. Isso, porém, não poderia significar que eu deixasse o barco à deriva, achando que tudo poderia dar certo sem minha colaboração. Garanti a mim mesmo que não seria um papa Júlio II que punha perplexos a cristandade e os

príncipes. Agiria com determinação pra realizar uma obra de qualidade, sem me precipitar. Cuidaria de minha boca que, por vezes, vira fauces e, meus movimentos, desvairados. Apresentarei com decoro e segurança meu trabalho para Alfredo e para Armanda, e seja o que a sorte me reservar. Dois dias se passaram e tudo estava acertado.

Um sonho ilustre

Louvo a vida. Por vezes ela nos mostra que não somos apenas pequenos sujeitos dependentes das circunstâncias. Foi assim: vinha da casa de Steinhaus, onde mostrei os projetos. A apreensão era austera. A minha mãe chegara pela tarde pra me ver. Também ela estava apreensiva em razão de uma foto que mandara. Uma mulher cheia de decisão, por me ver magro como uma vara de marmelo, quis conferir o que me sucedia. Dessa magnífica senhora vou me pronunciar mais tarde. Deitei-me mais protegido. Talvez que o sonho, ao invés de ser pesadelo, tornou-se uma luz pra me despertar vendo tudo com menos intensidade. Já me via capaz de enfrentar sem o medo cruel a senhora Steinhaus e sua irmã Faustina, que também veio meter seu bedelho em minhas pinturas. Antes de adormecer passou-me rápida, como uma lebre perseguida, a ideia: se agora a morte viesse, o que eu perderia? O sonho foi me impressionando, tentando responder aos apelos de minha vigília. Fazia um discurso solene a um grupo de pessoas desconhecidas. Nas palavras havia uma fluência encantadora. Palavras conhecidas, porém, inusuais jorravam de maneira poética, oferecendo-se sem esforços pra lógica e intensidade afetiva e intelectual de minha peroração. O que se perde? Dizia: a nossa casa querida, a habitação, a nossa toca antiga. Quem vai olhar como olhamos as nossas paredes? Quem vai sonhar por nós? Os campos verdes já não mais existirão. Tudo se apagará como uma fumaça tênue. Haverá um silêncio muito grande. Todos se calarão. Os tios não mais perguntarão por nós, e os amigos estarão distantes, e suas palavras não mais nos terão sentido. Quem olhará para as flores da vizinhança? O som das águas de nossos banhos sumirá, e as águas dos arroios não mais vão murmurar em nossos ouvidos. Todas as palavras vão silenciar em nossas bocas. Teremos, porém, uma pequena sorte de não mais ouvir a indelicadeza e sentir o nojo em



relação a certas pessoas. Mas isso será tão pouco que possivelmente nosso peito vai doer perto do que hoje temos e amamos tão pouco.

Na verdade, tento recordar o sonho. Acordado, as palavras me vêm toscas. De toda sorte foi me revelado o seguinte: temos muito mais que aparentemente somos capazes. As circunstâncias são sobejamente mais ricas. Falta-nos o olhar mais honesto em relação a elas. Tirei pra mim, ao acordar, que retiro de todas as oportunidades tão pouco, e é por isso que minha alma anda sem o devido contentamento. De fato, fico devendo pra vida, estando mal agradecido por tudo que me é oferecido. Que coisa será essa de a gente ficar meio tonto, e não como alguém que se desdobra cheio de euforia sobre tudo?

Acho que estou exagerando. Também se estivéssemos atentos a tudo, não haveria coração suficiente pra dar conta. Que, pelo menos, selecionemos o que mais importa e tenhamos um bom coração pra não perder o principal. Me aconselhava desse jeito, quando a lembrança do sorriso da foto fez meu coração acelerar. De novo minimizei meu desejo de ver melhor o sorriso e as intenções que nele se escondiam. Ô, cara, faça teu trabalho e deixe de querer tudo de uma vez. Estava contente e quase eufórico por haverem concordado com que fizesse, como experiência inicial, o projeto mais radical no quarto da guria. Se acaso, o resultado fosse aprovado, poderia ser estendido aos demais ambientes da casa de Steinhaus. Quando todos concordaram com o projeto mais audaz, vi no rosto e no olhar da garota uma vibração que muito me agradou. Por vezes se vê bem mais do que a realidade. Como nada na vida se faz de acordo com nosso inteiro agrado, vi no olhar de Armanda uma reprovação pelo entusiasmo da filha. Ao me retirar, ia entrando uma mulher feia como as gentes do círculo dos infernos que me olhou com certo olhar malevo. Ich! Aí tem coisa, pensei, me sentindo mal.

la com meus pensamentos desse jeito, quando ouvi no pequeno quarto de hóspedes minha mãe tossir. Doeu meu peito

aquela tossida funda e cavernosa. Meu Deus, pensei, por que faço menos da beleza de minha mãe? Levantei-me e fui preparar o café. Ela já estava de pé. Vi seu rosto sem pintura e me assustei. Abracei-a ternamente, fazendo de conta que não percebera o estado em que os anos e as preocupações a deixaram.

Ela, pressurosa, foi logo falando de sua preocupação.

— Vim te ver porque te achei um espeto. Acho que vou morar contigo antes que vire um fio de linha.

— Não exagera, mãe. Dizem os entendidos que os ratos magros duram mais que os ratos gordos.

— Acontece que você é um homem que trabalha, e não um rato.

— Tá bem, mãezinha, vou comer melhor. Espero que fique um bom tempo comigo e vou comer melhor contanto que a senhora vá comigo ao médico.

— Vou, sim. Desde alguns dias sinto que meu peito não anda bem. Você vai ao trabalho que já agendei pelo SUS uma consulta. Pode não ser o melhor sistema de saúde, mas os médicos estão mais atenciosos.

— Depois eu converso com o médico. Se a senhora está de olho em mim, vou ter o mesmo cuidado.

No quarto de Letícia

Depois da conversa com minha mãe, me dirigi ao trabalho que a ansiedade andava alta. Dia anterior já havia levado meus apetrechos e as tintas já estavam na casa dos Steinhaus. Tudo de acordo com meu projeto a ser iniciado no quarto da garota: o rubi e o verde-limão, o pêssigo e o rosa-melodia, o azul-arpoador, o cromosuave e o branco-gelo a serem espalhados nas composições alegres do quarto da menina que sorriu.

Lá chegando fui saudando alegremente a senhora Armanda. Pedi permissão pra me dirigir ao quarto por onde começaria meu trabalho. Ouvi a guria dizendo que poderia subir. Não teve dúvidas, a mãe dela me acompanhou. Será que via em mim algum perigo? Entrei no quarto. Ela estava em trajes da noite. Recatada, entretanto, as formas nitidamente perceptíveis. A mãe mandou com severidade: Letícia, vai logo trocar de roupa! Se isso era jeito de receber um homem?, admoestou. Nada demais! Falou Letícia, decidida. Pode sair, mãe, ele não vai se avançar. A mãe, ainda severa: desce logo que o café está na mesa! Tá bem, mãe!

Começou logo um diálogo que tenho pra mim ser o mais prazeroso que até agora me aconteceu.

— Quero ver com mais detalhes o que vai fazer.

— Sem problemas, espero que saia uma beleza.

Acercou-se ainda mais próxima. Dobramo-nos sobre o projeto.

— Não são muitas as cores? O quarto não vai ficar muito austero? Me agradaram os motivos.

— Se o projeto está te agradando, espero que a cópia fiel posta na parede seja ainda mais expressiva. A severidade será controlada por luzes, mas se não for de seu gosto, posso, sem

problema, aplicar sobre essas figuras, que pra mim são delicadas, o projeto mais tradicional.

Já ia folhear o desenho tradicional, quando a mãe abruptamente entrou quarto adentro e em tom inapelável falou:

— Faz meia hora que a mesa está posta.

— Espera aí, dona Armanda, estou vendo com o Giordano o meu quarto.

— Discute depois e, enquanto o pintor estiver trabalhando, você não entra mais. Toda tinta é tóxica e tudo isso é perigoso. Além do mais, já viu se teu namorado chegar? O que vai dizer? O doutor Ambrósio vai ser capaz de se irritar, e com toda a razão.

— Vou descer. Aplique o primeiro projeto. E desculpe.

— Vou fazer como pede.

Elame olhou com olhos de uma deusa. Havia certa ternura, sem falar nas vestes que se tornaram mais vaporosas com a brisa.

Comecei a desenhar com suavidade as bordas das figuras, pois estavam nuas. As paredes estavam livres, conforme havia solicitado ao jardineiro no dia anterior. Havia uma pronunciada sensação de beleza que aos poucos ia se manifestando nas figuras. Muito mais havia em mim que a necessidade dos ganhos de minha profissão. Percebia, como a luz da manhã que se fazia intensa, as duas razões de minha satisfação. Me comoviam as silhuetas ternas de animais, de meninas e rapazes, livres, num campo, que aí se retratavam, obedientes às minhas mãos. Outra razão se compunha do sorriso, que, adivinhava, se faria no rosto dela ao ver a obra completa em suas paredes.

Ao final da manhã, eu não percebendo as horas, chegou-se dona Armanda dizendo que se passava do meio-dia. Irritado, pedi desculpas, dizendo-lhe que em breve sairia. Ao me retirar ouvi Armanda e, pela cara, sua irmã, conversando entre dentes.

— Olha bem, Faustina, dizia Armanda.

— Tô de olho, respondeu

Os olhares, ao me despedir, não me eram favoráveis. Avisei que retornaria assim que almoçasse. A senhora Armanda avisou-me que ao final da tarde iria falar comigo.

A Letícia me esperava na varanda da casa e acompanhou-me até o portão, desdobrando-se a conversa.

— Esquece a mamãe. Essa história de namorado é invenção dela. Não liga nem pra ela nem pra minha tia Faustina.

— Veja, Letícia, estou aqui precisando fazer meu trabalho e peço desculpas se, acaso, fui ofensivo por algum gesto. Acho que não agradei a tua gente.

— Estou com meus 24 feitos e não dependo em nada das orientações de minha mãe. Apenas estou dando um tempo até concluir meu mestrado.

— Não se precipite. Afinal, ela quer apenas te proteger. Deixe que termine em paz meu trabalho.

— Está bem, completou ela, contrariada. Quando é que termina meu quarto?

— Acredito que até depois de amanhã.

Despedimo-nos, e já as duas irmãs nos cercavam.

Vendo-me pequeno

Voltei pra casa com a terrível sensação de um coração trifurcado. Duas direções convergentes: a agradável e atraente Letícia e minha engenharia de cores em imagens transbordantes; a outra, o mal-estar provocado pelas rejeições da mãe e da tia. Algo me dizia que Faustina estava mais pra faucina, por parecer ter mais uma fauce, pronta pra devorar. Me senti um pobre Jesus debaixo do mau tempo. Me entendia como ele, mal acompanhado de romanos dominadores e de judeus invejosos. Havia um peso maior que poderia suportar, daí o grito do abandono no alto da cruz. Aí se fazia um homem cheio de grandes intenções dentro de uma teia que não suportava e nem o suportavam. Me sentia um Ciro ameaçado pelos medas, um Moisés enlouquecido pela escravidão. Eu estava como o povo brasileiro: carente de honestidade e tão cercado de ladrões impunes. Ia eu na motinha roncadora tentando ir para casa.

Minha mãe não havia chegado ainda. Mais aumentava minha tribulação. Me atirei no sofá esperando que a angústia sossegasse um pouco. Passado o pior momento: que a natureza tem lá seus recursos, maiores do que aqueles de que a consciência pode dispor. Fui preparar um chimarrão. O ritual sagrado da erva, do fogo e da água tem sua virtude contagiante. Me senti como Jesus no templo, como Ciro salvando os persas, como Moisés atravessando desertos. Apenas não conseguia afastar o cálice dos ladrões. No primeiro sorvo tive a resolução de ver com cuidado de como me livrar de males e como levar adiante meus apelos. Fui reler *O Príncipe* de Maquiavel e daí retirar o caminho pra me fortalecer nos jeitos de amansar as duas feras e conversar em paz com Letícia. Me portaria como um fidalgo tentando conquistar um principado. Tinha dúvidas se não estaria parecendo um Dom Quixote, ou, pior ainda, um pobre Sancho tentando atender um louco. Estava, porém, mais bem servido que os dois loucos. Tinha o senhor Steinhaus, o meu protetor que já havia feito de mim, pelo reconhecimento de meu ofício e gentileza pra com

minha pessoa, um ser que se constituía tão diferente. A comunicação penetrante de sua palavra me deixou mais forte, despertando o pintor que dormia.

Assim procedia em pobres e pretensiosas cogitações quando ouvi alguém bater à porta. É a mãe, pensei. Pra meu espanto, aí se postava o senhor Steinhaus. Ironicamente pensei: é o rei em casa de pobre. Mas não, o rei estava sereno, e aquela serenidade não poderia trazer um péssimo veredicto.

— Boa tarde, meu pintor.

— Boa tarde, respondi. A que devo a honra de recebê-lo, doutor Alfredo?

— Posso entrar?

— A casa é acanhada.

— Mas pelo que vejo está em reforma.

— Estou tentando torná-la mais acolhedora.

Nem bem havia se acomodado no sofá, foi logo falando.

— Vou direto ao que me traz.

Na situação em que me encontrava, a pequena pausa me pareceu infundável.

— A Letícia me contou o incidente com a minha esposa e a tia.

— Não leve em consideração. Imagino que elas temem que vá me aproximar demais da Letícia. Também sei do ditado que diz que na casa em que se recebe o pão... Não penso em faltar com respeito tampouco perturbar qualquer sonho maior. Um pintor de paredes, no entendimento delas, não pode competir com doutores. Entendo sem ressentimentos o lado delas.

— O que você fala não é minha opinião. Sei que você deve estar em conflito por se sentir rejeitado e ter necessidade do trabalho. Reafirmo o que falamos. Falei com severidade com Armanda para o trabalho se desenvolver em paz. Acho que foi o suficiente. As questões afetivas de minha filha eu deixo pra ela resolver. Não vou olhar pro poder financeiro, mas me inclino com todo o desejo pra que se una a um homem de caráter. Minha conversa vai além do desconforto criado.

Mais uma vez me senti de uma quietude incômoda.

— É sobre tua arte, Giordano.

— Qualquer correção que deva fazer nos projetos será bem recebida.

— A Letícia e eu espiamos os primeiros traços. Ficamos muito bem impressionados. Parto daí pra lhe propor um desafio. Precisamos de um mural para o Fórum. Vamos fazer um concurso para o tal painel da justiça. Para tanto existe um razoável valor. Trouxe uma ficha, se for de teu interesse...

— Mas é claro, doutor Alfredo. Vou deixar minha casa pra depois. Agora vou enfocar minha atenção pra mostrar esse projeto. Meus próximos fins de semana, tenha certeza, vão estar muito bem ocupados.

— Aqui estão as medidas solicitadas.

— Não sei como agradecer mais essa oportunidade. O senhor nem sabe o quanto até agora valeram suas palavras e seus gestos em meu favor.

— Não fale disso. Apenas estou atendendo ao que me agrada também. É pra mim uma aventura retirar das pessoas o que elas têm de melhor e afastar o que têm de pior. Faz parte de meu ofício.

Uma batida suave na porta. Minha mãe.

Feitas as apresentações, disse pra Alfredo a razão da vinda de minha mãe. Ele se mostrou interessado. Mais uma vez admirei-me de sua humanidade, pois poderia se retirar, uma vez que haviam se esgotado os assuntos que o trouxeram.

— Pois é, doutor Alfredo, a dona Francisca está preocupada com o pulmão.

— Não é pra menos, meu filho. Vi, no rosto do médico que me atendeu, muita tensão. A enfermeira trocou uma ideia com ele. Vi que ela exclamou baixinho o nome de Jesus. Carrego Jesus no coração. Não sabia que no pulmão também. Pediram pra realizar alguns exames. Fui ao SUS, aí no hospital. Ficaram marcados somente pra daqui dois meses, falou de um riso em desalento.

Percebi que o doutor Alfredo se condeou da curta narrativa. Não perdeu tempo.

— A senhora não acha que é muito tempo dois meses?

— Acho, mas ainda bem que temos o SUS.

— A senhora não leva a mal se lhe oferecer um serviço mais rápido?

— Mas como e com que dinheiro?

— Tenho um amigo num centro de diagnóstico que, às vezes, presta um favor.

Na mesma hora, tomou o celular e, em dois minutos, agendou os exames pro dia seguinte. Comprovei mais uma vez que nesse país mais vale uma rica amizade que um direito. Logo após, acompanhado de extremados agradecimentos por parte de minha mãe, ele se retirou.

Depois de alguns segundos, dirigi meu olhar para o rosto dela. Uma lágrima escorria pela assustada. Percebi que seu medo da morte podia ser menos terrível, acompanhada de seu Jesus,

entretanto, a tristeza do olhar media seu tormento. Consolei-a dizendo o quanto estava bem assistida com a força do meu novo amigo.

Trouxe um alimento pra você, meu filho. Vou descansar um pouco. Bati perna um monte. Depois vou preparar uma comidinha especial, conseguiu se expressar.

Ela se retirou para descansar e eu quieto, aí sentado, novamente me dividindo entre minha mãe e minha nova tarefa. Um filme passou rápido no qual cenas diversas me comoviam. Minha mãe, ora me acordando, ora me admoestando quando faltava com respeito. Cena comovente foi da sua imagem juntando do chão meu pai bêbado enquanto falava: meu bem, quando vai terminar tudo isso? Associada a essa cena, vi meu pai entregando-lhe um rolo de papéis, enquanto murmurava: foi o que de melhor fiz, perdoa minha fraqueza. Poucos dias depois ele veio a falecer, tendo o seu olhar sobre mim. Me sentei logo em seguida junto à mesa de trabalho e comecei a pensar sobre o painel da justiça.

Figuras me assaltavam. Alguém carregava o peso de um livro a orientar as direções de seu caminho. Pessoas agitadas dialogavam. Três círculos definiam as virtudes, o discernimento e os males. Os males jogados em labaredas. Não saberia se aí seriam postos os corruptos e os violentos. No círculo do discernimento uma balança definia a medida certa e sobre tudo as grandes virtudes: pelo menos a caridade e o pensamento. Ocorreu-me, também, um painel enxuto. Um homem carregando o nome da lei e uma mulher, a virtude. Assim me ia entre a volubilidade da inspiração quando senti alguém me abraçar, beijando minha cabeça. Murmurou: meu filho. Abracei mais uma vez minha mãe e entre nós brotou uma boa conversa.

- Sinto minha vida por um fio, meu garoto.
- Vamos deixá-lo mais resistente.
- Deus te ouça.

— A medicina faz milagres, mãezinha.

— Antes de morrer, gostaria muito de ver você um grande profissional. Sei que não te falta talento.

— Agora quem diz Deus te ouça sou eu.

— O laboratório fica longe daqui?

— Já solicitei pro vizinho lavá-la até lá. Ele trabalha no caminho do laboratório.

Houve alívio em meu peito ao pensar que poderia tê-la por mais algum tempo. Assentaria minha atenção de tal forma pra que sentisse todo meu reconhecimento. Buscaria estabelecer um relacionamento cheio do que dizer. A primeira providência foi lhe contar todos os acontecimentos dos últimos tempos. Ouvi dela preciosas recomendações. Algumas seguiam proposições de Maquiavel. A primeira consideração foi a de ver se meu interesse estava voltado pra Letícia também. Se meu interesse estivesse voltado pra ela, que me cuidasse do poder da mãe e da tia. Se não houvesse interesse, deveria voltar minha atenção pra não deixar Letícia em constrangimento. Atalhei:

— Acho que ela não está na minha. Qual a razão de se entusiasmar por um pintor de paredes, ainda mais separado?

— Nunca se sabe o que vai no coração de uma mulher. Veja meu caso, filho. Teu pai já bebia quando nos conhecemos. E adiantou os conselhos de tua avó Brígida? E para de dizer que és apenas um pintor de paredes. Se é como o juiz te falou, ele vê em ti mais que tu mesmo. Pra que foi que te paguei um curso superior?

— Vou estar atento, mãe, às suas palavras. Agora, de saco pra mala, que é feito de um rolo que meu pai entregou antes de morrer?

— Tá lá em casa dentro de uma mala de madeira

— Posso buscar e ver o conteúdo?

— Pode. Agora vou preparar uma comidinha leve.

Ela se dirigiu até a cozinha, e a vi caminhando mais ereta. Havia uma aura de bem-estar atravessando seu corpo. Não sabia se era pelo fio de esperança ou se pela comunicação entre nós dois. A vida se comunicava entre todos os tempos.

Ao me dirigir ao computador, me foram nítidas as imagens de um peão carregando uma bandeira ao vento com a palavra Lex e de uma prenda de belas roupas erguendo outra com a palavra Virtus. A paisagem toda respirava liberdade.

Aquela noite estava pra peixe. Não é que Venite me telefonou dizendo que encontrara emprego? Mais que a satisfação de ouvir uma voz sem rancor, foi ouvi-la sem me recriminar pela dificuldade em me sair bem como pintor. Logo a seguir descobri a razão do tom ameno do telefonema.

— Giordano, estou comunicando que encontrei um amigo.

— Entendi a amizade. Espero que ele te dê mais proteção que um pintor de paredes possa te dar. Desejo ao teu amigo que sustente por muito tempo uma boa casa. Falei com certa ironia.

— Não vou estender minha conversa pra manter o que de bom sobrou entre nós. E vou reencaminhar o processo pedindo arquivamento da pequena pensão.

— Agradeço muito tua compreensão.

Comecei a divagar entre o sono e a vigília. Pois é, parece verdade: pode haver um sim bem maior que um não. A última luz da consciência me trouxe de graça algumas ideias: os conselhos de Maquiavel aos príncipes que queiram conquistar um principado ou mantê-lo, ainda que conquistado pela virtude e fortuna ou pela força. São interessantes pra qualquer cidadão, mudando o que deve ser mudado. Entendo que a força pode ser usada somente em última

instância, que é pra salvar a própria pele. O diálogo pra se chegar a um consenso é o melhor caminho. Propositei de avaliar muito bem o que ele diz aos príncipes. A noite, porém, me dava sinais de silêncio. Lembro agora de outras ideias, mas as sombras do sono vieram rapidamente, dizendo que se fizesse descanso.

Dia seguinte

Se o dia anterior foi cheio de surpresas, bem maiores foram as que sucederam. Mal havia levantado, vi minha mãe numa azáfama perturbadora

— Ué, mãe, que violência é essa?

— Acontece, meu garoto, que faz muitos anos que não me sinto assim.

— Me alegra ver a senhora assim.

Ouvi o conhecido ronco do carro do vizinho ao qual pedira uma carona para minha mãe

— Mãe, já estão aí fora esperando pela senhora.

— Mande esperar um pouco que me ajeto.

Lembrei mais uma vez de semelhante situação. Alguns meses atrás, acompanhei uma vizinha que solicitava uma casinha nova da prefeitura. Vi muito bem o quanto a velocidade depende dos interesses. Muito mais que uma casa, a vida de minha mãe estava em jogo.

Saiu como um raio porta afora, entrando contente no carro.

Mais que rapidamente, tomei de minha motinha, partindo pra casa do juiz. O ambiente me pareceu melhor. Dona Armanda me recebeu com uma cara menos rancorosa. Fui até meu ambiente de trabalho. Me alegrei por ver o que estava por concluir. Ninguém apareceu, e o trabalho avançou rapidamente. Retornei pra casa, encontrando minha mãe feliz da vida.

— Posso saber, minha senhora, a razão de tanta alegria?

— Pode, pode. Os exames acusaram um enfisema menor que esperava. Tenho mais vida que imaginava. Com um bom

tratamento posso ir mais longe ainda. Amanhã mesmo vou voltar pro centro de saúde pra levar os resultados.

— Ótima notícia, mãezinha. Teremos muito que falar.

— E eu contigo. Vou juntar uns trocos. Vou ao mercado pegar umas coisas. Isso vale uma comemoração.

À tarde retornei ao trabalho e assim se sucedeu dia seguinte, quando concluí a pintura do quarto de Letícia. Parecia ter havido um consenso em não me perturbarem. Assim foi até o momento em que avisei, ao final da tarde do terceiro dia, que o quarto estava pronto. Vieram todos, e até a empregada pediu se poderia vê-lo.

Esperei na varanda o veredicto final. Pediram pra que eu subisse. Estavam maravilhados, tanto pelas paredes, com a plasticidade das figuras que se arranjavam, como pelo teto, que se transformou em suaves circunvoluções etéreas. Uma representação masculina e outra feminina se desdobravam estendendo as mãos: o eterno apelo humano pra comunicação. Ambas insinuavam a ternura de corpos em busca de completude. Estávamos contemplando os traços e as cores quando entrou Faustina. Não deixou de dar sua impressão viperina: é uma provocação, sentenciou. Deixa estar que nem tudo está concluído. Liguei a luz que era controlada a gosto das tonalidades de quem manuseasse. Mostrei as diferentes maneiras de se ter o que aí fora pintado. Havia no ambiente uma espécie de comoção, e isso me satisfazia completamente. Percebi com nitidez a realidade: não é o que se faz que conta. Mais importante é o efeito se estendendo sobre quem recebe o que foi dito ou feito. Fui saindo, como a dizer isso não me pertence mais. Percebi, porém, mais agudamente o temor da mãe e da tia, pois Letícia era uma exclamação só de contentamento.

A senhora Armanda alcançou o telefone fixo para Letícia. Tudo aconteceu num átimo.

— Atende, é o doutor Felinto.

— Ninguém fala.

— Então foi engano.

— Já disse, mãe, esqueça o Felinto e os outros que a senhora está inventando.

Percebi que se formava um grande mal-estar. Saí de lado e já me dirigia pra porta da frente, quando Letícia me falou, não escondendo as palavras nem na altura do tom nem na clareza.

— Quero conversar contigo, Giordano. Vou fazer uma boquinha no Bar do Dé, daqui à duas horas. Por favor, é assunto de sua profissão.

Agradei. Logo atrás vinha dona Armanda e ia entrando o Sr. Steinhaus. Feita a saudação fui me pronunciando:

— Preciso saber do senhor e da senhora qual dos projetos será escolhido para o quarto do casal.

— O mais parecido com o quarto de Letícia, Armanda falou categórica. Se não gostar mando apagar.

— Foi isso que combinamos, Giordano. Agora vou subir contigo pra apreciar o quarto da minha filha.

Mostrei-lhe o todo e os detalhes.

— Acho que consegui expressar, mais ou menos, a ideia original. Nas paredes a terra e os animais. Acho que pude não tornar carregado o ambiente. No alto um casal em busca de encontro e comunicação. Causei boa impressão ao lidar com as luzes. O ambiente possui diversos humores conforme o claro ou o escuro que se lança sobre as partes.

— Muito bem. E no quarto meu e da minha esposa, qual será o motivo?

— Nas paredes será outono e, no teto, um casal em comunicação. O senhor pode conferir no projeto que alcancei pra sua esposa. Qualquer correção será bem-vinda, doutor Steinhaus.

— Deixa de cerimônias, Giordano. Se não me chamar de maneira mais simples vou chamá-lo também de doutor. Afinal, você e eu temos apenas o curso superior.

Tudo na vida é semelhante às horas. Aparentemente são irmãs meigas, mas nunca iguais. É isso mesmo, bem assim como pensa Goethe. Foi descer apenas a escadaria e meu grande aliado dar um passo em direção ao corpo da casa que as duas irmãs me pegaram de tocaia.

— Nem pense em se acercar de minha filha, falou a mãe.

— É muito esperto o nosso pintorzinho.

— Nem uma coisa nem outra, respondi. Não vou me acercar. Vou me encontrar com ela. A gente não pode decepcionar uma garota. E apenas me interessa que ande bem em minha profissão. Tenho um metro e oitenta de altura, senhora Faustina, por isso pelo menos me chame de pintor. Senhora Armanda, não me julgue por uma pessoa indigna. Terei admiração e respeito por tudo que sua casa contém. Agora tenho que ver minha mãe que não anda muito bem de saúde. Espero que a mão que seu marido me deu tenha bons resultados. Sou muito grato a ele e à senhora por terem confiado a casa ao meu ofício.

Pelas últimas palavras, vi que diminuiu a insatisfação no rosto de Armanda, não o rancor no rosto de Faustina.

Da boquinha da noite

Narrar a sorte que me foi reservada me pareceu indescritível. Sem tirar nem pôr, não há como descrevê-la. Se um homem como o senhor Steinhaus fez um milagre de mim, revelando o que eu era e o que não era, imagine só o que foi ser convidado pra passar algumas horas com Letícia. Baita sentimento! Ou seria por que a minha auto-estima estivesse ainda muito pequena, ou seria por que ela fosse demais pra qualquer homem? Me inclino a acreditar na segunda hipótese. E o que era aquilo de só tratar de assunto profissional? Quando ia saindo, o senhor Steinhaus vinha chegando. Falei de minha mãe, como desculpa, e, sem muita atenção à sua digníssima pessoa, fui recolhendo o material. Percebi que estranhou. Se soubesse...

Minha motoca vibrava ou seria meu coração que me dava a sensação de estar em transe? Sei lá, só sei que ela quase não andava segura como doutras vezes. A razão não acompanhava a emoção. Ou seria o contrário? Ainda bem que cheguei ileso. Mal consegui apagar o motor de tão espavorido. Queria saber de minha mãe e contar o sucedido. Minha mãe descansava e olhei-a dormindo. Estava de feições mais amenas. Um certo rubor mostrava mais vitalidade. Ou seria o afogueado dos febris? Estendi minha mão até sua frente e percebi que a temperatura estava normal. Ela, então, abriu os olhos e me sorriu. Tudo estava dito em seus olhos. Uma incontida felicidade se desenha no rosto inteiro.

— Boas notícias, filho! É um enfisema e não o pior que eu esperava. O doutor disse que a obstrução não é tão grave. Fez muitas perguntas e entendeu ele que eu estava em um ambiente muito poluído. Lembra que o meu apartamento dá pra rua, e aí só faltam os carros entrar em casa. Tenho que me mudar pra respirar melhor.

— Bela notícia!



— E você como está?

— Nem te conto, mãe. Vou sair pra fazer uma boquinha com a filha do juiz.

— Cuidado, seu Giordano. Mulher pobre dá trabalho e mulher rica é um perigo! Não se anime que pode haver mais pau do que tocinho.

— Estou vacinado, mãe. Sei muito bem: o amor tem seus sustos e nunca se sabe de onde eles vêm.

— Não é isso que teu rosto fala. Você foi sempre muito explosivo.

— Por isso mesmo estou mais atento.

— Bem sei do sangue que te corre. É o mesmo que o meu. Já como velha, volta e meia digo e faço pra me arrepender.

— E o trabalho?

— Bem! Só não entendi bem o que a filha quer. Me disse que quer falar comigo sobre minha profissão.

— Vai ver que ela se entusiasmou com tuas pinturas e não com o pintor.

Num ápice vi que, de fato, me precipitava, Deixei o senhor Steinhaus a ver navios. Uma desatenção pode valer um ressentimento. Fiz porcaria. Nesse momento vibra meu celular. Era Venite. E como estava mudada. Minha veia brincalhona e irônica deu de aparecer.

— Olá, amiga. Como vai a amizade?

— Deixa de ser besta! O que eu quero é rever o meu ganho. Já sei de teu trabalho.

— Escuta, garota! Não venha me atrapalhar. Ficamos juntos apenas ano e meio e se acha cheia de direito. Espera o meio ano e veja qual o teu emprego.

— To desempregada!

— Isso não é bom pra ti. Sei onde estava trabalhando. Quero saber o motivo. Agora vou desligar o telefone que tenho mais que fazer.

— Tô mal, Giordano!

— Outra hora a gente se fala. Tá bem, vou retornar amanhã. Estou com a mãe e ela precisa de atenção.

Despedimo-nos. Mais que tudo, senti o desespero dela. Meu rancor por ter me preterido em favor do dinheiro foi desaparecendo. Se eu não estivesse bem, seria possível não carregar os mesmos sentimentos. Em quantas situações as circunstâncias nos enfiam, e haja prudência. Se estou bem, não posso deixá-la mal.

Fui tomar a bênção de minha mãe antes de sair, senão por muita fé, ao menos pra saber dos meus cuidados. Novamente a motoca andava por conta de minha ansiedade. Falava pra mim: ô, cara, a felicidade é medida pela serenidade. A euforia não é boa conselheira. Sejam suaves teus movimentos quando a ternura avassala. Conselho não me faltava, quero ver eu lá diante da deusa.

Cheguei, e sabe que os meus conselhos foram um expediente efetivo? Logo a seguir, chegou e não se avolumaram as emoções. Aí estava um homem razoável.

Terminados os *ois*, pedi pra mim uma água e

— O que vai tomar, Letícia?

— Uma cervejinha. Uai, você não bebe?

— Mais tarde te acompanho.

Ela começou tecendo elogios às impressões causadas ao pai.

— Transmita a ele meus agradecimentos. Espero poder concluir o trabalho com seus elogios.

O clima sensual dela havia se esgotado em poucos instantes. Agravou-se quando puxou de uma pasta alguns papéis nos quais constava a proposição de um projeto.

— Quero ver, Giordano, se você concorda em aceitar que eu possa criar uma empresa na qual vou empresariar tua arte. Achei teu trabalho de um grande potencial.

— E você pretende explorar o meu potencial?, falei com certa austeridade. O que pretende organizar?

— O curso de mestrado profissional que realizo exige uma dissertação na qual se crie uma empresa que demonstre os passos e a densidade financeira. De preferência, que mostre o desempenho no primeiro ano. Já falei com meu pai, e ele concordou em falar com você pra fazer que saia dessas folhas o que estou pretendendo. É ele que vai financiar a iniciativa. Já tenho sala e alguns clientes elencados.

As palavras iam me deixando cada vez menos entusiasmado. Permanecia calado. Não carecia de esforço pra se sentir o clima. Fazia de conta que me envolvia pelo tamanho dos olhos sobre as folhas. O coração estava longe. Não dava pra não perceber o meu rosto rígido. Minha testa franzida. Meu sangue desapaixonado. Acho até que o corpo mudou o clima em torno de dois metros. Propositei-me a não ser indelicado.

— O que você tem a dizer?, falou.

— Vamos avaliar os aspectos financeiros. Se sou seu fornecedor e fazedor de pinturas, preciso saber quanto vale a minha arte.

— Tenho por base a metragem dos custos de meu quarto.

— Não concordo, falei.

— Por quê?

— O valor dado ao seu pai tem muito de amizade e foi o que deflacionou meus valores.

— Está bem. Então, quanto custa o metro quadrado de sua pintura?

— Cem por cento a mais.

— Aceito.

— Vai me convidar somente pra pintor de paredes? O teu projeto não inclui a arte em quadros?

— Vou pensar no assunto. Para tanto necessito de alguns deles.

Com a finalidade de amenizar meus sentimentos, puxei de minha vontade para superá-los. Se o coração fica mal o remédio é a cabeça. Passou como nuvem a lembrança de meu pai.

— Vou te alcançar. Estou concluindo o projeto do painel do fórum. Sabe, meu pai passava horas sobre telas brancas. Estou tentando resgatá-las. Isso não significa que não te alcance as minhas.

Aí ela começou a ver o quanto andava distante de mim. Fez menção de se aproximar. Muito mais lindos ficaram seus olhos.

— Te acho um cara muito distante, falou.

— Pudera! Pensei encontrar uma garota e me deparo com uma negociante.

— Então escondeu até agora as tuas intenções?

— Desculpe a sinceridade. Queria dizer amenidades, e não validades. A noite tem magia e faz a gente ser mais humano.

Entretanto, agradeço a parceria em teu projeto de mestrado. Peço mais uma vez desculpas por ter me desviado do assunto e até ter sido indelicado.

— Sou eu que peço por vê-lo frustrado. Sei que houve uma recente separação. O negócio proposto foi uma forma de me aproximar sem ferir o teu luto.

— Letícia, nem ela nem eu choramos no velório. Não pretendia o rompimento, mas a Venite queria mais de mim que meu amor. Meu recurso era pouco. Ela fez um péssimo investimento ao pensar que um pintor de paredes pudesse oferecer mais.

Seus olhos estavam ternos, e uma delicadeza avançava em seu corpo. A carruagem comum andava lenta, e os cavalos da ternura e do dinheiro não se davam bem. Meu corpo negava o que antes eu pretendia.

— Bem, o seu trabalho é pesado e delicado fazendo você cansar. Concordo em darmos boa noite. Vou levar adiante o projeto e, da próxima vez, prometo ser menos mercenária.

Minha motoca não vibrava tanto, mas não desistia de andar a despeito das pedras próximas de minha casa, enquanto eu avaliava os extremos da ambivalência do encontro. De um lado minha pretensão, ou ilusão como eu queira, de outro a proposta que julgara indecente. Bom, não posso me frustrar por não ter havido correspondência inicial na primeira pretensão. Ou será que as mulheres são mais previdentes, entendendo que, antes de confiar, precisam provar do companheirismo? Será que ela não escondeu a ternura e outros sentimentos mais fortes para ver primeiro onde estava se enfiando? Mais ou menos assim: primeiro vou ver se dá pra casar pra depois amar. Se eu desse pra trás na proposta da parceria, ou fizesse de menos, ela poderia achar de não fiar-se em mim de corpo e alma. Por outro lado, não posso desprezar o fato de ela acreditar em meu potencial. O que devo fazer é me cercar de prudência. Não convém pôr os bois na frente da carroça. Ela me atrai,

mas convém delicadeza antes de entrar em terra alheia, por mais bela que seja.

Ao chegar em casa, lá estava minha mãe, curiosa pra saber do resultado final do encontro. Falei tudo. Ela concordou sobre os cuidados necessários, dizendo que eu estava querendo ir com muita sede ao pote. Aconselhou-me: o amor de alguém é confiável quando é mais reservado. Você, meu filho, fica sabendo que ela preza muito o caráter do companheiro. Mulher, meu filho, ama estar protegida. Por que sofri tanto com teu pai?

Falamos depois sobre o local do rolo de papéis ou telas que meu pai havia deixado. Disse-lhe que temia pela umidade se fossem pinturas que não estivessem bem acondicionadas. Ela afastou meu temor dizendo que o pacote estava bem protegido sobre o guarda-roupa.

Na cama as ideias rolavam em mim como água em grande cachoeira. Mais uma vez conferi o quanto os fenômenos em meu entorno eram líquidos. Mudavam tanto e eu com eles. Aí é que mora a sabedoria: medir tudo, sem perder a decisão do melhor mergulho. Pedia a mim mesmo a serenidade necessária, pois conhecia muito bem minha impulsividade.

Da noite seguinte

Fui trabalhar apreensivo para saber da reação de Letícia. Recebeu-me efusiva, bastando para me reanimar. Mais animado fiquei quando ouvi:

— Você pode fazer outra boquinha comigo hoje? A nossa conversa não foi das melhores.

— Com muito prazer. Andei pensando sobre a parceria.

— Que parceria, Giordano?

— De você vender meu ofício.

— Você está sendo muito duro comigo.

— É que, às vezes, entendo muito mal o que me falam.

— Pode não ter entendido tudo.

Ela foi pra universidade e eu pro trabalho.

A noite chegou devagar. Minha moto andava feliz. Esperei pouco tempo por ela. Veio vestida parecendo mais jovem. Agradou-me seu jeito ameno. Começou a falar.

— Saí de casa pensando em meu quarto. Não canso de olhá-lo. Me agrada o jeito de você ver minhas paredes.

— E não só as paredes. Rimos. Fiz o que pude pra revelar o quanto te quero bem.

— É um convite pra te querer também?

— Nunca alguém se sentiria melhor que eu. Pois te vejo bem, e não gostaria de apenas ser teu pintor de paredes.

— Por favor, não tenha falsa modéstia.

— Fala um pouco mais sobre o que quis dizer ontem quando falou de tratar de minha profissão.

Ela, então, se desdobrou em explicação. Seu projeto de mestrado me incluía, porquanto buscaria transformar num empreendimento a qualidade de minhas pinturas. Aceitei, pois não haveria o que perder. Apenas expus minha dúvida sobre os lucros da sua empresa. Esclareceu não ser sua empresa, mas nossa.

— Tem mais, se expressou firme. Pode o teu esforço não ter sido bem encaminhado. Vou fazer de tudo pra que você se saia bem. Escuta, Giordano, não vim apenas falar de tua profissão. Vim saber de ti se existe ainda alguma ligação com a primeira mulher.

Auscultei meu coração que estava precavido por causa dos conselhos de minha mãe. Suportei, com paciência e boa vontade, a conversa do negócio.

— Mas o que tem ela a ver conosco e com nossos negócios?

— E quem é que está falando de negócios? Estou falando se quer ser meu namorado.

Fiquei desorientado. Ela percebeu meu susto. Saiu de seu lugar e enrolou-se em meu pescoço, cobrindo meu rosto com seus cabelos.

— Santo Deus, consegui exclamar.

— Não precisa rezar. Olha bem se não posso ser a boa imagem de teu Senhor.

— Não vou rezar, basta beijar.

Foi um momento divino.

Os minutos se sucederam como se eu fosse um pássaro. Se a felicidade pudesse estar contida numa noite, essa seria a noite que o Senhor fez para mim. Abençoei cada minuto e não perdi a ocasião de agradecer a todos os momentos que me levaram até o bar.

Os demônios da segunda-feira

Isto é certo, nunca se sabe o que as horas nos reservam. Tudo andara bem, mas os fluidos se deterioraram rapidamente.

A noite foi infeliz. Sonhei com cobras pequenas e grandes e com aquelas que estavam em fase de reprodução. Mais que meter medo, provocavam nojo. Tomei café de um pão dormido. Infinita a diferença da noite anterior. Mais que a virtude de minha decisão de superar os maus sonhos, me comprometiam os meus sentimentos. Meu rosto espelhou os traços do rosto de meu pai. As circunstâncias, porém, me faziam bem. Me agarrei a elas para superar as minhas forças moles. Me havia como um guerreiro vencido. A moto me entendeu. Ela também resfolegava em sons sem vida. Antes bufava, agora gemia. Assim que cheguei à casa dos Steinhaus, tudo piorou.

Esperava um consolo de Letícia. Qual o quê! Me esperavam a dona Armanda e a fera da Faustina: uma tia que ninguém merece. Vi em seus rostos o inferno escrito em letras garrafais. A fauce de Faustina se abriram.

— Então, pensa de invadir uma família, sem ser convidado?

— Como não? Entrei pela porta da frente pra fazer meu trabalho.

— Não se faça de desentendido, homem. Estou falando das conversas com Letícia.

— Foi ela quem manifestou interesse em ver como vai ser seu quarto e muito mais: me convidou pra ajudá-la em seu mestrado.

— E tem mais. Cadê minha foto de infância? Foi, por acaso, fazer um trabalho pra me fazer mal?, invectivava a quase sogra.



— Posso não ser o melhor homem, mas não me vejo capaz de usar expedientes dessa natureza. É verdade, levei a foto com a licença de seu marido. Pergunte a ele sobre o destino a ser dado.

— E o que me diz do processo que levou no lombo quando realizava teu curso de arte? Tu não vale nada e quer se fazer de santo.

— Veja como fala, doutora Faustina. O processo foi concluído em meu favor. Está parecendo o lobo da fábula querendo incriminar a ovelha. Águas passadas... Mas já que tocou no assunto... O material que faltou no Instituto de Artes foi levado por mim e por mais dois colegas. O professor que autorizou foi de férias sem dizer pra onde ia. Tudo se precipitou sobre nós três, mas com a volta do professor tudo se esclareceu. A senhora está de maldade por ter ouvido a metade do acontecido.

— E o que foi aquilo de você defender aquele veado que andou contigo no assalto? Tu sabia que era homossexual, gostava dele e defendeu ele com unhas e não sei mais com o quê!

A essa altura ela já espumava de raiva.

— Acho bom parar por aqui. Não vou continuar meu trabalho enquanto não falar com o doutor Alfredo, alterquei com raiva.

Peguei meu celular. Telefonei, entretanto, o telefone dele estava desligado.

— E a Leticia não está em casa?

— Não. Foi pra universidade!, falou dona Armanda.

— Ela sabe do que vocês me acusam?

— Isso é assunto nosso, espumou a mulher da fauce.

— Me permitam apanhar meu material de trabalho.

Se não andei bem até o momento, comecei a melhorar. Apreendi o quanto uma paulada pode nos despertar pra mostrar que a vida merece proteção. Eu estava surpreendido pelas reações de Armanda. Por certo sofria da dependência de sua irmã. Enquanto me retirava na direção de meu material, pronto pra tomá-los e me retirar, tocou o telefone.

— Alô, Giordano.

— Sim, respondi com voz embargada.

— Que voz é essa?

— Fui atacado por tua tia e por tua mãe. Estou voltando pra minha casa.

— Alcança o telefone pra minha mãe!

— Ela não quer falar.

— Não saia daí, por favor, meu amor. Num instante estou aí.

O silêncio foi breve, e eu alinhando o material.

— O que tá esperando que não toma tento e te manda?

Não respondi.

— Dona Armanda, não se preocupe. A sua foto está bem guardada, falei com a delicadeza que o momento permitia.

Ela se calou, avaliando a precipitação dos fatos, ou sei lá o que se passa pela cabeça de alguém insuflado. Não sabia ao certo. Desconfiava que o espetáculo se fazia por comando da áspide da Faustina.

— Estou de olho em ti, continuou a víbora desaforada.

— Por favor, Faucina!

— Faustina!!! corrija!



— Escuta, qual a razão de você na época perseguir tanto o Severo? Tem algum problema particular pra ser tão homofóbica?

Eu sabia que o filho dela manifestava traços homossexuais. Nem bem terminara minhas palavras, ela voou em minha direção, em movimentos de ameaça. Em silêncio fiquei parado, rindo pra que seu ódio se exacerbasse ainda mais.

— Seu fedelho de merda, como ousa falar assim?

— Apenas curiosidade.

— Seu desgraçado, o que tem a ver com minha família?

— Com a tua, não, dona Faucina!

— Faustina!!! Animal!

— Tenho a ver com a família Steinhaus.

Quando abria a boca pra continuar, Letícia entrou, parecendo um tornado.

— O que a Faustina está fazendo aqui?

— Por favor, filha, tia Faustina só quer nosso bem.

— Que se dane ela. Não a quero nem mais um minuto em minha casa. Antes de ir embora que ela saiba que Giordano é meu namorado e, se ele concordar, vamos noivar. E se não quiser perder o pouco de consideração que tenho por ela, que nos respeite. Agora pode ir.

Buenas, ao ouvir Letícia falar assim, quase me caíram os pincéis, as tintas e o meu gibão de pintor.

— Escute, Letícia, ele não te merece. Acabou de insinuar que meu filho é veado.

— E não é?

— Por favor, minha filha, vamos parar com isso. Mana, agora chega. Dá um tempo, amainou Armanda.

— Já me vou, mana.

Ao se retirar, os olhos da serpente faiscavam.

— Querida Letícia, ele está te fazendo mal!

— Ao contrário, ninguém até hoje me fez tanto bem. Cuide de tua casa, que da nossa sabemos cuidar. Mãe, não ouça essa tia. Acho que tem algum problema de nascença.

— Por favor, Letícia, pense melhor. Pra onde você vai com um pintor de paredes? Você sabe que eu sempre ajudei a cuidar de tua mãe e das coisas dela.

— Basta de bobagem, tia, e nos deixe em paz. Minha mãe a ouvia apenas pra não magoar minha avó. Basta de varrer a sujeira pra debaixo do tapete. De agora em diante, eu e minha mãe seremos suficientes.

— Posso retomar meu trabalho?, dona Armanda.

— Vai, que estamos todos inteiros.

— Desculpe, meu bem, por começar uma segunda-feira desse jeito.

— Foi bem, assim estamos mais juntos.

Enquanto a senhora Armanda se retirava com sua irmã, Letícia voltou-se pra mim mudando completamente de tom.

— Tenho ótimas notícias, querido.

— Pode me dizer?

— O meu projeto de mestrado foi aprovado!

— Me alegra muito isso.

— Tem mais! Você vai participar do trabalho e receber um título de extensão.

— Agradeço, mas, por favor, Letícia, me deixa trabalhar. Meu coração precisa de concentração.

— E eu não sou uma boa inspiração?

— Demais! É esse o problema.

— Tá bem, querido, preciso arrumar o espaço de nossa sala. De tardezinha pode dar uma passada por lá?

— Meu anjo salvador de uma tia perigosa, pode ser às 20h? Bem que gostaria de ir antes. Fiquei de passar pro teu pai o projeto do fórum.

— Está bem.

Despedimo-nos calorosamente.

Pouco passado do meio-dia, ajeitava o material pra ir ao almoço, quando recebo o telefonema da Letícia dizendo que passaria num instante pra me apanhar. Foi o tempo de Armanda apreciar meu trabalho.

— Desculpe, Giordano. Minha irmã é muito dominante.

— Dona Armanda, por que a Faustina é tão difícil?

— Ela pensa que todos os que estão próximos dela devem ser ricos. Tem uma mania de grandeza inaceitável. Me arrependo de ter sido tão influenciada por ela a teu respeito. E ela perdeu mais a cabeça quando você mexeu na ferida dela. Aquele filho dela foi uma decepção pra ela.

— Dona Armanda, não me inclino ao gosto homossexual. Entendo que, se minha natureza fosse essa, apreciaria que todos me quisessem bem.

Ouvi o ronco do carro de Letícia. Deu pra concluir rapidamente a nossa conversa.

— Não se chateia com a foto, dona Armanda. Não levaria como lembrança a sua foto de criança. Poderia levar comigo uma mais recente.

Rimos pela primeira vez. Me despedi menos tenso, me deleitando com as voltas que se dão em minutos.

Pedi pra Letícia se não gostaria de andar na minha motoca. E não é que ela aceitou!

— Meu Deus, que coisa gostosa esse vento no rosto.

— Melhor ainda esses braços em torno de mim.

— Sabe, Gior, depois que saí de casa fui rezando: Deus, nosso Pai, caminhe pela minha casa e leve embora todas as minhas preocupações.

— E ele as levou?

— Por enquanto ainda não. Pelo menos me aliviou o fato de não estar sozinha com elas.

— É, a gente costuma passar adiante o que não dá conta.

— Você é muito descrente.

— Pelo contrário, eu acredito que ele está agora nas minhas costas, fazendo um carinho nunca dantes sentido. Depois ele andarà na minha frente. Mais tarde estará me olhando nas figuras da parede. À noite, no computador. Deus me assiste em todas as coisas do jeito que elas são.

— E com minha tia, onde andava o teu Senhor?

— Aí ele me testou pra ver se sabia distinguir entre ele e o diabo.

— Distinguiu?

— Perfeitamente. No caso, vi só o diabo.

— Sabe, Gior, essa motoca é sensual.

— Será? Como sabe?

— Eu não sei. Eu sinto.

O riso se perdeu no vento que soprava em nossas bocas.

Estávamos almoçando quando tocou o celular de Letícia. Enquanto ela conversava, eu matutava em meus devaneios. Me via nas colinas e nas poeiras com meu pai. De fato, os pés da gente se prendem nas estradas da infância. Me habitavam com sombra e sem sombra as árvores junto ao lago. Pescávamos nós dois. O tempo passava entre peixes pequenos e minhocas. O riso de meu pai logo se perdia. Ele disfarçava que ia ver qualquer coisa aí pra dentro da saia da mata. Eu sabia que bebia uma cachacinha. Depois, o que conseguia era arrancar palavras soltas. Me levem meus antigos caminhos. Sei lá pra onde. Se afastem as intempéries indomáveis que habitavam meu pai!

— Oi, querido, lembra!

— Desculpe, tava longe, muito longe. O passado me assusta, mas tendo você estou seguro.

— Acho que tá, e eu contigo. Meu pai telefonou. Bem de acordo com minha opinião: pra ter sucesso em qualquer profissão é preciso talento, disciplina e visibilidade.

— Esclarece melhor, minha sonhadora.

— Eu que sou a sonhadora! Escute! Si di manhã te choveu pedra, chove agora uma chuva pra pranta crescê! Se ria toda. Oia só!

— Fale certo que assim me atrapaia!

— Meu pai levou os amigos dele pra ver a beleza de tuas pinturas.

— E daí?

— Dois deles querem teu trabalho. Nossa empresa está bombando!

— Nem tanto, querida. Tua empresa.

— Ela pôs seus lábios nos meus e achei que tinha esquecido qual seria a sua boca.

— É uma sociedade, e bem de acordo com o que o professor solicitou.

— Faz pela exigência acadêmica?

— Nada disso, seu menino assustado. É isso que desejo. Aceita?

Juro que não pude falar, tamanha a emoção. Disfarcei uma lágrima, mas como eram duas, ela viu a outra.

— Vou pedir pro nosso contador ultimar o projeto pra conter as responsabilidades financeiras. Que te parece?

— Quem sou eu pra pôr questão a uma mestra em administração de empresas? Essa parte é toda tua. Sou avesso aos números. Não me leve a mal. Sou desconfiado por razões de casa antiga. Vivemos, querida, de fixações felizes e de infelicidades. *Y usted* sabe das minhas. *Entonces...* o dia que eu não puser mais minha vida em tuas mãos, tudo se termina.

— A coisa é tão séria assim, querido?

— Pelo jeito de tua casa que hoje eu vi, também por aí se estendem impressões muito fortes. O regaço da casa tem força.

— Mas pera aí, não se pode decidir sobre nossa casa?

— Por certo, querida. Vamos construir a nossa, evitando que nos caia na cabeça. Uma beleza tanta vamos impor nos ambientes que até as gavetas sejam amigas. Os guarda-roupas e os armários serão nossos companheiros, cada um deles tendo nosso respeito. O assoalho e os tetos abençoarão nossos passos e o céu, nossas cabeças. De criatividade vamos tecer nossas noites e nossos dias.

— Olha a hora. Que desse jeito vamos acabar pobres.

— E cheios de poesia.

— Vamos que a motoca quer me deixar toda sensível.

— Vou te levar pra casa pra te acalmar.

— Sou donzela decente. Meu corpo clama ao seu senhor.

— Um beijo e vamos.

Pela tarde trabalhei tanto que não percebi a hora. A sala ficara pronta quando seu Steinhaus entrou de fininho, pregando o maior susto.

— Ué, Giordano, não sabia que era assustado.

— Assustado e distraído.

Retirou-se para um canto da sala enquanto diferentes luzes mostravam as cenas. Aí, debaixo da mesa da cena familiar, um cachorrinho, mas, por distração minha havia nele o rosto de Faustina.

— O que a tia Faustina está fazendo aí debaixo da mesa?

— Perdão, seu Alfredo, quis apenas mostrar que numa cena de família não se pode inserir conversas de mau gosto. Já vou afastá-la.

Com movimentos rápidos de um pincel estendi a toalha, ocultando a imagem desqualificada.

— Por favor, Giordano, não leve em conta a tia Faustina. Não a carregue contigo. O perdão é bom remédio.

— O senhor está certo. Olhemos o resto da sala. Acho que expressei meus sentimentos mais verdadeiros. Aí tem minha voz distante. Cada pincelada traduz o que sou. Vê aqueles peixes. São os peixes que pesquei quando guri. As águas são as águas onde me banhei. Aquela mulher fazendo pão é minha mãe. Tudo foi feito de coração. É a minha decoração.

— Só não ponha teus constrangimentos em evidência.

— Não tenho o direito de pôr minhas dores dentro de sua casa.

— Assim espero. Assim espero.

Aceitei, em parte, a opinião de Alfredo. Não quero que minhas raivas fiquem me habitando. De todo jeito, concordo que minhas dores não devam magoar quem quer que seja. Devo, porém, encontrar uma forma de transformá-las. As águas fortes podem mover turbinas.



De minha conferência com Maquiavel

Se das horas se pode dizer que nunca se sai do mesmo jeito, muito mais diferentes saímos dos dias que se sucedem. Para tanto, porém, penso que posso me precaver diante das ameaças para que os dias que se vão sejam como conquistas vantajosas para minha proteção. Achei de ver na conquista do amor de Letícia muito mais que a conquista de um principado. Nada de disputa de poder. Apenas poderei complementar com ela melhor meus dias e eu os dela. Já na metade dos meus trinta, pensava sobre a dificuldade em me despojar de minhas ideias e costumes para imprimi-los de acordo com os dela. Seria quase como que perder a própria identidade para assumir a multiplicidade de costumes dela e de suas ideias. Acho que ninguém sai ileso diante de uma razoável comunicação. Muito menos face à divisão da vida em comum. Talvez eu deva pensar o que eu ganho, e não o que eu perco. Posso não ver mais as mesmas andorinhas, mas as andorinhas de suas impressões. Posso não ver o parentesco da mesma maneira. Terei a visão de seus parentes. A geografia de Letícia não será a minha, poderei, por certo, ter outra geografia e outra história se me diluir nas dela. Acho, então, que me religo de uma maneira religiosa à aventura da intimidade solidária. Já não saberei quem sou eu ou quem é ela. Mas pra chegar lá tenho muitas batalhas a ter comigo e, principalmente, com as potestades de sua casa.

Falo essas coisas sem ao menos narrar sobre aquela noite. Isso é tarefa pra depois. Vou ver com atenção o que devo fazer pra não cair em desconforto ou na perda de quem comecei a amar. Parece ser verdade: a gente não ama uma pessoa, com ela se conquista uma instituição com todos os seus habitantes. E não tem casa que não tenha seus diabos a serem controlados ou vencidos. Na casa de Letícia há um, tia Faustina, que melhor lhe caía Faucina: mais parece ter uma fauce que uma boca. Por certo também envenenou suas filhas e alguns parentes. Então, tudo começa por aí.

Deus me salve de minha boca e de minha mente irônica. Assim ó, vivente: não insulte nem ameace, que não é bom criar ressentimentos. Tenho observado que uma pessoa ressentida faz das tripas coração pra se vingar. E não é por aí que se inicia uma boa conquista. Ademais, em hora oportuna posso mostrar minha força, mas não agora... calma, que não é assim que se faz uma casa. Deixe que outros a detestem por ti.

Devo cuidar também de, no meu caso específico, afastar qualquer interesse patrimonial. Cada dia mais me convenço de poder criar uma família sem ter vergonha de andar por aí me escondendo de vergonha. E mais: pelo jeito da minha pretensa sogra, devo afastar qualquer ideia de fazer menção da riqueza da família dela. Bem de acordo com o que diz o meu amigo Niccolo Maquiavel: as pessoas esquecem a morte do pai, não a perda de um pedaço de seu patrimônio.

Muito mais que isso: não posso deixar de conhecer a história da família e nela me inserir com humildade. Todo o cuidado é pouco. Lembro de um filme que se desenrolava numa aldeia de pescadores. Todos brincavam com um velho. Um estranho se achou no direito de brincar também. A comunidade caiu em cima, fechando-lhe as portas. Não sou eu quem deve ser assimilado pelas virtudes que tiver. Fica assim dito: devo ser um pasto como alfafa, e não como um capim de cana dura. Meu caminhar seja como de uma lebre, e não como um cavalo de príncipe.

Com a minha pretensa e brava sogra, o assunto é delicado. Como fazer um aliado de um chefe cheio de dedos, o meu Niccolo não diz muita coisa. Atrair sua confiança é assunto de meditação. No caso, a princesa é ela, eu, um príncipe visto como uma ameaça ao seu reinado. No começo de sua obra, ele diz que para obter os favores de minha rainha convém apresentar-se com pertences que lhe são mais caros. Pra que não visse em mim uma ameaça, tudo menos uma espada. Descobriria o melhor meio que pudesse agradá-

la. Estaria de olho atento e aguardaria a melhor oportunidade. O que melhor tinha que fazer era focar somente minha atenção em meu trabalho, deixando o seu espaço íntimo tão belo que as suas amigas fariam dela uma pessoa importante. Eu faria de tudo pra que o reconhecimento da obra feita recaísse sobre ela. Mais: vou avaliar com outros alguns detalhes que ela vai sugerir e ressaltá-los sobremaneira: vou me acercar a tê-la do meu lado com o concurso das armas alheias. Não vou perder essa fortuna de jeito nenhum. Vou saber dessa rainha sua linhagem, e não há quem não tenha um herói em seus ancestrais e ressaltar os feitos que mostrem muito bem os seus traços. Vou me cercar, ainda, de seus parentes pra que esteja mais protegido em meus flancos. Uma palavra boa que venha como apoio pode fazer muito mais que os próprios atos. Não posso fazer feio em minhas investidas, por isso toda atenção é pouca quando se trata também dos costumes próprios da casa e o que mais apreciam. Será o Natal um tempo de encantos, ou a Páscoa? Apreciam histórias ou piadas? Julgam de estima os movimentos em favor de trabalhos sociais? É claro, não vou fugir de meu entendimento sobre tudo, mas não faz mal aprender sobre as virtudes dos outros. Vou ter que ver a forma de falar e os assuntos de preferência daquela casa. Amar também é estender-se no ambiente no qual queremos habitar. Não faria todas essas coisas de maneira artificial, mas com naturalidade, como se já tivesse nascido assim. As circunstâncias boas merecem atenção, principalmente aquelas que podem causar admiração. Imitar também pode se constituir em virtude, desde que a imitação não seja somente para agradar. Se fizer assim, com o tempo, vou mostrar a minha maneira, tornando-me um sujeito falso e interesseiro. Nisso se constitui um mal que se fará maior quando não se conformar ao que me é próprio. Acho que ninguém consegue carregar por muito tempo formas pouco naturais. Amar exige a verdade, ainda que se deva, como no caso de Faustina, esconder os verdadeiros sentimentos.



Vou saudar de boa vontade e, de preferência, com alegria os vizinhos. Nunca se sabe o quanto podem ser importantes na defesa pessoal. É bom estar bem cercado. Por falar nisso, vou apresentar meus amigos pra Letícia. É claro que ela também vai querer saber mais de mim. E é bom que ouça boas palavras a meu respeito. A primeira pessoa a ser apresentada será minha mãe. Mãe que se presa aprecia vestir bem seu filho, ainda que suas roupas não sejam as de um príncipe. Preciso de minha mãe para que veja melhor onde estou me metendo. Não posso fracassar mais uma vez com as coisas do coração, que é pra não me ver novamente tão mal. Se estou me precavendo, devo conceder maior segurança e liberdade à Letícia. A minha conquista deve sempre estar acompanhada de atenção em torno de suas preocupações. Vejo, porém, nos costumes dela e de sua família algo que não me agrada: vivem gastando além do necessário. Parece que lá mora a compulsão para compras. A televisão, o pouco que me foi dado observar em minhas entranças de ofício, fica ligada em shop-time quase o tempo todo. Isso me perturba muito. Pior ainda: corrigir defeitos alheios não é o meu forte. Foi essa uma das falhas pra com Venite. Ofendi sua delicadeza por criticá-la com acidez, provocando nela ressentimentos quando ia além de meu poder financeiro. Que saísse sem suas roupas, todavia que eu preservasse sua dignidade. Penso o seguinte: é bom respeitar os costumes alheios, entretanto, ao conviver com cobras, é preciso encontrar uma vacina. É bom que eu saiba: estou lidando com gente muito sensível. E amargura de mulher parece maior quando ofendida. Devo saber: o ressentimento é um perigo. Ou será o jeito de ser de minha pobreza que me tornou tão precavido contra os gastos a ponto de me tornar neurótico e impertinente? É verdade, minha origem italiana não me deu jeito de guerreiro, todavia um bocão de assustar. Aprendi com um professor: a melhor maneira de melhorar os outros são perguntas. E o pior, dizia ele, é retirar dos outros a sensação de liberdade. Bem melhor teria feito pra com Venite, se perguntasse: você acha que tenho condições pra essa compra? Ou, não é melhor juntar primeiro um dinheirinho? Não, eu com minha boca grande:

pobre do jeito que é e com mania de grandeza! Da última vez, humilhei-a com palavras que não cabem nessas reflexões. Foi a conta. Vamos pra frente com meus cuidados pra não fracassar na vida nova que pretendo alcançar. Sei que não é fácil introduzir uma nova ordem no jeito de viver. Nessa água parada em que estou é que não posso ficar. A sabedoria de um rio me constitui uma lição. Não sobe montanhas pra ir em frente, contorna, fertilizando vales. Bem que diz meu amigo Niccolo: quem quer conquistar um novo principado deve inovar com hábitos novos as usanças antigas. Respeito faz bem, sem perder a rapadura, perdão, o principal, que é a si mesmo. Achar o meio-termo é uma sabedoria muito difícil pra quem costuma enfiar os pés pelas mãos. Ter poder é bom pra qualquer cidadão. Essa virtude não é suficiente pra celebrar a vida com decência. A história mostra Calígula e Agátocles – põe nome nisso – como generais, feras devedoras. O último conseguiu poder matando concidadãos, traindo amigos, praticando violências por prazer e outras ferocidades. Teve poder, mas nenhuma glória. Nenhum pensamento bom pairou ao lembrá-lo. Por essa razão, a conquista sempre deve se afastar de sentimentos de vingança. O meu poder pretendido é coisa de estar bem como um bom ar que se respira. Quando morrer, quero apenas que o peito de quem amei se aperte um pouco, sentindo o ar que se fazia com minha presença. Tenho consciência bem clara da dificuldade de tomar conta de uma casa e de um casamento. Sei que pra dona Armanda o amor significa prestígio e proteção. Pra ela um pintor de paredes nem de longe oferece as duas virtudes sociais. Se cada família possui seu acervo conceitual sobre todas as coisas, mais difícil é, então, eu traduzir, assim no mais, todas as representações que andam inscritas na casa dos Steinhaus. De fato, cautela e humildade não fazem mal a ninguém.

Estou, mais uma vez, fugindo das recomendações de meu amigo florentino, embora atendendo seu propósito. Quaisquer que sejam as forças que se deva ter pra uma longa jornada, não pouparei

esforços de carregar armas e um varão bem produzidos. Essa empreitada de fazer uma mulher feliz não é coisa pouca. Acho que é mais fácil um príncipe conquistar a metade da Europa que um homem deixar contente um corpo e uma alma feminina. Como saber, se não tentar? Em ambas as pretensões haja forças, tanto pra conquistar como pra manter o que for buscado. Pra vencer uma batalha campal como pra deixar uma casa feliz, haja corações precavidos e mui valentes. Vou arriscar. Pelo que vi, vale a pena. *Entonces, adelante!*

Vou me utilizar de todos os jeitos e modos pra viver dividindo minha vida a ponto de dizer que não existo mais por mim mesmo. Vou buscar adesões de vizinhos, de parentes ou de quem quer que seja. Nesse esforço radical de me apoiar, entretanto, não vou gastar um puto tostão, que, conforme, meu preceptor, mais vale a virtude que seduz que o dinheiro que compra. Se a adesão em meu favor não for de bom coração, ela tende a se tornar um fracasso. Tenho que mostrar meu caráter honesto. A minha transparência e generosidade me tornarão semelhante a um príncipe confiável, pronto a promover o desenvolvimento de seu reino, por menor que ele seja. As minhas ações é que deverão atrair e não as festas, regalos e outras miçangas de valor material. Acho que não vou precisar me preocupar tanto com isso, porque sou pão-duro. Quem comeu o pão que o diabo amassou não sai por aí jogando comida aos pássaros.

A minha primeira preocupação estará, por enquanto, em suportar pacientemente a Faucina e conquistar a minha maior fortaleza denominada Armanda, aparentemente inexpugnável. Diz meu serviçal orientador italiano que as injúrias, bem o que me dá vontade de fazer pra com a Faustina, devem ser feitas de uma só vez, a fim de que a ofensa não se arraste. Os benefícios, diz ele, devem ser feitos aos poucos, a fim de que sejam mais bem saboreados. Isso não é bem minha opinião, como veremos no desenrolar dos acontecimentos.

Bem, acho que munido com essas orientações posso me dar muito bem. Um amor incipiente merece todo cuidado.

As oportunidades de uma manhã

Levantei-me antes de minha mãe. Valeu a pena: A velha senhora cantarolava. Não podia perder a maravilha de alguém que estava por morrer e, logo a seguir, vê a vida se abrir.

Estava revendo os papéis dos projetos quando me saudou como se fosse o dia da independência de uma nação. Num instante o café estava servido. Aí na palma da mão a chávena de café. Aí com acerto a palavra pra indicar a antiga e humana alegria de ter nas mãos o calor ameno de um presente. O aroma e o sabor do café saído da ternura de minha mãe estavam demais. Havia uma manhã promissora pela frente. O que se quer mais que uma manhã de sol e risos certos bem a gosto de uma canção?

Um sol brilhante, uma risada distante

Vieram lá de fora, de um outro planeta

Sem pedir licença, entraram pela minha janela

E agitaram a chama, que estava quieta.

E assim era, sem tirar nem pôr, mais pôr que tirar. Minha chama tímida e assustada se movia e crescia, rigorosamente, de acordo com as tonalidades da alegria. Conversei com a mãe: no sábado tomaria o ônibus com ela pra apanhar as pinturas de meu pai guardadas sobre o roupeiro. Temia que as figuras postas nos papéis poderiam ser daquelas imagens lunares, ou acaso seriam traços fortes que uma alma cheia de angústias pode provocar? A minha tardia curiosidade remetia pra ideia comum na qual buscamos o que deveria ser objeto de interesse e, por vezes, não tem mais jeito de resgatar. Será que os anos que avançam costumam nos empurrar para trás? O que, porém, me dizia respeito, aqui e agora, eram as paredes da casa do senhor Steinhaus. Estava na hora de ouvir melhor o que Leticia tinha por me dizer: uma noite pode ser suficiente

pra mudar uma vida, e meu temor se dividia entre os seus sentimentos e o projeto que me envolvia de corpo e alma.

Cheguei mais uma vez até a casa dos Steinhaus. Fui recebido pelo senhor Alfredo. Me saudou com sua alegria costumeira e me levou até o quarto do casal pra dar continuidade ao meu trabalho.

Me pus a trabalhar com afeição sobre o outono em suas cores leves e douradas. Nuvens próprias desse período cobririam o teto, e nelas se insinuava um casal em gesto amoroso. Nas paredes, os frutos refletiriam a riqueza de um tempo que ia adiantado, entretanto mais convincente que a primavera. Pêssegos me pareciam mais sensuais que as maçãs. Aí se mostravam luzidios, contudo, sem afetação.

Não se completavam as onze horas, quando Letícia me deu um susto, tamanha era minha concentração. Entrou de mansinho e me abraçou forte pelas costas quando misturava as tintas. É verdade, as surpresas nos movem a sentimentos inesperados. Ela diante de mim, toda amável e um riso estonteante. Rimos pelo meu jeito e pelo resultado de seu movimento inesperado. Nos abraçamos e quase estragamos o meu esforço pra compor os frutos de outono. Me beijou de uma ternura leve, molhando os lábios num pingo de tinta que saltara nos meus. Fiquei sem jeito.

— Se tua mãe vê o que aconteceu, vai querer me estrangular e você será a culpada do crime.

— Não tenha medo. Hoje ela está de bom humor. Anda cheia de boa vontade. Se nos encontrasse aos beijos, é claro, tentaria acabar contigo e eu diria que fui obrigada a beijá-lo.

Rimos como crianças. Depois ela se expressou com grande disposição.

— O que me agrada é sua sinceridade. Espero que possa me dar muita alegria e me ajudar na implantação do projeto.

— Vou fazer de tudo pra não decepcionar você.

— Vamos sair esse fim de semana?

— Teria o maior prazer. No final da tarde de sexta vou acompanhar minha mãe até sua casa e vou apanhar as pinturas de meu pai. Estarei de volta no domingo. Não é o mesmo que no sábado, mas voltarei muito feliz se estiver disposta a me esperar.

— Espero que o acervo de teu pai seja um consolo pra ti.

— Será o mesmo que conversar com ele através das pinturas.

Novamente se aproximou. Senti os seios roçarem em mim. Beijou-me mais uma vez e saiu, não sem me olhar da porta de um jeito tal que me deixou em frêmitos.

Ao final daquela tarde, pude ver o resultado de meu trabalho exposto no quarto do casal. Uma lágrima rolou. Nesse momento Armanda e Alfredo entravam. Ao perceberem meu estado, disfarcei dizendo que meus olhos estavam irritados por causa da tinta. As luzes mostravam as possibilidades de sombras e claros, provocando estados diversos que iam desde a alegria até os sentimentos de quem medita. O silêncio e a mudança das fisionomias revelavam o que a estética pode gerar em pessoas sensíveis. Ambos se retiravam enquanto recolhia o material. Me lembrei de Niccolo Maquiavel: os benefícios devem ser feitos aos poucos, a fim de que sejam mais bem saboreados. Mais que um principado, estava em jogo a minha vida.

Ao chegar em casa, gastei horas traduzindo em cores a foto de minha quase sogra. Fazia duas noites que me adentrava em meu descanso a ver se podia dar um novo tom à figura de uma menina. E consegui. Fiz o que melhor poderia fazer.

Mal havia concluído meu trabalho na casa de Steinhaus, solicitei que Letícia preparasse um momento para entregar a tela.

Assim aconteceu. Se pudesse descrever em versos a euforia de Armanda, convocaria Pessoa e todos os amantes das palavras pra dizer da alegria daquela mulher. Definitivamente, os benefícios não precisam ser feitos aos poucos. Pode haver um só pra se conquistar um reino.

Na casa de minha mãe

No dia anterior à viagem de minha mãe, havia me comunicado com o dono de uma casa para que ela se livrasse da poluição. Ele havia vindo pra minha cidade e foi com ele que ajustei o aluguel. Ao manifestar meu interesse em alugá-la, deu graças a Deus, pois alguém a cuidaria. Fez um preço irrisório enquanto buscava alguém para comprá-la. Poderia comparar ao tempo de criança, quando meu pai ia buscar pinhão de um amigo seu, contanto que subisse ao alto do pinheiro. Quanto sofrimento, santo Deus. Ao chegar junto às pinhas, era aquela festa. Assim me sentia por esses dias: como se estivesse entre pinhas prontas para a colheita.

A vida me oferecia tantos benefícios, e de bom tamanho, a ponto de mal poder saboreá-los todos de uma só vez. Fomos carregados de esperança.

Enquanto o ônibus sacolejava, poderia ter uma sensação desagradável. Ao contrário, me sentia agradado, uma vez que passava pela estrada de minha infância. Poucos sinais restavam. Minha mãe apontou para a casa de minha primeira infância. Lembro de meu pai indo pra cidade. Acho que foi isso que o detonou. Não suportou a perda das matas e dos rios em favor do cimento. Embora a cidade apresentasse evidências de interior, faltava o principal: as estações e a exuberância dos pomares e dos jardins. E falou certo dia que, na cidade, até o canto dos pássaros perdia a nitidez e a sonoridade. Passei aí no meio do mato até os sete anos, contudo as impressões eram fortes. Na cidade, a soturnidade começou a me fazer um menino abatido, por ver minha mãe chorar e meu pai de humor alterado por causa da bebida. Pouca coisa pode ser mais triste que uma casa abandonada. Com toda facilidade se pode ouvir risos, suspiros e sussurros aí deixados.

Por fim, chegamos ao pequeno apartamento de minha mãe. Não perdi tempo e fui ver o local pra ela morar. Na verdade, a cidade

se tornara uma cidade de velhos. A casinha até que se mostrava acolhedora. Uma chichola de lugar, disse minha mãe. Consolei-a, dizendo que acabaria comprando a casinha de aluguel. Aquilo ficaria um recanto agradável.

— O que há de se fazer, meu filho, se pulmão de velho não aguenta poluição.

— Nem de jovem aguenta, apenas resiste melhor.

— Casinha mesmo ta ficando a tua. Gostei de ver você fazer dela um ninho de pássaros. Você leva jeito como teu pai pra lidar com cores.

— Por falar nisso, mãe, cadê o rolo das pinturas de papai.

— Depois te alcanço. Agora, por favor, vai buscar o carroto do seu Nobre pra levar minhas tralhas.

— Já tô indo, mas deixa só espiar.

— Pega pra mim, então. Está sobre o roupeiro.

Desfolhei o imbróglio. Abri e chorei. O primeiro quadro: de um menino sentado sobre os degraus. Era a primeira casa onde morávamos. O menino era eu. Nunca vira um menino triste desse jeito. Uma sombra torta se inclinava sobre mim. Um fundo escuro fechava o quadro. Uma florzinha vermelha era a única cor que se via. Lembro dela ao lado da escada. Mais nada havia. Fiquei atordoado de tanta emoção. A sombra torta era de meu pai chegando em casa. Uma beleza estranha e antiga se produzia no meio daquela pobreza. Havia ternura nos traços, apesar da dor que se revelava em cada pincelada. Minha mãe se aproximou e chorou em silêncio. Depois disse categórica:

— Já passou, filho, depois olha o resto. Agora vai buscar o carroto do seu Nobre.

Fui e voltei sentado na boleia do caminhãozinho. Coube tudo de uma vez. Apenas ficou uma cama velha. O peso era grande só em razão de lembranças. Novamente prometi pra minha mãe: deixarei a casa uma ternura.

— Bom mesmo são aquelas árvores. Vou pôr um oxigênio de graça nos pulmões. Vou trazer uns porongos e vou encher de pássaros o pomar, falou ela.

— Só as árvores nativas estão bem. Vou dar um jeito nas macieiras e nas laranjeiras. Vou levar dessas frutas pra minha cidade. Vai ver só!

Abracei a velha senhora que estava pele e osso.

— Não aperta muito que me quebra.

— Deixa estar que vou botar conteúdo nesse corpo que me deu esse corpitcho.

— Tá bem! A única coisa que me saiu sem defeito.

— Não fala assim, mãe. O teu corpo é pequeno. O sonho pode ser grande.

— Com tua força, filho, vou tirar a barriga da miséria.

— Pode crer, dona Francisca. Vamos longe.

Arrumamos as coisas e até que a casinha ficou decente pra gente morar. Comprei o mantimento, que a fome até agora diminuiria só com a poeira. Estava doido pra ver o resto das pinturas de meu pai. Antes achei de telefonar pra Letícia. Era bem isso: não me tinha sozinha a alegria.

Não posso negar: tudo se precipitava em meu favor. A virtude pertencia às circunstâncias. Apenas me desdobrava em não perder a voz da graça que resplandecia. Pela angústia de minha mãe diante da ameaça da obstrução do pulmão, dei o encanto da proteção. Da intempestiva e preconceituosa Armanda tirei uma qualificada solução:

a foto se tornou semelhante à das *Meninas* de Velázquez. Nem tão genial e fotográfica. Da comerciante Letícia vou fazer uma mulher completa. Minhas pretensões não eram poucas em razão das virtudes que se encontravam e se escondiam nas circunstâncias. Não serei um Jesus de Nazaré de imagens fantásticas: meu poder não será de tirar demônios de porcos. Espero o suficiente pra de magros torná-los mais gordinhos. Que se vá *la nave* de minha vida entre tons amargos e doces. Que posso fazer se gosto do agridoce? Assim me ia olhando a palmeira-real da casa de minha mãe: os fios pendentes do cacho, ao lado os coquinhos vermelhos e as abelhas-mirins iluminadas pelos últimos raios da tarde. Por certo elas sabiam o caminho das árvores, dos casulos e de seus favos. Sabiam melhor que eu a hora certa de retornar. Temia que pudessem se perder na noite que chegava. Eco! Se em tudo sobrevoam anjos, aí circundam também os demônios.

Perdido em meus pensamentos, esquecia de telefonar, quando recebo uma chamada. Mal acreditei: era ela!

— Estou com saudades, falou.

— Eu também, pelo inesperado, falei meio sem jeito.

— Onde você se enfiou que não te encontro, Giordano? Pergunto pra todo mundo e ninguém sabe de ti.

— Estou na cidade de minha mãe.

— Eu também estou aqui. Estou na frente da Igreja.

— Não acredito! Faz o seguinte. Segue a rua até o final, na direção da escola, que vou te esperar.

— Tô indo!

Quando o carrinho vermelho apontou, uma onda de tensão sufocava meu peito. Sorria pro horizonte como se fosse ela. Foi chegando, chegando. Estava ao seu lado quando saiu do carro. Se a



isso se chama ternura, é pouco. Por seus olhos, por sua boca e por seu corpo, eu já não mais me pertencia. Transcendia todo.

— Que loucura é essa, Letícia?

— Nunca me senti tão só! A parte que me faltava acho que mora por aqui. É um pintor de paredes de um metro e oitenta e dois, cheio de sonhos. Parece querer uma mulher comerciante... e...

— Não, não... ele não quer a mulher de negócios, quer apenas a garota querida que conheceu na casa de um juiz. Se ele puder fazê-la melhor, podes crer, assim será.

Novamente nos abraçamos e, por minutos, saíram de nós amáveis palavras. Acompanhei-a depois pela ruazinha até a casa de minha mãe. A noite se adiantava, e as estrelas espiavam entre nuvens. Uma aragem balanceava a palmeira-real. Fazia silêncio que se dava pra poder receber o momento. Disto não esqueço: cada passo e até o som metálico da porta do carro trazem a suavidade quente de quem ama. Lembro também do cicio da palmeira velha acarinhando o tronco rugoso. Minha mãe, ao ouvir o ronco do carrinho, veio até a porta. Ao me ver estreitado em Letícia, viu minha inteira alegria. Entre, entre!, falava a velha senhora com gestos que me comoviam. É triste ver a humildade dos pobres. A virtude faz bem, entretanto, não quando parece mostrar inferioridade. Letícia, mais uma vez, mostrou-se magnânima. Sentou-se na soleira da porta pra respirar o ar puro da noite. Pediu pra que também mamãe e eu estivéssemos com ela na pequena área. Sentei-me junto dela. Dona Francisca, solícita, invocou todos os santos pra que Letícia aceitasse ao menos um ovo frito sobre um arrozinho branco feito na hora. Mãe tem disto: o amor começa pela boca.

— Sabe, dona Francisca, vou aceitar com água na boca.

— Tô dentro, falei.

Sentei na soleira tão estreitamente o quanto a porta permitia.

— Me belisca pra saber que não é sonho, querida.

— Te faço coisa melhor, murmurou, oferecendo seus lábios para o beijo. Vamos sair?

— Vamos sair pra onde aqui? O melhor que se tem é a casa. Aí minha mãe entrou na conversa.

— Não quero estragar a noite. Tem um lugar onde os velhos se reúnem e tomam um chopinho. Até eu vou de vez em quando. Posso mostrar depois pra vocês. Primeiro vamos comer que o arroz ta na mesa.

— A senhora quer vir com a gente?

— Estou cansada. Outro dia aceito o convite. Que eu mal pergunte: onde vão dormir?

— A Letícia pode ficar aqui. Ela pode inaugurar meu box. Eu vou dormir no antigo apartamento. A cama que ficou lá não é de se jogar fora.

A minha voz denunciava a delicadeza da decisão.

— Deixa eu decidir. Já telefonei para o pequeno hotel da cidade.

— Não leve a mal, interveio mais uma vez minha mãe. Fica comigo. Sei que não sou a melhor companhia, mas pra dormir o lugar não é desprezível, minha filha.

Ninguém mais falou sobre dormir, graças a Deus. Isso me incomodava. Não queria e nem pensava em querer precipitar uma relação. A intimidade exige cuidados. O amor é um terreno muito delicado, e eu não gostaria de avançar nenhum sinal. Por outro lado, o meu desejo ia além de ter um relacionamento passageiro. Já me havia precipitado uma vez e não estava disposto a me machucar novamente e, muito menos, invadir o castelo de minha princesa como um ladrão.

Depois do rápido repasto, feito ao sabor de minha mãe, saímos. Abracei mamãe, agradecendo o gosto do arroz, dizendo-lhe que tinha o gosto dela. Ao sair, nos olhou com seus olhos penetrantes: se cuidem, crianças. Riu de um riso maroto. A velha senhora sabia perfeitamente da cultura amorosa de hoje que passava longe da sua.

Fomos até o lugar indicado por mamãe. Nos sentam e havia muito que falar. Afinal, ninguém se desloca de uma cidade pra outra pra ficar quieto. Fomos tecendo comentários de mãos dadas e achegos. A noite foi passando, dando-nos ao entusiasmo de nós mesmos. Ela descobriu meu desentendimento com Venite. Queria saber por onde andei e a razão de meu fracasso. Avaliei de não me dar bem em querer além das medidas, sustentando o que não posso. Se não há reconhecimento pelo que faço, não posso nem ficar de pé, falei em bom tom. Minha atenção esmorece, meu respeito some, e o amor fica à deriva. Dançamos uma dança de rápidos movimentos. Duas ou três músicas chamavam para a intimidade dos casais. Poucos casais eram mais jovens. Não havia a zoeira das danceterias. A intimidade enlevava. Mais que movimentos, podia haver comunicação de palavras murmuradas. Cada vez mais nos envolvíamos. Meus desejos aceleravam meu corpo, entretanto havia um interdito meu: não vai além. Ri *solito* quando lembrei de um professor que me falava: às vezes, é preciso levar em conta o que os antigos marinheiros diziam: *nec plus ultra*. Não vá além, que o mar tem mistérios. A certa altura da madrugada em que se chegava o domingo, já não sabia ao certo quem me pertencia mais. A parte dela em mim era inteira e necessária. Uma onda de ternura anunciava minha validade. Sentia, de verdade, que havia me tornado dependente. Ríamos por existir. Vi seus olhos se apequenarem: estava dividida entre a paixão e o cansaço. Lá pelas tantas, pra garantia dos melhores propósitos e percebendo que havia muito que dizer, falei: vamos fazer o que a minha mãe pediu? Ela começou a rir cheia de afagos. Fomos até a casa da palmeira-real.



O dia, quase amanhecido, mostrava os fios dourados. Acomodei minha princesa na cama e eu dei um jeito no sofá. Por mais que se agrade o corpo em seus movimentos, exigente, pede um tempo. Mas entre a vigília e o sono permanecia a pergunta: não vai me achar um frouxo?

Não sei do tempo: a luz do dia esparramada pela casa toda, que as janelas não tinham toda proteção. Eu junto da janela, e o sol me espiando do alto. Acordei e minha mãe da varanda também me espiava. Me chamava contente, mostrando a cuia de chimarrão.

Não tenho dúvidas, minha crença maior é de que o alimento dado pelas mães mostra mais que um dogma: a verdade maior. Não foi por nada que o homem de Nazaré tomou um pão e partiu e deu aos seus discípulos. Minha mãe, então, veio me trazendo uma bandeja com pão, uma xícara de café com leite e uma mistura frugal.

— Leva pra ela e depois me conta sobre a noite.

Agradei e fui até o pequeno quarto. Lá estava ela. Buenas, os primitivos diriam que Deus falou por ela, anunciando vivamente a graça divina. As luzes iluminavam as vestes brancas dos lençóis. A presença do Senhor anunciava-se pelas músicas de seus anjos. Podia jurar que os sons eram de outro mundo, não soubesse provir da televisão do vizinho. Pelo que se ouvia, apreciava uma boa música. Essa era a hora do sol puro e da aragem agradável. Minha mãe improvisara uma cortina que balançava. Eu aí, com a bandeja, não sabia se acordava a doce figura. Ela abre, então, os olhos e sorri.

— Olha o café de minha mãe.

— Muito obrigada. A bandeja impede que eu te abrace.

— Não seja por isso.

Afastei a bandeja. Não podia haver doçura maior que ter contra meu peito o seu peito suave. O desjejum foi de uma proporção a encher de alegria a primeira manhã de nossas vidas. Assim se

foram as outras horas do dia. Tinha que pôr em condições de funcionamento a casa toda. Por mais que o locatário tivesse deixado em razoáveis condições de habitabilidade, minha mãe apontava para dificuldades que rapidamente eram corrigidas. O que não podia ficar do jeito que estava eram as paredes da casa. Me agradaram o espírito de humor e a maturidade de Letícia. Maturidade em razão de participar da arrumação e pequenos consertos como se a casa fosse sua. Espírito de humor, quando dona Francisca apontou para as paredes.

— Pois é, disse ela, a senhora vai ter de contratar um pintor razoável. Rimos.

— Deixa pra mim, afiancei. Se minha amada não se importar, no próximo fim de semana podemos acampar aqui. O quintal é convidativo para uma barraca.

Espiei no quarto de Letícia e gostei de uma, guardada... lembrança das pescarias de meu pai.

— Aqui eu dormia com meu pai. Dá bem pra dois.

— Seu xereta, metendo o nariz onde não foi convidado.

— Apenas olhei por olhar...

— Você fica na barraca. Quanto a mim, apreciei o quarto da casa. Ou, acaso, a sugestão da barraca tinha outra intenção?

— Sou inocente.

O rosto revelou, porém, a contradição.

— Querida, agora, se não estiver cansada, vamos ver as telas de meu pai.

As pinturas de meu pai

Antes de apreciar o restante das telas, carinhosamente enroladas, tive a sensação de estar diante de um momento importante. Pensava comigo: não vou perder a graça dessa circunstância. Se acondicionou tão bem, tenho certeza que ele apreciaria que seu filho abrisse e tivesse uma boa impressão e levasse seu pai a sério, muito mais que ele próprio havia se tomado. Que eu fizesse o melhor de seu esforço. Na verdade, ele queria falar comigo. Externei meus sentimentos pra Letícia. Havia uma quietude e profunda comunicação entre nós. Ela não falava, em respeito para com meu pai. Estávamos nós dois para tomar em nossas mãos o legado de sua alma. Já havia mostrado pra minha mãe e pra Letícia a figura do menino na escada. E agora que abria as outras folhas, delicadamente envoltas e protegidas, ela falou:

— Estou encantada de como um homem simples e sem grande cultura tenha se expressado com tanta harmonia e qualidade. Juro que me sinto em devoção diante do menino na escada. Teu pai mostra toda a ternura e dor em não poder se chegar melhor. Veja a sombra torta de um homem que se alonga na tua direção.

— É meu pai querendo me falar. O amor tem disso, Letícia: quase sempre se esconde demais.

— E se constrange todo nas pernas frágeis que temos.

Estreitei Letícia pra que me ajudasse a ver melhor o que via. A seguir abri outra imagem.

Meu Pai do céu! Um Van Gogh diante dos meus olhos. Minha impressão tendenciosa, mas aquelas ondas de trigo, e meu pai no meio delas, não menores em força de expressão que os campos do mestre holandês. Um olhar perdido dizia de um homem desorientado. A beleza, entretanto, convivia com os traços carregados de uma distância sem medidas. Transcendia-se toda a vida do homem para

uma busca sem objeto. Era ele mais perdido que uma ovelha diante de um lobo. Um sentimento devastador diante do trigal de um amarelo esmaecido. Reconhecia o riozinho junto ao leito. Aí estava o desejo de um agricultor saudoso, talvez de si próprio. Tinha certeza que era isso mesmo.

— Santa Maria, refúgio dos peregrinos, rogai por ele, rezou Letícia.

— Aí soma-se a alma de meu pai às forças da natureza. A angústia dele confunde-se com a estética do campo. E o que são aquelas nuvens de chumbo, contrastando com o amarelo triste?

— Pobre homem, que mal dava conta de si mesmo. Ele fala contigo, Giordano. Ele explica a sua perdição.

Mais ela se abraçava em mim querendo me consolar pelo sofrimento aí refletido.

Desenrolamos mais uma folha da arte de meu pai. Uma laranjeira coberta de neve. Laranjas tardias espiavam por entre o branco frio. Fios de gelo caíam das folhas verdes. Um homem de roupas negras se alongava tentando apanhar, inutilmente, os frutos dourados.

— O que é isso, meu bem? Comentou ela.

— Sei não. Mãe, veja aqui pra gente, por favor, e fique com a gente pra explicar o que foi deixado como lembrança de meu pai.

— Tô indo. Prefiro ouvir, de longe, os comentários de vocês. Isso ainda me dói.

Ao se chegar e estender seu olhar sobre o quadro das laranjas e da neve, ficou estática. Os olhos se perderam sobre a pintura como em transe.

— Mãe, explica de onde o pai tirou isso?

— Ele representou uma história do pai dele: a neve de 1965. O homem de preto é teu avô. Ele me mostrou quando terminou de pintar. E falou: to que nem esse daí. Tudo está frio. Nunca que vou conseguir apanhar essas laranjas. Igual que na minha vida. Tenho tudo e não consigo. Olhou pra mim e pediu perdão. Era um homem bom, mas sem força pra espantar os fantasmas dele. E eu que amava um homem liquidado. Acho que nunca a gente devia sair da roça. Me deixem terminar meu serviço. É melhor eu ficar vendo vocês nessa curiosidade.

— Acho que tá de bom tamanho pro teu coração, Giordano, se expressou Letícia.

— Só mais essa folha. Olha isso aí. Que mulher linda!

Uma mulher na janela, embora cansada, mostrava toda a elegância. Um olhar misterioso. Olhos perdidos no ar. Uma florzinha vermelha num pequeno vaso junto dela. Traços de minha mãe. O mais expressivo dos quadros e, novamente, uma sombra torta de um homem chegando.

— Me comove a tristeza dela. Quase uma fatalidade sobrevoa o ambiente. Uma sensação de encanto e dor, confessou Letícia.

Minha mãe voltou a se aproximar:

— Filho, agora basta. Se continuar trazendo o passado, termino por me acabar de vez. Sei que não dá pra esquecer. É o seguinte: vocês dizendo, do jeito que falam, fazem ver a minha e a dor de teu pai. Tudo de uma vez me rebenta por dentro.

— Desculpe, mãe. Vamos parar.

Depois vi minha mãe se arrumando.

— Mãe, pra onde vai tão bonita?

— Pra missa. Tô precisada de Deus pra que a alma dele e a minha estejam leves.

— Deixa que eu fico fazendo o churrasquinho.

Ao se afastar pela ruazinha acompanhei seu corpo débil caminhando. Pensei: ela vai ser feliz comigo. Logo a seguir continuei matando minha curiosidade.

Mais duas obras se apresentaram:

Um menino pescando e um recado em papel-jornal: pra ti, filho: espero que o rio te dê muitos peixes.

Não havia os traços sombrios das outras obras. O olhar do menino sobre o lago buscava revelar a atenção pra não se perder o que poderia vir das águas que ocultavam peixes. Do outro lado da margem, aparecia um homem de olho na direção do garoto. Essa amável conversa de meu pai fez Leticia falar.

— Rapaz do céu! Nunca ouvi uma conversa tão eloquente. Sei que meu pai me ama, mas o teu, ferido do jeito que andava, tão sensível na sua fragilidade, revela uma face tão terna. Querido, estou muito comovida.

A voz dela embargou e eu quieto, buscando uma força maior.

— Te amo!, falou, pendendo-se em meu pescoço.

— Sinto o mesmo, só não sei se terei sempre a mesma disposição. É pena não sermos donos do futuro. Pra isso faço minha promessa que é pra me reportar a esse momento. Não poderei nunca me afastar de ti. Digo isso, querida, porque não posso andar dividido. Você sempre será a parte que me falta. Espero que você também me tenha por inteiro e não despreze o meu lado incerto.

— Qual é teu lado incerto?

— Também tenho sombras como meu pai. Talvez seja a minha pobreza infantil. O sofrimento tem disto: não costuma se retirar porque queremos.

— Mas podemos estar de olho nele. A cura de nossa infância deve ser permanente, dizia o meu terapeuta. Talvez eu possa ser um pouco de luz em tuas sombras, querido.

— E eu das tuas, que tenho certeza não serem muitas.

— O diabinho costuma se ocultar, rapaz.

— Quando aparecer vamos prendê-lo numa garrafa, brinquei. Rimos da nossa infantilidade.

— Vou fazer isso desde já, falou ela, categórica. Minha avó me contou de um costume de sua casa. Quando meu avô ficava de mal em seus dias maus, ela mostrava uma garrafinha, fazendo de conta que punha o diabo lá dentro. Quando o tempo se enfejava ainda mais, ia até uma garrafa. Por fim, quando o ar, por uma razão ou outra, se tornava tóxico, mostrava um garrafão ao meu avô. Somente quando os diabos amenizavam, ela os liberava pra curtirem sozinhos seus infernos.

Desenrolamos o último dos preciosos documentos: uma mulher sorrindo com uma dedicatória: pra minha amada. Minha mãe sorria, mas o meu querido artista não conseguira afastar o ar cheio de mistérios daquela senhora que já envelhecia.

Nas últimas folhas, havia um conjunto de traços com diferentes perfis de paisagens e pessoas.

— O que acha, Letícia, de deixar isso pra outro dia?

— Você é que manda.

— Até amanhã.

— Por que só vai mandar até amanhã?

— Como todos os homens, vou me render à sensibilidade da mulher. Apenas vou resistir quando meus argumentos forem muito fortes.

— Vamos ver. Vi que teu temperamento não é tão maleável. Tu carregas tuas tempestades. O tempo de convivência permite que mostremos nossas inclinações.

Falávamos essas trivialidades e incertezas, quando minha mãe chegava de suas orações.

— Não é que o padre falou sobre os diabos. Apontou pra diversos deles e os jeitos de se insinuarem. Fiquei impressionada. Ele, que é tão instruído, acredita. Quem sou eu pra duvidar.

— Minha querida mãe, os diabos podem ser as circunstâncias. Também a natureza carrega dificuldades. Veja meu pai. Creio que o seu corpo apresentava extremas dificuldades. A sua natureza não facilitava a virtude da resistência. Eu, por exemplo, mãezinha, tenho o diabo da compulsão. Sou bocudo demais. Devo, então, pensar no que fazer, bem antes de sair falando ou agindo. Saio com facilidade de minha zona de paz. São alguns dos meus diabos.

— Acho que não eram desses diabos que o padre falava.

— Vai ver que o padre falava de maldades tão grandes as quais parecem ser de ordem sobrenatural, quis acalmá-la Letícia.

— Falava mesmo de espíritos maus. Como leões querem nos devorar, bem assim falava o homem de Deus.

— Não liga, mãe. Se algum leãozinho vier incomodar a senhora, mande ele conversar comigo.

— Deixa pra lá, filho. E o churrasco?

— Está quase no ponto.

A tarde continuou irretocável, e nós dois aprendendo a ver as nossas formas e conteúdos. Do corpo não falo. Senti-lo é melhor que dizer. A tarde de outono nos oferecia a graça de suas aragens e a delicadeza das cores. A alegria andava solta junto da pele.

A despedida da mãe não foi mais triste por causa da promessa de na próxima semana pintarmos a sua morada.

Na volta pra nossa cidade, vínhamos jogando conversa ao vento. Manifestei minha opinião sobre o principal para uma casa, que é estar envolvido por tudo que ela contém. Se for velha, junto aos tesouros, novos se acrescentam. Diante das asperezas, usamos nossas tocas, nossas conchas, e aí não tem quem nos possa fazer mal. Bem que gostaríamos de experimentar o sabor estendido de sermos juntos numa concha, brinquei. Veja, querida, tenho de concluir a minha toca. Do jeito que está, você vai ficar achando que eu sou relapso. Penso, então, que meu dia precisa da vigésima quinta hora. Estou até desorientado: o projeto do fórum está em fase final, vou precisar de um tempo pra transformar as folhas de meu pai em telas e tenho ainda que pensar nos projetos dos quais você falou. Espero não decepcionar teus clientes.

— Meu anjo, não venha me dizer que vamos entrar num ritmo alucinante. Desse jeito não vai sobrar pedra sobre pedra. Não vamos nos transformar em reféns de nosso trabalho. Nem de longe estou pra ser o rei Midas: deixar tudo em ouro pra depois morrer de fome.

— Me ajude a controlar meu demônio. Parece que fujo dos medos de minha infância. É certo, tenho meus deuses domésticos, entretanto sempre tem um diabo coxo espiando pra dentro de minha alma. Sou um sonhador de casas. Espero que acordado não perca a minha.

Repentinamente, me avassalou um medo de não poder ajeitar minha vida a ponto de receber a dela. Me encolhi no encosto do carro e quase podia ouvir a voz de meu sentimento de inutilidade. Parece verdade, a infância é um chão pelo qual caminhamos a vida

toda. Pra completar o meu temor, ao me deixar em casa, viu minha toca pouco ilustrada. Vi em seu olhar um desapontamento. Foi o que vi. As despedidas não tiveram a intensidade que desejava antes. Pedi aos céus que a noite devolvesse minha confiança.

Meu negócio

As ideias, quaisquer que forem, são dialéticas: o que se afirma agora logo adiante se desconfirma. Saí de casa e me fui saldar minha dívida artística na casa de um amigo que me solicitara meu ofício. Fui vi a casa e gostei dela e do dono, cheio de boas observações em torno de meu projeto. Trocamos ideias e, por fim ele disse: tudo semelhante ao que realizou na casa do doutor Steinhaus. Desculpou-se, a seguir, por se ausentar nos próximos dias.

— Não se preocupe, minha senhora vai atendê-lo, falou.

Em lá chegando, hora e dia combinados, recebeu-me uma linda mulher. Ao abrir a boca me doeu a alma. Isto é o inferno: a grande decepção de trazer um projeto de duas noites de esforços e mostrar para alguém que é tosca como os paus de uma cancela.

A senhora foi logo dando o feito de sua grandeza:

— O meu veio é que quer pintar as parede. Tão boa! Se é ele que paga, é ele que manda.

— A senhora não quer ver o projeto?

— Que projeto?

— A proposta da pintura sugerida por seu marido.

— Nem tô pra proposta. Faz a proposta pra ele. Como já falei, é ele que paga.

— Aqui está uma cópia. Aqui estão as explicações.

— Hiii! Não me dou bem com essas letrinha miúda.

— Então posso começar?

— Já tá perdendo tempo.

Ela me levou ao quarto do casal. Apesar de ser uma bela mulher, seus movimentos deselegantes acabavam desfazendo o que poderia insinuar. Fui sentindo um grande desejo de não estar aí. Ela não falava, o que foi me dando nos nervos.

— A senhora quer dizer alguma coisa?

— Não, senhor. Só não vai respingar nas minhas coisas.

— Vou cuidar as suas coisas.

— Não vai me arrastar o roupeiro de qualquer jeito.

— Não tenha preocupação.

Saiu, por fim, vendo que eu deslocava tudo com delicadeza, cobrindo suas coisas. Santo Deus, ao se entrar numa casa, sempre aparecem surpresas. Vou fazer de tudo a ver se consigo deixar essa casa muito linda. Quem sabe se a beleza deixe essa mulher mais agradável. Será? Como pode, numa mesma casa, haver tanta diferença num casal? Como podem se completar? Ri comigo ao pensar: aqui não há perigo de se perderem um no outro.

Ao pintar, comecei meus devaneios. Ai minha solidão!, trazida desde o sótão de minha casinha. Lá é que me tinha capaz de viver. Meu sótão querido que me guardava de minhas angústias. Minha casinha me consolava e uma cena me veio limpa.

— Por que chora, meu piá, falou mamãe?

— Tem água sobrando nos olhos, respondi.

Enquanto traçava os primeiros contornos das imagens na sala, a dona da casa ia, ela mesma, mudando móveis com uma força descomunal. Ao dizer que cuidaria disso, ela respondia que estava com medo que se lhe quebrassem as coisas.

— Minhas coisa, é coisa de gente fina.

— Tô vendo, minha senhora. Bonita mesmo.

— Aqui tem minhas taça que era de mamãe. Nem sei o que vou fazer se alguém me quebrar elas.

— Essas taças, garanto que valem uma fortuna.

— É de cristal, que minha avó trouxe da Alemanha.

— E não tem dúvida que de lá vêm os melhores cristais.

Por incrível que pareça, repentinamente tive ao meu lado uma mulher gentil. Ufa! Mudou-se o clima. Sorriu pra mim querendo saber o que estava fazendo mesmo com aqueles caras que desenhava na parede.

— Esses caras, minha senhora, vão decorar seu ambiente.

— Sabe que nunca consegui decorar nada? Meu professor do colégio dizia que minha cabeça era bonita, mas que não servia pra número.

— O que eu quero dizer que seu marido e a senhora vão amar os enfeites que esses caras vão trazer pra sua casa.

— Como?, não entendi.

— Eles vão trazer nas mãos as sementes e as mulheres dos caras vão trazer flores nas mãos. Tudo parecido como o campo das terras de seu marido.

— Vou preparar um refresco pro senhor.

— Agradeço de coração.

— Quem agradece é a tua boca. Faço um suco de framboesa que é de dar água na boca.

— Depois eu preciso ficar quieto senão os caras vão ficar feios e as flores ficam murchas, pedi.

— Tu tá chateado?

— Não, minha senhora.



— Tô cansada dessa sua senhora. Me chame de Tardinha que foi um apelido que me deram na escola. É uma mudança de meu nome de batismo de Talita pra Tardinha.

Percebi a maldade embutida no apelido. Pedi se poderia chamá-la de Talita.

— Sim, pode. Bem como minha mãe chamava. O senhor é muito bom.

— Agora eu preciso de silêncio, que é pra não me perder com esses caras.

— Pode ficar sossegado. Vou olhar um pouco mais e depois vou lá na vizinha dizer que tem um homem desenhando gente nas minhas paredes. O senhor me desculpe se não lhe tratei muito bem. Tenho medo de gente estranha. Agora tá tudo bem.

O silêncio foi breve.

— Que mulher bonita essa que vem trazendo um punhado de flor.

— Ela tá oferecendo um ramalhete pra sua família.

— Obrigado! Agora já to indo. Se te der na telha, pode ir na cozinha fazer uma boquinha.

— Obrigado, digo eu.

Ao sair, foi olhando de longe e se despedindo, só não sabia se era de mim ou dos caras. Minha dor se fazia de um sentimento piedoso. Estava bem comigo. Se não lidasse bem com a senhora Talita, ela poderia estar mal. Foi apreciar os pequenos objetos caseiros nos quais se sentia protegida. Dava pra ver: a ternura se escondia bem atrás de sua forma tosca. Na verdade, a pobrezinha se defendia da intromissão de alguém mexendo em sua intimidade familiar. A sua estabilidade residia justo aí. Resistiu de mudar o que pra ela estava seguro. De que precisa ela senão de seu ninho, de sua

toca. Mexer nela poderia fazer que não entendesse mais o rumo certo. Poderia se desorientar com qualquer mudança radical. Entendi melhor, que ao sair olhasse tão fixamente as mudanças. O amigo era confiável. As figuras eram-lhe dóceis. Ninguém tiraria dos eixos seu querido espaço.

Antes do meio dia foram chegando seus filhos: uma delicadeza de gente. Foram se apresentando o Teófilo, o Teodósio, e a Tamara. Olhavam, contentes, os primeiros tons coloridos, quando entrou a mãe Talita. Brinquei comigo: êta gente que gosta de T. só faltava o pai ser Teodoro. Seria demais. Eis que ele chega também.

Todos se retiraram porque o pai ia falar. E falou. Veio saber se o trabalho estava rolando conforme o combinado.

— Tudo certo, disse.

— A Talita não rançou?

— No início senti que não estava disposta a aceitar o trabalho.

— Pois é, ela não gosta que mexam nessa casa. Pra ela essa casa é como uma igreja.

— Deu pra notar. Mostrei que não iria mexer em nada e que tudo ficaria bem.

— Ela é um tanto ingênua, não sei se reparou. Escolhi como minha esposa por causa do jeito amoroso que tem. Se eu quisesse uma mulher genial, iria escolher uma doutora ou um computador.

— Estou contente com a atenção dela. Tenho certeza que vou fazer um bom trabalho. Tudo conforme foi combinado. O senhor agora me dá licença, que vou almoçar. Agradeço a confiança em meu ofício de pintor.

Cheguei ao restaurante, e lá se encontrava a minha Letícia. Em ambos perpassava o estado emergente, quase uma convulsão,

tal nos atingia a descarga elétrica que provinha de nossas emoções. Carregarei a imagem do encontro como lembrança pra apagar qualquer sinal depressivo se um dia me atingir.

Após o almoço ela deixou de falar ao mostrar o livro de minhas pinturas na casa de seu pai. As fotografias haviam sido tiradas em diversos ângulos. O fotógrafo entendia do quanto se pode colher de um só objeto. Os ângulos faziam diferentes painéis das imagens. Dos quatro espaços pintados foram feitos mais de cem quadros em diferentes tonalidades. O que aí se retratava tornava mais exuberante o serviço prestado. Me calei de tanta emoção, passando por mim a ideia: imagina o que se pode fazer de uma pessoa. O auxílio de alguém pode torná-la muito mais do que pensa e sente. Mais vale o que se diz do que aquilo que se apresenta aos olhos. Manifestei meu encanto à delicadeza de Leticia e à arte do fotógrafo.

— Isso, meu querido, prova o quanto dar visibilidade e reconhecimento pode deixar melhor o que se tem. O teu talento é visto melhor desse jeito.

— Pode ser, e não nego o que Deus e a natureza me deram, entretanto, querida, não fosse você, o que realizei ficaria em silêncio. Buenas, querida, não podemos nos ater às glórias do passado que são tão poucas que não dá nem pra pensar em noivar.

— Isso é uma proposta?

— Se eu te merecer.

— A velocidade de nossa relação está pra fórmula 1. Temo que tudo se perca por qualquer desatenção.

— Vamos agora, e pense com carinho na proposta.

— Já pensei, querido. Quero que você se aproxime primeiro de alguns parentes meus pra minimizar os efeitos da bocuda da minha tia. Como se não bastasse estragar a vida de tanta gente, ela

anda minando a tua imagem. Não quero viver te defendendo do sangue mau de minha gente.

— Vou ver o que posso fazer pra atrair os favores de teu principado.

Confesso que me irritei, só de pensar na víbora Faustina. Pútis! A gente não casa com uma mulher: é com uma instituição residem animais de todos os pelos.

A riqueza de uma tarde

Vinha animado com os últimos acontecimentos. Tendo em mim afabilidades por causa do fotógrafo, lembrei de mamãe. Precisava lhe falar. Afinal, minha percepção dela sempre havia sido tão pobre. Nunca avalei com a devida atenção os vários ângulos de seus esforços pra me fazer o que sou. Não poderia simplesmente me afundar em compromissos, como se o futuro fosse tudo de que necessito. O passado tem seus recursos, e nele minha mãe constituía o essencial. Mas...

Ao entrar na casa da senhora Talita, percebi risadas e gritos de alegria. Crianças agitadas pulavam com a mãe. Achei que tudo vinha abaixo. Pedi licença e, logo a seguir se fazia calmaria.

Aproximou-se o mais velho de treze anos:

— Papai mandou a gente não fazer barulho pro senhor trabalhar direitinho.

— Das veiz tô muito contente com meus filhos que dá uma vontade de pular, falou a senhora Talita.

— A senhora não tenha preocupação comigo. A casa é sua. Faça tudo do jeito que a senhora acha que deve fazer.

— Meu marido disse que é pra deixar nossa casa mais bonita. Esse trabalho precisa cuidado. Eu gosto do senhor e acho que tudo vai ficar melhor.

Vi depois uma mãe prestimosa, atenta em todas as tarefas deles.

— Vem cá, Carlinho, cadê o tema pra fazer?

— Não tenho tema.

— Meu filho, tu não tem tema ou tá com preguiça?

— Ah, mãe, tá muito difícil.

— Vem cá, Teófilo, ajuda o mano fazê o tema dele. Só ajuda, Não faiz nada, é ele quem tem que fazê.

— Tamara! Não venha me dá otra desculpa. Pode ir pegando o caderno.

— Tá bem, mãe.

Depois de meia hora veio, o Teófilo pedir auxílio pra mãe.

— Filho, tu sabe que tua mãe não sabe. Eu só sei cuidá de voceis. Te esforça pra lembrá as explicação da prô. Deus não me deu uma cabeça boa. Me deu filhos que têm. Desculpa a mãe, filho.

— Tá tudo bem, mãezinha.

Pela tarde eu via o que se pode esperar de uma pessoa cheia de sensibilidade e inteligência prática. Pelo fim da tarde o Teodósio, que mostrava um jeito danado, falou que tinha um colega muito ruim de cabeça. Ninguém gosta daquele negro, falou.

A mãe não esperou.

— E se fosse você de quem ninguém gostava, tu ia gostá?

— Mas eu sou branco.

— Ele não é gente que nem você?

— Bem igual, não. Ainda por cima é pobre.

— Mais ainda tu devia chegá perto dele. Tá aí pra quem a prô pediu pra fazê um bem. É tu quem vai abraçá Querino e levar a bola de Páscoa.

— Que merda, mãe. Eles vão rir de mim.

— Diga que você é mais você pra gostá de quem você quer.

— Mas eu não quero.

— Lembra da historinha que eu contei da corrida dos deficiente. Um caiu e todos acudiram? Todos tavam loco pra ganhá a corrida. Um cachorrinho mau dentro deles queria a vitória. Um cachorrinho bom dizia pra eles acudi. Eles acudiram. Eles fizeram o cachorrinho bom crescê.

— E a senhora quer que eu alimente meu cusco bom dando uma bola pro negro da minha turma?

— É isso, meu filho. Amanhã vou sabê do filho da comadre se você deu ou não deu.

— Sacanagem!

A essas alturas queria vir no dia seguinte só pra ver o desfecho da lição. Antes de terminar o dia chamei Teodósio. Desenhei um menino negro recebendo a bola de outro menino. No balãozinho da fala do negrinho, dizia: o Teodósio é o cara!!! Ele me olhou com a carinha de malandro e falou: Menos! Menos!

Ao deixar limpo o local de trabalho, entrou o senhor Domingos. Olhou, avaliou e gostou. Caprichei demais ao ressaltar sua família numa das paredes. Os traços saíram muito alegres, e, particularmente, a fisionomia de Talita mostrava um ser feliz. Consegui tirar de minha alma as tintas pra dizer que aí havia uma linda pessoa. Ele chamou seu povo, e cada um expressava o que via de si mesmo. O Teófilo avaliou-se com moderação: estou bem na foto.

O malandrinho do Teodósio olhou e saiu-se com essa: um perfeito anjo caído nessa casa. O pai retrucou: Não estou vendo isso. O carinha aí não tem nada de santidade.

Do pai e da pequena fiz apenas uma cópia fiel.

De tudo que levei da casa, o mais que carregou é um diálogo com seu Domingos a respeito de sua Talita.

— Ela é uma mulher feliz, falou o agricultor.

— Disso não dá pra duvidar.

— Me impressiona nela a maneira de enfrentar os problemas, continuou. Talvez por não ter um tirocínio tão profundo, pode ver melhor como as coisas são. Não fica buscando hipóteses e deduções. Parece ir direto ao assunto quando se trata das dificuldades dos filhos. Não fica fazendo prólogos nem epílogos, dizia. Há um otimismo em tudo. Acho que não percebe a perversidade das pessoas. Desse jeito ela cria sentimento de confiança nos filhos. Quando, porém, vê que um deles se sente ameaçado, ela não tem meios-termos. Foca o problema e manda ver. Resolvido o problema, não fica remoendo.

— Pelo que vi, seu Domingos, ela não tem jeito de ser infeliz. Não apresenta angústias existenciais. Vive do que de melhor possui.

— Acho que é por aí.

Mais uma semana se passou, e dia a dia podia se perceber a implementação da nossa empresa Domus. Concluí o meu projeto do fórum. Mais que tudo desses dias me agradou, além, é claro, da ternura de minha amada, o sentido da justiça que penso ter conseguido traduzir nos traços da proposta de meu painel. Um homem de peão e uma mulher de prenda carregavam a lei e a virtude, respectivamente. Alegria era o nome de meu sentimento. E se o sábio diz que a felicidade é medida pela alegria, *entonces...* Concluía os primeiros traços a lápis da próxima casa. E mais, o homem e a mulher que me haviam solicitado o projeto pediram o inusitado. De fato, o bem nem sempre está do meu lado.

Me comunicaram: o meu painel do fórum não foi o escolhido. A razão: o homem da lei e a mulher da virtude pareciam andar com muita lentidão. De fato, olhando bem, os seus movimentos não revelavam agilidade alguma. Me calei por entenderem os jurados que a justiça anda mais veloz do que retratava meu painel. Não é o meu entendimento. Meu sogro também não gostou de minha proposta. Apenas falei: a justiça brasileira não pode ser medida pela sua. Veja,

dr. Alfredo, tem mais de quinhentos juízes sendo julgados por improbidade jurídica. Brinquei: no próximo painel, o homem da lei e a mulher da virtude andarão zengos.

Já era tempo

Pensei com Maquiavel pra não perder o sonho de meu principado. Gostei de partes do seu livro *O Príncipe*.

Meu amigo Niccolo, servidor fiel e duvidoso dos Borgia, por medo de lhe faltarem poder e comida, serviu o seu senhor de maneira pouco recomendável. Ainda que visse os péssimos costumes de Borgia, seguiu-o pra não perder o pau e o toucinho. Vou adiante, pensando com Niccolo Maquiavel sobre a importância dos hábitos a serem respeitados pelo príncipe conquistador. Vou avaliar costumes da casa de Letícia, cuidando pra não negar os jeitos de ser daquela casa. Buenas, por recomendação do pensador político, vou expor o que segue pra modo de não dizerem que não fiz de um tudo pra me dar bem naquela família.

Primeiro: vou pôr de bom jeito meu coração. De muita devoção e muita crença fazem-se certos dias. Com domingos sem missa e quaresmas sem penitência não se faz um bom coração. Por quatro semanas da quaresma praticava tudo de boa fé. A concentração dos dias de penitência fazia bem. A piedade das horas silenciosas da semana santa me deixava poético e triste. Não tomava Cristo por Deus, contudo me deixava satisfeito o costume de pensar num homem que testemunhou com sangue a sua crença cheia de bondade. Me deixava terno por dois dias a cerimônia de acompanhar um burrinho e os ramos verdes. Todos cantando, como os meninos dos hebreus. Me alegrava ver o bem-estar de domingo de Páscoa que brotava de Armanda e de Letícia. Não eram os meus costumes de berço, portanto, não se acendiam as mesmas velas como no coração da casa Steinhau. Avaliava bem menos os sucedidos daquela semana. Pensava: a lei dos outros merece respeito, e lá ia eu meio estranho, amando o que eles amavam. Mais bem me fazia a admiração que me depositavam, por conta de minha solidariedade. Aprendi com eles a silenciar diante de fatos, os quais costumavam

saltar de minha boca. A Letícia, certa feita, brincou: cara, você é muito bocudo! Não vê que teu comentário magoou o tio Adolfo? Todos sabemos que o filho dele apronta por aí. Pra que mostrar com todas as letras o que dói. Se você se acercar do piá e disser palavras que o façam um pouco melhor, vai cair bem. Lá todos se presenteiam. É presente daqui e de lá. Hoje, mesmo sem jeito, ajudo a escolher os presentes. Me custa, mas vá lá. Dia desses levei um presente pro tio Ricardo, irmão de minha mãe. Ele chorou, dizendo que era o primeiro presente que recebia de aniversário. Falou: não sabia que eu era tão importante pra ti. Fiquei quieto, mesmo sabendo que ele é bruto com minha tia emprestada. Só disse: você é importante pra todos e mais importante pra tia Carolina. Outra vez, é quase certo, eu diria: vê se trata melhor a tua mulher. E desse jeito teria um homem humilhado pronto pra se vingar. Bem, antes me indispunha, facilmente, com tantos quantos eu fosse falar, sem medir o fato de uma pessoa ressentida representar um perigo. Já imaginou ter o papudo do tio Adolfo ressentido? Me basta já a Faustina.

As pessoas esquecem a morte do pai, não a perda de um pedaço de seu patrimônio. Por essa razão, jamais especulei sobre as riquezas da família. Causa péssima impressão preferir a riqueza em vez da família na qual se entra. Bem mais tarde foi que aventurei, por pura brincadeira, referir a pobreza do senhor Steinhaus, mesmo sendo juiz. Letícia prontamente, respondeu: e eu que pensei que houvesse uma fazenda das terras de teu pai? Até, por fim, fiquei contente. Dessa maneira não haveria alguém apontando pras minhas intenções em torno de Letícia. Ao, contrário, sempre elogiei a atitude do casal Steinhaus em viajarem e não se preocuparem em amealhar recursos para o futuro distante.

Caiu bem a oportunidade de as amigas de Armanda conversarem de bom ânimo em torno da beleza de suas paredes. Numa das pausas, e coisa difícil isso, consegui intervir e dizer que a cena de uma das paredes fora sugestão dela. Seus olhos mostraram gratidão pelo reconhecimento. Ia esquecendo de falar sobre a

fotografia de sua infância. Ganhei a amizade de minha sogra com o tal quadro. O meu orientador Niccolo afirma que, numa conquista, o bem deve ser ministrado aos poucos. No meu caso, foi diferente: bastou entregar o quadro no qual ela está muito bonita, fazendo-a se desmanchar em sentimentos a ponto de brotarem lágrimas de agradecimento. Pensei até que minha sogra iria secar de tanta água que saía de seus olhos. A imagem ampliada de si mesma reforçou sua autoestima e, por longos dias, só falava de seu presente. Até festa realizou de aniversário de um ano do quadro. Vi de maneira irrefutável o quanto o reconhecimento por aquilo que se é ou se foi pode causar transformações inesperadas. Inesperados também foram os resultados financeiros. Diversas de suas amigas solicitaram trabalhos similares. Nunca pintei tanto rosto de meninas. Reforçava os melhores ângulos, e brilhos alegres não faltavam. Letícia chegou a brincar comigo. Belas mentiras são teus quadros. Ria ao responder: não minto, meu bem, ponho em relevo o que se ocultava. Que me diga quem souber de tudo que se prende numa mulher. Fui angariando amizades que me defendiam contra qualquer suspeita de não merecer o amor de Letícia. Não desprezei nenhum dos vizinhos da casa Steinhaus. Uma senhora muito simples solicitou que pintasse seu retrato e de toda sua ninhada. Me debrucei com desvelo, ampliando a foto e aperfeiçoando detalhes que a pobreza costuma mostrar. Depois disso, todos me saudavam com respeito, pois havia respeitado na vizinha a todos os outros que a cercavam. Buenas, não havia porque temer. Apenas sobrava a pernóstica da Faustina, que vivia distante como se eu sofresse de qualquer doença contagiosa. Não posso negar, isso me alegrava.



Bifurcações de meu amor

Aprecio muito falar de minha casa e de seus habitantes. São três a quem protejo e amo. Minha gentil senhora, minha pequena Andreia e meu garoto Silvano. Desde o casamento, me senti responsável por Letícia como se a felicidade dela dependesse de mim. Quando nasceu minha pequena Andreia, senti que me habitava um outro ser humano de tão grande o surgimento da ternura. A primeira palavra e a primeira frase da pequena foram colhidas por mim como se recolhesse nelas a minha alma. Um ano e meio depois, me veio, de presente, o Silvano. Mais uma vez, pensei que não caberia em mim tamanho o meu entendimento a meu respeito. Por diversos dias, não sabia a quem agradecer o fato de ser pai. Acho que, se Deus criou todos os universos, deveria sentir o que sinto. Somente eu não tinha o poder em transformar em estrelas o brilho de meus olhos. Estava tão eufórico que até minha sogra ficou admirada de tanto desvelo que tinha em agradá-la, quando vinha até nossa casa. O seu Alfredo se desorientou um pouco, por não saber retribuir meu carinho pela presença de sua graça.

Ambas as vezes, porém, os afetos foram se arrefecendo, sem entretanto, perder a chama viva do cuidado e do prazer de abraçar minha pequena gente. Acho, porém, que, aos poucos, essa ternura mais se tornou preocupação em vê-los aplicados na formação de bons hábitos e de atendimento das tarefas escolares. Assim, com meu envelhecimento, fui me tornando de um amor quase burocrático até o dia que me alertei pela confissão do passado que adiante devo narrar. Pois, desde então começou a me invadir uma sensibilidade caseira como a suavidade das madrugadas. Fico pensando se acaso não se arrefece a alma em razão de o peito não suportar a constante alegria, entrando num regime de calmarias. Bem que seria bom que se somassem as emoções agradáveis, esquecendo-se os maus sentimentos. Buenas... seja do jeito que Deus nos fez através da natureza, não necessito de outro conforto que não o de minha casa

com minha amante senhora, amável e doce como pão de mel que tanto me agrada. Não sou um dom Pedro carecendo de Domitila e outros filhos além dos abençoados na singeleza de minha família.

As bifurcações de meu amor, se não se estendem pra fora de casa, bifurcam-se na escolha de minha intimidade e na densidade que tenho. Isto é: a atenção desvelada em constantes olhares para a simplicidade dos eventos caseiros, que, ao serem bem percebidos e valorizados, estreitam-se mais no meu peito. É, o infinito não carece de grandes proporções.

A grande dificuldade de meu amor

Quero me referir à tia de Letícia, a Fustina, cheia de pretensiosa, mas fraca inteligência. Coordenava elogioso empreendimento universitário com despótica maneira, mas com admiração e interesse de toda a região. Odiada por grande parte de colegas, dirigia tudo sob o medo e ressentimento. Ouvi de um professor meu que ele preferia ter um pé de cactos entre as pernas que aquela mulher. Feia, odiada, mas de uma bruta decisão e efetiva ação, conduzia seu trabalho sem olhar a quem pisava. Pessoa feia era ela. Depois dos meus esforços já conhecidos pra ter minha presença na boa casa de Alfredo Steinhaus, resolvo dizer o que digo. Não esqueço seu nome e sinto o perdão longe de mim. Uma vez na vida confesso-me cruel. Não conseguindo escapar, como as raposas, das pérfidas armadilhas que armava pra me prejudicar nas bifurcações que o amor costuma ter, resolvi dar uma de leão diante daquela loba faminta. Pra se ter uma ideia, chegou a insinuar pra Letícia, certa feita, que os avanços de meus recursos eram escusos. Letícia declinou de dizer seu nome. Sabia, entretanto, do endereço da maldade. Provei nota por nota a minha honestidade e competência em lidar com meus recursos. Dissimulada, dizendo estar somente preocupada com o bem da irmã Faustina, falava: tu que é mãe sabe: quem foi pobretão sempre vai ser. Ele apenas está vestindo nobreza a custa de muito esforço. Quando casar retorna à casa de sempre. E veja, querida mana, que os artistas não têm muita firmeza sensual. Há uma tênue separação entre um jeito de ser e outro.

Após tudo ter se passado bem pra felicidade minha e de Letícia, a loba dissimulada veio até nossa casa mostrando toda a afabilidade. Queria saber de minha amada, de como andava nossa intimidade. Ofereceu sua casa pra uma festa. O sucesso de teu amor, minha sobrinha, merece comemoração, falou. Entrava em casa quando ouvi dela essas palavras, tendo uma certa ironia incapaz de ser completamente afastada. Foram-se meses e meses tentando

dissimular a sua inegável raiva de mim. Sempre havia uma ponta de ironia aos elogios de meu trabalho. Enquanto realizava os projetos das novas casas a serem pintadas, ouvi dela mais de uma vez palavras pouco agradáveis. Somente Letícia, em sua generosidade parental, não percebia o quanto suas palavras tinham duplo sentido. Homem pra ser homem, falava abstratamente a mulher das fauces, deve ser macho. Nem eu suporto ficar o dia inteiro dentro de casa. Sabia que se referia a mim, entretanto, Letícia não tinha a mesma opinião. Ao realizar uma exposição de meus quadros sobre *Ângulos de uma casa imaginária*, ouvi um comentário dela com uma colega da universidade: esse tem outro por dentro. Nunca vi tanta delicadeza. Tem mais, dizia ela, as cores são opacas e pouco dizem da força de uma casa. Eu aí quieto como um Urutau e com cara de poucos amigos. Logo a seguir, veio até mim e desmanchou-se em elogios. Pra piorar meu desconforto resolveu abrir a boca falando baixinho pra Letícia: nossa, que coisa mais indelicada está o teu pintor. Foi aí que me perdi. Despreendi de mim todo asco e todo o veneno guardado.

— Escuta aqui, sua besta, não bastou ter me azucrinado antes de casar? Peço que não se aproxime mais de mim. Tua presença me é pestilenta. Se tu tens um filho viado, não é minha culpa. Se tu não levou jeito de fazer dele um homem é porque tu não é uma mulher atraente, confundindo o sexo do teu filho. Digo isso porque quero dispensar de vez qualquer comentário sobre mim e meu trabalho. Tem mais: se alguém não teve coragem de dizer que na Universidade você é temida e odiada, jamais amada, falo por todos e por mim. Por favor, não se faça de desentendida: quero tu longe de mim. Por favor, não se aproxime de minha casa e de minha gente pra que aprendam me amar por aquilo que sou, e não pelo veneno que tu distila. Sei falar português, mas até ele sai mal perto de ti!

Olhei pra Letícia, que, espantada não sabia o que fazer. Falei então:

— Venda tudo se quiser, inclusive a desgraçada de tua tia. Duvido que alguém a queira.

Desorientado comigo, fui pra casa tentando reunir os pedaços de mim.

Meu Iom Kipur

Quando minha pequena me viu chegando, saiu correndo. Depois de uma distância, gritou:

— Papai tá feio! Tenho medo, papai.

Vi por ela na porcaria em que me transformara.

— Não tenha medo, filhinha. Não tô mais feio, falei-lhe calmo.

— Vem, papai.

Abracei-a, desconsolado.

— Não chora, papai! Porque chora?

— Porque papai foi mau com a tia Faustina.

— Ela é feia.

— Você é mais querida que teu pai. Pode gostar dela.

— Se o papai não gosta, eu também não gosto.

— Papai não vai mais ficar com raiva dela.

— Ouvi papai dizer que ela é uma desgraçada.

— Papai não vai falar mais assim.

Beije a pequena Andreia, e a babá veio com o carrinho do irmão.

— Fica agora com o mano e a Érica, que cuida de ti.

— Pra onde papai vai?

— Vou de castigo pro quarto pra pensar.

— Só um pouquinho.

Me retirei esperando por Letícia. Passou-se uma hora. Imaginava que viesse como um furacão pra dentro do quarto. Ouvi, entretanto, seus passos entrando sem pressa.

— Bem, acho que matou de vez a tia Faustina. Isso te deixou melhor?

Se Letícia tivesse me xingado, esbravejado e me arrasado com vitupérios e outras histerias, acho que seria melhor. Fiquei quieto por momentos.

— Não vai falar não, meu amor?

— Me comportei como um cão raivoso.

— Sabe que uma colega dela, vendo ela daquele jeito, tomou coragem também? Foram tantas palavras raivosas e tanto veneno! Não sei se ela vai se recuperar. Foi um tratamento de choque. Isso não pode ficar assim. Minha mãe já me telefonou dizendo que não esperava isso de você. Sabia que havia uma antiga indisposição tua em relação a ela, mas que poderia ter sido amenizada numa conversa mais civilizada.

— Deixa rolar que pra tudo tem sua hora. Vamos esperar o momento certo pra cicatrizar. Vou dizer pra toda parentada que a casa apenas sofreu um pequeno terremoto sem nenhuma consequência. Vou me desculpar com tua mãe, mas vou esperar o necessário a ver se pode haver um perdão ameno.

— Aceito, mas vou estar de olho nessa tua disposição de se arrepender.

Ficamos um tempo de corpos abraçados. Aos poucos, voltaram em mim as forças pacíficas. Comecei a me sentir uma ostra em sua concha vendo se daquela ferida poderia fazer uma preciosidade.

Buenas, dias depois, tirei uma rápida conclusão. Nem sempre funciona o que disse o meu amigo Nicollo. Se tiveres que destruir o

inimigo, destrua logo pra que não sobre a possibilidade de vingança. Rebentei com a tia, mas vieram parentes que se ressentiram de minha ofensa. Cansei de me justificar pra ver se minimizava o efeito do meu tsunami. Sabia que pra provar minha razão deveria estar atento em outros benefícios que poderia produzir. Reuniões em festas religiosas e em algumas pagãs foram feitas pra adoçar o limão. Passaram-se alguns anos. Os encontros com Faustina, daí por diante, foram breves e burocráticos. Mostrava-me afável, mas que não viesse pra cima de mim. Nunca se sabe dos males que se tem e do jeito de eles se precipitarem. Estava tentando sempre monitorar o animal que rosnava nela e em mim. Os anos foram se passando e eu sem jeito de encontrar a circunstância melhor, mas tenho pra mim que tudo tem seu arranjo. Acho também que é hora de quebrar esse antigo mal-estar com a tia Faustina. Quem não esquecera, tampouco deixara de esperar a hora de um encontro melhor, foi a Letícia. Tanto assim que veio pro meu lado certa manhã de domingo.

— Sabe que ela foi se tratar, tamanha foi a violência do susto que você deu faz bem mais de dez anos. Ela parece estar de boa vontade. O inferno dela se arrefeceu.

— Você quer dizer que diminuíram as chamas?

— Seja lá o que for. Também tu não podes ficar com essa rosca atravessada em tua garganta.

— É vero! Daqui a alguns anos vamos matar nossos leões.

Era Letícia quem andava de olho em minha fera. Ela sabia que ainda me doía a loucura das ofensas que fiz à Faustina. Não que fossem tão doloridas, entretanto alguns parentes começaram a ver em mim um homem descontrolado. E ronronavam por aí dizendo que já andava como um velho desbocado. Ele não precisa mais da família e coisa e tal. Ele não merece nossa admiração. Anda cada vez mais convencido. Ele isso ele aquilo. Relevava tudo, esperando que os dias e as noites fossem apagando minha nervosia passada. Em certo momento, confessei pra Letícia que eu poderia acertar os ponteiros,

contanto que ela não viesse com seu ar cínico. Não esperava, porém, que tudo seria arranjado de acordo com o que segue. Dias antes do Natal Letícia me falou com santa ingenuidade: se te comportar bem, vou te dar um presente muito bonito. Na tão esperada noite, Silvano e Andreia, já passando a adolescência, estavam efusivos e loucos pra saber de meu presente. Logo soube dele. Andavam contentes, pois o meu era o deles também: um cruzeiro pelo Caribe. Havia, porém, um mistério pendente. A viagem de nós quatro foi sem surpresas até Cartagena, Colômbia. Aí tomaríamos o navio. Ao embarcar, muita alegria: na fila de embarque estavam a dona Armanda e seu Steinhaus. Entramos no navio: aquele ambiente mágico de um luxo magnífico. Tudo revelava uma ternura demais. Feitos os preparativos e a cerimônia dos salva-vidas, descemos os quatro. Letícia pediu se eu não poderia descer até o bar pra trazer um refrigerante. Encontrei os meus sogros muito efusivos me convidando pra tomar uma taça de champanhe. Tomei duas, tamanha era a insistência e alegria. Quando ainda borbulhava o precioso líquido em minha cabeça, vi entrarem tia Faustina e seu João de uma receptividade incomum. Me abraçaram efusivos. Tia Faustina me apertou em seus braços. Logo em seguida apareceu seu filho acompanhado de seu companheiro. Tudo se tomou de uma humanidade e de um acolhimento transcendentem. Logo a seguir vieram Letícia e nossos filhos. Jamais poderei avaliar os bons sentimentos que nos cercavam. Aproximeime de Faustina mais que de todos. Quebravam-se os laços do mal-estar que me perseguiam fazia 10 anos.



A respeito de meu casamento

Põe festa naquilo! Podíamos contar com nossa sobrevivência. Havia suficiente proteção e ternura. Meu Deus, que coisa boa essa força da juventude. Tudo é atração. Não posso negar: amor também vive de prazer. A natureza esperta, as condições suficientes, a torcida muito grande. Tudo colaborava pra mantermos nossos laços de fidelidade e intimidade. Não havia outra necessidade humana que pudesse rivalizar com a união de um homem e uma mulher. Rigorosamente, como diz Carpinejar: *É constrangedor confessar a dependência, mas não resta alternativa. Nunca será mais sozinho. É uma simbiose amorosa por dentro das lembranças, dos hábitos, que surge no modo de repartir uma tangerina e pôr açúcar no café. Uma necessidade de primeiro servir para depois saciar as próprias ansiedades.* Com a licença das vezes que estamos chateados, servimo-nos por primeiro. Sorte que tal unidade éramos eu e a Letícia. Fizemos nossa lua de mel pelo Mediterrâneo. Um cruzeiro memorável e cheio de uma imensidão de corpo e alma. Amar muito também tem disso: é como se o infinito revelasse seu poder e o cotidiano perdesse sua trivialidade. Embora fôssemos de um amor ainda breve e sem prova severa, ficávamos horas rememorando os encontros e desencontros. Achava que ela me tinha como miserável, perto de sua fortuna, me avaliando como um pintor apenas cheio de promessas. Eu a via como uma menina superprotegida, entretanto, fui, aos poucos, percebendo que aí residia uma poderosa negociante. Temia muito pela nossa sociedade. O tempo mostrou que aí morava nosso poder. O amor tem disto também: os lugares, os benditos lugares por onde anda a sensibilidade são responsáveis por forças que potencializam os eventos mais simples. E o lugar chamado casa é o principal.

Bem... Voltamos e nos devorava uma fome de provar que poderíamos dominar um espaço significativo para nossos ofícios. De fato, a capacidade de Letícia negociar e minha criação de casas

fizeram de nossa sociedade um sólido empreendimento. O entusiasmo pelo nosso poder foi tanto que nos perdíamos cada vez mais nele. Ainda bem que nos nasceram duas criaturas tão lindas que nos tornavam ternos. Por outro lado, a díade se mostrava sem inspiração. Nos iludíamos julgando que produzir e reproduzir nos bastava. Certa manhã de domingo, mortos de cansaço pelo burburinho e pelos movimentos de nossas invenções e extensão profissional, Letícia depois de levar as crianças até a casa Steinhaus, me alertou sem muita convicção.

— Bem, não estamos bem!

— Por quê?, perguntei

— Você sabe que nossa bandeira se estende a meio pau.

— Acho que tem razão.

— Vamos viajar, falei.

— Será o suficiente?

— Estaremos somente nós dois.

— Será que não estaremos fugindo de nós dois?

— Sabe, querida, às vezes eu penso que as paisagens podem renovar o corpo e a alma.

— Entences, vamos por algunos dias a La Argentina?

— Vamos a intentar?

Abraçamo-nos sem muita convicção e rolou um amor bom, mas muito cotidiano. Mais uma vez, pelo que narro, pode-se acreditar que as virtudes andam de graça passeando por aí.

Fomos felizes porque só o fato de ter outros movimentos já se apresenta um ânimo diferente. Outras perguntas e outras respostas. Animação: mamãe, traz um presente. Papai, traz uma camiseta do

Boca. O sogro: não deixem de ir ao Senhor Tango. Muito mais, porém, nos aconteceu do imprevisto.

A noite do show foi espetacular. Bem que o sogro tinha razão. A abertura com índios da pampa poderia ser melhor com italianos saudosos entrando pela boca do Rio da Prata, cheios de saudade e com sons ainda plangentes de seu solo. Dessa tristeza e paixão nasceu um som dolente e apaixonado: o tango. Bem, não sou eu o sonoplasta responsável pelos arranjos de ambientes motivadores. Janta e o tango, senhor tango. Pelas tantas Soler canta e provoca a assistência. Dirige-se a mim, perguntando:

— Acaso és tu mujer, esta senhora?

— Si, respondi tímido.

— Casado?

— Si.

— Quantos años?

— Dez.

— Tantos!!

— Hijos?

— Dos.

Dirigiu-se para Letícia.

— Amantes?

— Mui amantes

— Puedes explicar?

— Sim. Tanto amantes que ele se confunde comigo e eu com ele.

— Interdependência?

— No, dependência.

— Por que vieram em Argentina?

— Pra buscar mais amor.

Dirigiu-se pra mim.

— Quem manda?

— Ela.

— Pero ella és tan meiga.

— Como em toda mulher: parece um anjo, mas carrega um exército.

— Mui bien, mui bien.

Seguiu cantando, como se nada tivesse acontecido... E na alma da canção uma tristeza de um amor perdido.

*Desde que se fue
triste vivo yo,
caminito amigo,
yo también me voy.*

Diferente de nós dois em nosso caminho, querendo *mucho más*.

Assim fomos aprendendo que, quando se emudeciam os nossos apelos, buscávamos outros, que as forças se arranjam também fora, *pero* juntos.

Voltamos e juramos mais uma vez sobre nossa promessa de estarmos reciprocamente cuidadosos. Dei, então, uma de jornalista. Vou brincar de repórter. Vou narrar para mim os momentos em que me dedico pra observar e dizer palavras boas, fortes e interessantes pra ela. O olhar pode deixar minha mulher melhor. Acho que casamento também é isto: quando o companheiro estiver sem boa

visão de si, o outro pode ampliar os sentimentos que costumam adormecer.

Um homem rico

Minha sensibilidade começou a se perder, só não sei em que momento. Os dias cansados e divididos em cálculos, projetos e pinturas começaram a tornar a emoção como água parada. Pior que o aspecto profissional, rondava o demônio de minhas dificuldades em expressar a ternura dos primeiros tempos. Não posso me queixar. Por mais de quinze anos, intensas melodias foram ouvidas quase todos os dias. Um vazio monumental começou a se apresentar depois de um ano de interstícios de baixa expressão. Subi o valor de meu trabalho. Quiçá fosse muito trabalho e pouco lucro? Tinha sempre dois bons estagiários escolhidos a dedo. Dois empregados faziam o trabalho trivial de preparar os ambientes. Não me faltava prestígio nem o respeito dos meus. Terapeutas e psiquiatras tentaram com palavras e medicamentos devolver minha antiga devoção. Andava desse jeito, feito um peregrino de longa caminhada, um penitente sem pecado, sem arrependimentos e sem oração pra devolver o movimento alegre. Busquei o suplemento das horas passadas. Foi tão pouco que mal deu pra refrigério o saber que amei. Invoco a mesma pergunta que faz Bachelard ao falar de casa: por que nos saciamos tão depressa da felicidade de habitar a morada? Por que não fazemos as horas passageiras durarem?

Fui ver o que se atravancava em meu caminho. Talvez fosse alguma memória não resolvida, impedindo o fluir das horas da serenidade e da ternura? Fui ter com minha mãe. Sim, ela, demolida quase por inteira pelas velhas inflamações do pulmão, mesmo desse jeito, poderia ser meu socorro. Respirava buscando ar ao corpo que mal se sustinha. Falei pra Letícia que ia resolver um problema na casa de minha mãe. Os pequenos imediatamente pediram pra me acompanhar: o Silvano e a Andreia, todos os dois, alegres e de boa índole. De muitos abraços e de poucos rancores. Silvano um pouco mais turrão, entretanto, dócil através de uma boa conversa. Bem que dizia Armanda: é fácil educar quando a natureza é boa. Podia me dar

a esse luxo caseiro, pois os negócios andavam bem. Carecia de novas impressões e, talvez, me resolveria em repisadas pegadas da minha infância. De tanto tatear, encontraria a maciez de minha alma.

Letícia não poderia ser culpada de nada. Me parecia fiel. Ultimamente é que eu andava desconfiado. Por não dar conta do riscado, temia que a carência dela fosse apelar pra outros gestos. Não podia feri-la por gestos indelicados em razão de minha miséria. É ,era isso mesmo, se tudo comesse a se dar num nível de achar culpados e encontrar motivos de atritos, então desandaria para uma situação irreconciliável. Não andava tão mal pra desejar que tudo desmoronasse. Poderia meu antigo regaço fazer melhor o que as conversas técnicas não resolviam. A vítima era eu, e não deixaria de buscar remédio na velha farmácia materna. E mais: tomaria minha casa antiga como meio de segurança em minha inconstância. Tenho pra mim: quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. Disso eu precisava. E havia mais que a materialidade de um rancho quieto. Nele havia uma mulher, princípio da vida e lugar das afeições gratuitas. Me habitava mais que um devaneio amoroso; havia uma crença. Retornaria à casa da roça. Talvez que um pedaço de mim ficara aí e qualquer pássaro amigo trouxesse em seu bico a minha solução. Quem me dera ser abraçado pela plenitude original do ser de minha casa com tudo que ela carregava, com a qual não conseguira me dar. Desconfiava, também, sobre a nossa constante presença carregada de números, encomendas, balanços, cores e pincéis, tudo fazendo parte de um negócio que não nos envolvia em virtude do coração. Vai ver que estaria contagiado pelas águas ásperas de tanta superficialidade. Não teria nosso amor sofrido da liquidez dos negócios? A relação não estaria sendo contaminada pela frivolidade dos diálogos profissionais? Talvez que o verde da roça e uma casa poderiam melhorar minha situação. Tá bem, eu fico, falou Letícia, olhando-me com severidade, sabendo muito bem que

precisava de um refúgio. Acabei indo sozinho pra casa que havia sido repaginada dois anos antes. Letícia conseguiu convencer os dois a deixarem o pai caminhar sozinho.

Havia comprado os dois hectares de terra onde se localizava a casa de minha primeira infância. Além do interesse em reflorestá-los, havia encantos particulares. A casa antiga me servia de consolo, pois aí se inscreviam os momentos de relações decisivas para mim. Tudo parecia tão frágil em mim. Não seria o regaço das árvores um tônico? Não poderia jogar pela janela o que eu, com tanto esforço, havia conquistado: meu principado estava em perigo por falta de virtude do príncipe, e o príncipe sem jeito era eu. Necessitava disciplinar novamente as tropas de meus primeiros soldados, que andavam muito descontentes. Anoitecia quando ao palácio de minha pequena casa. Poetei com Bachelard: tenho minha casa pra me proteger e amparar, casa dos estios obscuros de minha infância. Caminhei pelo pátio. Renomeei as primeiras lembranças. Vi meu pai conversando com minha mãe. Discutiam severamente sobre a venda da terra e a ida intempestiva pra cidade. Lágrimas desciam pelo rosto de minha mãe. Me via muito desorientado, sentado sobre um toco de árvore. Outras cenas foram se sucedendo. Ora meu pai agitado, ora minha mãe abraçada em mim. Liguei pra minha mãe perguntando sobre os dias que antecederam a venda da casa. Foram os piores dias, filho. Vendeu mal, que mal deu pra comprar uma casinha na cidade. Perdoa teu pai pelo sofrimento daqueles dias. O silêncio falava alto, meu guri. Você não cansava de perguntar se na cidade tinha árvores e pássaros. Teu pai não me consultou, vendeu porque sempre foi precipitado. Não dava pra nada a terrinha. Nisso ele tinha razão.

Silêncio pequeno e fundo.

— Mas o que é que tu tá fazendo aí na roça?

— Matando a saudade, respondi.

— Mas que saudade, filho? Saudade a gente tem de coisa boa, repreendeu-me.

— Vou ficar uns dias pra fazer as últimas arrumações. Isso aqui vai ficar um sonho. A senhora não quer vir comigo?

— Vou amanhã aí.

— Apanho a senhora antes do meio-dia e ficamos juntos pra ver o que está acontecendo.

A noite rapidamente me envolveu. À luz de uma lâmpada, fiquei horas remoendo minha solidão infantil. Meu avô surgiu na lembrança, e os devaneios me sobressaltaram. Retomei a conversa dele. O pai de meu pai era de uma solicitude comovedora. A pobreza do velho senhor se amenizava com seu talento de imaginar. Narrava histórias de suas aventuras, das quais saía sempre vencedor. Os devaneios do meu avô em torno de seu poder de caçador, de vendedor se avolumavam em proporção à minha atenção. Seu consolo de gente a ser reconhecida se desdobrava em conquistas imaginárias. Eu, crente fiel, não perdia um instante de sua fé. As casas de sua vida se assemelhavam aos palácios das histórias infantis. A inspiração criativa se constituía em verdade salvadora. Lá ia falando o velho senhor: de uma casa, em especial, se davam vibrações espantosas e de uma fertilidade magnífica. Verdes diversos cobriam o telhado. A composição das paredes formava-se de um azul e dourado dos besouros das matas: um inseto reluzente. A chaminé, encimada por um galo a cantar conforme o vento. As comidas feitas nas caçadas sabiam do que de melhor um rei poderia se alimentar. Apreciava domesticar aves silvestres. As pacas e as cutias comiam de sua mão. A luz da casa se espalhava em claro escuro entre cipós e árvores altas. Brincava com macacos que entendiam seu querer. A pobreza tem disto para alguns viventes: tem mais do que a realidade possa conceder. Meu pai se condoía por vê-lo tão sonhador, pois ele, ao contrário, não tinha histórias. Falava que tinha mais o que fazer. Vejo-o agora entrando pelas luzes e sombras

de minha lâmpada. Converso com ele, tendo a impressão de responder-me.

— Que homem rico era meu avô, dizia-lhe.

— Pobre tem disso: faz de conta pra aguentar o seu tamanho.

— E o seu tamanho, pai?

— Bem menor do que esperava. Desprezei as circunstâncias melhores. E por não dar conta das oportunidades, eu fiquei abatido e pior.... Achei que a bebida poderia aliviar. Me dei mal e fiz mal pra ti e tua mãe. Tinha talento e joguei fora.

— Pai, será que sofremos de algum mal de nascença?

— Parece, filho. Teu bisavô era um cara sempre perturbando os outros... Era inconveniente com as crianças. Mal via uma criança que lá vinham os tormentos. Se divertia com a ingenuidade dos pequenos. Teu avô, você sabe, vivia nas nuvens. Ainda bem que de um trapo fazia uma roupa real. Eu, por não ter vontade e decisão, morri cedo. Te amo, filho, por buscar uma solução pra não ficar zengo pela vida como teus antepassados. Tu tá lavando a alma nessa casa. Falta pouco pra voltarem o amor e a vontade. Tua mãe te deu o jeito melhor de ser. Acho até que o diabo mexeu nas células de nossa linhagem.

— Não fale assim. Acho, pai, que ao contrário. Deus botou tanto em nós que mal conseguimos apresentar os resultados. Ficamos abatidos, nervosos ou eufóricos. Sinto que não posso perder o encanto das tintas e, menos ainda, a ternura de minha casa.

— Faz muito bem, filho. Não pode ficar nessa indiferença. Sabe, até acho que a maior violência de uma casa reside no fato de seus moradores viverem como se fossem desconhecidos. Tira um tempo, meu filho, pra que vocês dois possam estar juntos sem a parede dos negócios enfiada no meio de vocês. Tu viu teu garoto

dizendo que em casa você só dá atenção pra ele e a mana? Ele quis dizer que a mãe fica de lado. Não tenho moral pra te falar...

— Não se culpe pelo que passou. E vou repensar meus momentos com Letícia.

Um vento forte bateu a aba da veneziana, me despertando do devaneio.

Mereci o previsto

Sei lá a razão de relembrar a tentação de Letícia. Acho que a pequena casa, em seu acolhimento, me remeteu a uma espécie de reconciliação, me deixando, porém, quase exangue ao lembrar de um passado que me deixou muito aflito. Foi um amargo sabor de decepção por não merecer a ternura prometida. Minha imagem tornou-se esfumçada. Nada de minha arte podia devolver a alegria. Tudo era fundo e a figura de um homem dilacerado pelo abandono era eu.

Me senti o último homem. Quando, irritado, falei pro meu assistente que as linhas andavam tortas e sem expressão, ele se voltou resmungando que olhasse pra dentro de minha casa a ver se a tortura não morava comigo. Silenciei, despertando-se em mim uma dor até então não sentida. Com misto de angústia e raiva, fiquei em devaneio de traição. Os passos dela tornaram-se vacilantes. Questões se levantavam. Pior foi o desamparo. Pisar na alma é isso. A incerteza, nessa situação, é o pior dos alimentos. Na insônia tudo se agigantava. Em todos os amigos via um traidor. Fui ter com meu assistente. Ele apenas se desculpou, dizendo: foi meu jeito ruim de lhe responder. Não tem nada, desculpa. Nada de grave, irmão. Piorou muito meu abatimento e raiva. Comecei a olhá-la com desprezo, e de minha boca saíam algumas palavras amargas. Vi lágrimas em seu rosto. Soluços no meio da noite ocultavam a verdade. Se chorava é porque devia, avaliava. Engolia toda a frustração.

No meio de tudo, o deserto. Me sentia um camelo sedento. Um burro sobrecarregado. Foi a ponto de não mais suportar. Pedi a ela pra que fôssemos sair de casa. Acedeu prontamente. Fomos a um hotel-fazenda: que as árvores ouvissem minhas desconfianças. Comecei a vomitar meu completo desprazer.

— Desde quando está saindo com outro?

— Que outro, Giordano?

— Não te faça de inocente. Até meus assistentes sabem de tuas andanças com outro. E quem falou foi um amigo sincero.

— Sei quem te falou. Foi o Miguel.

— Foi, é verdade! Não vai dizer que ele mentia.

— Pior que a mentira pode ser a meia verdade.

— Saí com Hozir. Quem me viu com ele foi o Miguel. Mas pergunte ao Hozir o encontro que tivemos naquele bar do boca.

— Por que ele? Acha que vai me contar a intimidade de vocês?

— Põe intimidade naquilo. Conversamos uma conversa cheia de ouvidos, mas sobre o que se passava entre nós dois. Me senti bem com ele e mal com você, um lixo por causa de teu jeito. Nada mais havia entre nós dois por aqueles dias. Você atravessava noites em seu bendito atelier. Sabe o que Hozir me disse com todas as letras: mulher, te ouço, mas procure dizer ao teu marido isso que está me dizendo. Vi no olhar do teu assistente uma inteira reprovação. Depois da conversa rápida com Hozir em que me falou que eu estava agindo mal, tentei falar com você. Lembra?

— Lembro de nada.

— É claro, percebi tua constante amargura. De tua boca não saíam palavras, você andava sempre em chispas. Melhor: saía veneno. Não sabia mais onde me enfiar. Estava esperando uma oportunidade pra te falar. Por isso aceitei logo teu convite de vir até aqui.

— Me diga, por que não me procurou antes de falar pro Hozir?

— Achei melhor dividir meu estado com ele que sabia estar em segurança. Você andava impossível, e ele mais pra santo que pra

homem. Diversas vezes busquei acertar nossa vida, e você sempre repetia: não tem o que discutir. A nossa vida é boa. Você não perguntou se minha vida andava bem. Tem mais, eu caminhava tão pra baixo que até ele, só de me ouvir, me deixou uma pessoa melhor.

— Mais mulher.

— Não fale assim comigo. Apenas a amizade dele me confortou.

Lembro, daquela tarde: as árvores estavam quietas, parecendo respeitar a sinceridade de Leticia. Nos abraçamos, e as folhas secas receberam nossos corpos e, mais uma vez, a promessa de nossa fidelidade.

Agora era eu que andava buscando meus pedaços.

Buenas, a noite se estendia pra reflexões. Mal se haviam atravessado as lembranças do meu merecido susto, me visitou Alan Poe com suas *Histórias extraordinárias* pra mostrar a quantas andava em minha vida. Lia atento: um viajante perdido encontrou um rico castelo. Achou coisa de excelência pra descansar. Adentrou-se, depois de bater com delicadeza e, a seguir, com força, sem ninguém pra dizer: entre! Encontrou um ambiente modesto e o julgou de bom tamanho. Acendeu uma vela aí posta, como de propósito, pra ele. Ao acender a vela, deu de vista num quadro tão expressivo como o de Mona Lisa. Parecia querer falar. Tinha ares de dor e de infinitude. Ao lado, as explicações das obras de arte do castelo. Muitos anos atrás, aí residira o dono do castelo, muito esperto na arte de pintar. O fidalgo casara-se com uma jovem do povoado. Ela, engrandecida pela nobreza e pelos encantos masculinos do marido, não se cansava de fazer-lhe todas as vontades, entretanto, detestava a arte do marido, pois tomava seu tempo todo, concedendo-lhe algumas sobras, por favor. Submeteu-se, por fim, ao desejo do fidalgo em tê-la como modelo. Conforme diz a história: ela se sentava semanas e semanas no mal iluminado quarto da torre larga e isolada. O pintor, obcecado pela arte, não percebia que sua esposa empalidecia,

tornando-se cada dia mais fraca e ele cada vez mais animado com sua arte. Nada o prendia mais que sua obra, a ponto de gritar: isso é a vida! Ao voltar-se, porém, para a linda mulher, viu que ela havia morrido. Assim pareceu-lhe que procedia com Leticia. Viu, mais uma vez, o caminho equivocado que percorria. Sua arte punha em perigo sua casa e o sentido principal de sua vida.

Na manhã do outro dia

Levantei pela réstia de sol no meu rosto. Cedo ainda pensei. Muito mais que o pensamento, inebriava-se em mim o sentimento de alegria. Não era somente a luz da casa antiga. A luz de agora me envolveu, cuidou e esperou. Me deixou, por mais de uma hora, ficar embriagado entre o devaneio e a realidade de ter a quem amar. E não é coisa pouca ter uma amável mulher, dois filhos e toda a instituição que consegui conquistar. E que ventura esperar minha mãe. Ela, como toda minha gente, está de olho em mim. Desse jeito nem meus maiores pecados se tornarão pesados. Minha casa estava mais que um inseto reluzente. Não se reduzia ao estado imaginário de meu avô: constituía-se, sim, de um espaço que resgatava os dons antigos e os propósitos vivos, embora não realizados. Não me sentia atirado no mundo, feito um louco, pintando casas por dentro e por fora. A minha casinha bem talhada, com vigas certas, dava um equilíbrio e um acolhimento pela madeira que eu havia falquejado. Percebi, então, que de há muito tempo carecia dessa proteção. Buscava me reconciliar com a casa de meus pais para constituir o espaço de minha intimidade. A intimidade do passado não foi completada, e eu aí endireitando os desacertos de maneira gentil. Vou acabar construindo, pedra sobre pedra, meu castelo de muitos convidados ou minha igreja, aberta pelo vento de minha infância. O trabalho, doravante, vai ser apenas um fértil complemento do encontro amável de minha gente. Comungarei com tia Faustina, não porque suas fauces já murcham e seus dentes se fragilizam, mas porque meu coração está domesticado pela casa. Espero, porém, que não me venha dizer qualquer maldade contra meu príncipe e minha princesa. Serei, definitivamente, um César Bórgia. Nem a amabilidade de uma casa há de me segurar. Nem os apelos de minha rainha me convencerão pra que meus olhos não se encham de rancor. Deixemos de lado do que já me afastei de vez.

Saltei da cama por lembrar que deveria buscar dona Francisca. Dez quilômetros de chão batido, mas que importa se ao final uma bela e arcada senhora me espera. Casas e mães são os melhores refúgios. Pobre tirada pra tão fundas virtudes.

Tem certos dias em que Deus anda no topo das árvores. Algumas crianças conseguem ver Nossa Senhora sobre elas. Até parei pra olhar melhor. Uma melancolia poética expandia-se entre os verdes das árvores, embora fosse manhã clara. Por mais que brilhasse o sol, ele andava de uma certa tristeza. Tudo próprio pras pinturas de Monet ou de Van Gogh. Ainda bem que essa virtude serena da manhã estava fora de mim. Dentro havia maior fortaleza. Desejei a permanência do outono; é quando se debruçam as graças dos frutos nos milhos dobrados em suas palhas cinzas. As colheitas finalizavam naquele dia, e as máquinas debulhavam os últimos feijões. Aí diversos anjos vieram soletrar bondades. Os anjos do perdão estavam serenos e aqueles da justiça não apenas concediam a cada um o que é seu, mas também buscavam que todos tivessem a dignidade em dia. Nada mais ficava em vão: cada qual tinha com quem conversar sobre as suas grandezas. Depois, reunidos, os anjos foram descansar, que ninguém é de ferro. Somente alguns ficaram atentos naquela manhã de terça, porque, era sabido de todos, os diabos espreitam e, muitas vezes, aproveitam-se até da claridade para inspirar pecados e assustar a fragilidade humana. Não tinha razão em temê-los. Ia buscar minha mãe, meu anjo de primeira linha, mais que um querubim.

Encontrei-a tão pequena e encolhida que brinquei de como poderia ter nascido de tão pequeno corpo.

— Sei, filho de uma boa mãe, tu não tem jeito mesmo. Cadê o respeito?

— Vem cá, sua velha pequena, falei, tomando-a nos braços. Entra aí no carro.

— Já tava te esperando, desde as oito.

— Desculpe, vim vendo o outono.

— Tá bem, piá!

— A senhora vai ver a casinha. Deixei o principal. Ajeitei pra senhora gostar. Acho que deixei ela tão bonita como a igrejinha que a senhora conta de quando era pequena.

— Pode ser parecida. A igrejinha de minha primeira comunhão era feita de uma pedra bonita e de janelas coloridas. Tinha uma Nossa Senhora tão bonita como tua avó. Teu avô dizia que ela era mais linda que a rainha da Inglaterra. Ela acreditava. Casei nessa igrejinha e teu pai também prometia me deixar feliz, mas não cumpriu.

— Ele foi tão mau assim, mãe?

— Não, acho que ele tinha um sofrimento muito grande por dentro. Foi isso que fez ele entrar na bebida. Quando estava bem era de ver ele prometendo ser melhor. Era até o próximo copo.

— Escuta, mãe, coloquei os quadros dele em molduras com paspatur.

Que bicho é esse, o papatu?

— É um papel que vai entre a moldura e a pintura pra dar mais beleza pra tela. A senhora vai ver o que teu marido fez. O quadro no qual a senhora está pintada ficou tão bonito que não tem preço. A senhora vai ter orgulho do homem que escolheu. É pena que meu pai não teve chance de mostrar tanto talento. Acho que foi isso que deixou o homem desconsolado.

— Pode ser... Pode ser. Acho que faltou mais Deus pra ele.

— A senhora pode pensar, também, que Deus não se expressou melhor nele por falta de oportunidade. E foi isso que fez dele um homem desorientado.

— Vendo assim, acho que ainda vou poder amar a lembrança dele. Seria pena gostar mais dele só depois de morto, falou rindo com certa tristeza.

— Sabe, mãe, vou fazer uma exposição das telas. Vou mostrar o tamanho de meu pai. A senhora vai ser apresentada como esposa do artista.

— Vou, sim. Só não vou chorar. Se derramar uma lágrima, seco de vez.

Fomos chegando *despacito*, como quem abre um presente. Trouxera um dos quadros da exposição no qual estava linda, como já foi dito. Ela sussurrou: meu Deus!

Encostou-se em mim, parecendo uma folha de outono a se segurar num galho.

— Desse jeito vai me matar!

— É pra viver. Estou devolvendo a sua casa e seu retrato.

— Não acreditou ao entrar. O seu quadro na parede tornou-se ainda mais belo pra mim.

— Ele me via assim, filho.

— Pra ver o quanto ele amava a senhora.

Havia uma mulher devolvendo à casa maior significado. A casa transcendia à dignidade. Um ninho no qual pudesse pôr em segurança seu pequeno corpo. Sua alma, porém, alterada pelos céus.

— Mãe, esse será o quadro mais belo de minha exposição.

A imagem da doce senhora na profundidade do paspatur mostrava sua face divina. Havia uma luz íntima. O quadro tecia um vínculo entre os dias difíceis e os dias novos. O benefício de tudo

recaía com ternura sobre mim. Parecia pra mim que os arranjos da vida podem se recompor em novas estéticas.

— Vamos para a simplicidade do dia. Aqui estão o feijão e o arroz. Trouxe um peixinho pra pôr no forno. Vou colher uma verdura aí na horta. Falava comovido, escondendo meu soluço.

De barriguinha cheia e satisfeito como São Francisco pregando aos peixes, minhas ideias passeavam entre a vigília e o sono. Depois do vinho, é pouco confiável a lógica do que quer que seja, a menos que se tenha em mente um pouco de poesia. Pra ninguém pensar que me entrego à bebida como meu pai, despertei-me logo a seguir. Quis resgatar o pensamento frágil e somente lembrei-me de uma casa que deveria pintar. Uma casa de pinturas radicais por fora e por dentro. As pinturas de interiores já faziam parte de meus costumes de pintor. Agora me solicitavam a tornar a parte externa da casa um espaço de arte. A ideia, agora pela metade, dizia que consultasse o casal a respeito da mensagem ou tema a ser definido. Imediatamente veio o sinal vermelho apontando para minha casa em primeiro lugar: cara, não venha abrilhantar a casa dos outros se a tua anda no que é que é aquilo.

Em plena vigília das duas da tarde. Quanta diferença entre as terríveis cinco horas da tarde de Lorca em que perdeu seu amigo toureiro. *Eram cinco horas da tarde em sombra*. As minhas: duas horas da tarde em sol claro, sem a austeridade das duas da tarde do verão. Ouvia minha mãe telefonando:

— Venham vocês três. Acho que não foi preciso mais de um dia pra ele ficar bom. Eu sempre digo, Letícia, que não é preciso muito tempo pra gente ficar bom. Deus sempre tem seu jeito de fazer milagres. Quando você me telefonou pra rezar por meu filho, eu rezei. Ele vai dizer que é coisa dos acontecimentos que deixam a gente melhor ou pior. Eu acho que Deus põe seu dedo. Às vezes não dá pra entender. E quem é que entende tudo?

Um silêncio.

Pela tarde do outro dia meu espírito andava nas nuvens. Acho que sofro de bipolaridade, pensei. Que seja. Espero que a euforia não me leve a devaneios de poder. Me basta a euforia de apreciar o que tenho. Vieram os três. Uma santíssima trindade. A Letícia, a criadora de meu destino. A Andreia, a filha amada, de uma ternura irreparável. O Silvano, o meu menino de grande inspiração. E precisava mais? Com os três eu poderia caminhar, ora pois, neles desdobravam arranjos que pela intimidade seriam maiores que os edifícios de Dubai. Exagero desse jeito pra dizer um pouco de meus calores íntimos. Quando os vi saindo do carro corri, feito louco, pra saberem do quanto sentia falta deles. A casa... A grande surpresa. Dois quartos feitos de amor. Minha pátria se resumia aí. O chão de meu Brasil se revelava em linguagem, em muitas cores de árvores, em água, que represara do riozinho. Havia abundância de frutas e de pés sem frutos, mas de exuberantes folhas. A avó se encarregou, depois do encontro, de levá-los a passeio enquanto me envolvia com minha gentil senhora. Debaixo de uma árvore deparamo-nos com um ninho ao alcance de nossas mãos. A árvore e o ninho repeliam qualquer sintoma de sofrimento ou morte. Palpitava a proteção.

— Acho que o amor é proteção, falei.

— Você se sentia desprotegido?

— Não. Apenas não me dava conta de tua proteção. Busquei em mim um pouco de raiz pra não perder o nosso enleio. Me sinto frágil e acho que não posso viver sem teu olhar. Sou como essa pequena ave que necessita do ninho. Tem mais, querida, acho que estava perdendo a ternura que nos habita. É muito barulho que espanta a nossa intimidade.

— Acho também. Precisamos mais de silêncio pra gente se ouvir e ver.

Passamos o fim de semana na casa da roça entre papa-figos e corruíras. A fertilidade das horas foi-nos muito benéfica. Entre palavras doces, decidimos que já era tempo de fazer a exposição.

Tudo fora feito com cuidado extremo. Fora aí que juntos, Letícia e eu, desdobramos as telas e, agora, tornaríamos pública a arte sagrada de meu pai.

A exposição

Tornar público o que quer que seja faz o exposto ser reconhecido, e tudo se esclarece melhor. Quando vi os dez quadros de meu pai expostos ao público, senti tal orgulho que meus amigos me viram, surpresos, pelas lágrimas. Minha mãe, então, sentiu-se amada na imagem dela, bem como nas outras figuras reveladoras de um tempo de desejos de meu pai, ainda que não cumpridos. Mais uma vez, via o império das circunstâncias mais forte que a vontade ou a virtude interior. Arrastado pelas decepções, sucumbira, não sem deixar claro o quanto amara. Bem que a ele podia se atribuir o que é dito em São Paulo: *Faço o mal que não quero*. Cada traço envolvia sentimentos fortes, mostrando-se uma alma em profundo conflito entre o que devia fazer e o que podia. De todo o jeito que se olhassem as figuras, latejavam emoções. Não podia haver testemunho maior de sua efervescência afetiva. A vida, portanto, não se esgota naquilo que se apresenta. Ele ocultava o lado encantador e contundente de si mesmo. Havia em mim muito mais que uma saudade. No silêncio das tardes e de tantas noites, fustigou sua mão a que mostrasse o tamanho de seu ser. Agora se podia reconhecer a ambivalência de um bêbado. Andava tonto e sem sentido, mas aí retratava o poder de um homem que se guardava silencioso em seu porão. Seus gestos foram toscos ao lado do poder de um talento sem reconhecimento. Acho, então, que tanto vale o que somos quanto o que os outros podem promover. De pouco adiantaram a precisão e a vida de seus traços, se não teve quem pudesse traduzir para ele. De fato, tudo ficou indeterminado pela falta de leitura de sua imensidão perdida. Aí fico pensando quantos matemáticos se perdem, quantos artistas extraviam seus pincéis, quantos amantes ficam ao léu, por não haver correspondência entre o sujeito de poder e a sorte de seu destino.

No meio das conversas e das contemplações, minha mãe chegou-se e disse que precisava falar. Falou.

Estou vendo o meu Dagoberto. Nunca pensei que ele tinha tanto carinho com tudo. Posso perdoar tudo e posso amar melhor. É pena que está morto. Não dá pra dizer pra ele que está muito bonito. Não dá pra falar: olha que coisa mais linda o que você me pintou. Que coisa mais linda teu filho sentado na escada. Acho que nossa casa e nossa cidade foram pequenas pra ele. Agradeço que vocês vieram. Agora tenho paz no coração porque todos me disseram que ele foi um homem de muito poder. Um beijo de verdade!

Letícia chegou-se nela e abraçou-a fortemente. Veio ao meu encontro.

— Estou contente por mostrar o teu pai.

— E eu, muito agradecido. Eu seria muito pequeno se não fosse tua família pra mostrar o que tenho. É quase certo que eu também não faria muito mais que esconder sobre um armário a minha arte. Vejo melhor o que sou por causa de vocês.

Minha mãe, após a expressão pública da arte de meu pai saiu com um semblante renovado: havia a cor da saúde estendida em todo seu rosto. Deste jeito: como alguém de um horizonte promissor.

De meu amigo Alberto

Muitos anos haviam se passado, eis que recebo meu amigo Alberto. Inclinado sobre minha prancheta, desenhava meus traços arrojados, para dentro e para fora das casas, quando vi que ele chegava. Sem delongas, como se fosse ontem o dia em que ele rompeu com nossa amizade, foi falando em bom tom.

— Me meti em coisa e tal e confusão, mas agora estou bem.

— Me conta de ti. Gostei muito que tenha resolvido me encontrar. Espero que não te atrapalhe em tua fé.

— Sabe, homem! Venho te agradecer. Fiquei esses anos vendo de perto que, de fato, Deus não mora muito mais longe que vinte metros de onde a gente está.

— Mas não veio pra falar Dele. Acho que não carece, uma vez que está em nossa conversa.

— Sou um corretor e sabe que tuas casas pintadas têm bom preço.

— E a tua como está?

— A minha... Esperando uma pintura. Sabe, não lido bem com dinheiro.

— Quando me convidar, posso, pra comemorar, ver o que pode ser feito nela.

— Não vim pra isso. Mas se tiver mais essa graça... Desde que não me cobre o que os ricaço te pagam.

— Deixa pra lá que garanto que Deus tem em mim uma boa circunstância.

— Então, sábado lá em casa?

— Vou com toda a família. Vamos reunir o agradável ao útil. Pense, então, sobre o que vamos pôr na parede.

— Minha família e meu amigo!

— Tua família, sim. Um amigo é como a mãe, ainda que ausente, carregamos como segurança, não carece de imagem. Acho que vou imitar Michelangelo, mas sem Deus nas alturas. A cor verde em cada canto de tua casa vai ser Seu sinal.

— Confio em teu pincel, amigo.

Lá se foi ele, sempre, sonhador. Convidou-me, meses depois, pra uma celebração de um dia especial de sua igreja. Cinco pequenos sermões. Me chateava de ouvir tanta recomendação. Acabei esquecendo o principal. Acho que nem Deus, tão criativo, estaria atento a tanta mediocridade. Os rituais maçantes poderiam ser evitados pra mostrar um Deus mais interessante. Muitas vezes encontrei Alberto. Me afiançava de sua bondade. Convidei-o, certo dia, a se juntar a um trabalho de solidariedade junto aos meus alunos de pintura. Disse-me que se cansaria de ajudar. Deu a entender que sua igreja convidava-o pra os eventos religiosos, bastando pra garantir créditos eternos. Homem de fé o meu amigo, bem mais que de caridade.



Coisas de minha velhice

Me senti velho com 75 anos. Ao chegar em casa, após ter descido e subido em um andaime, meus quadris doíam e erguia com dificuldade minhas pernas. Chamei Letícia pra ver se me fazia uma massagem. Ela veio com o rosto feito de cuidados, sempre preocupada em afastar a velhice com cortes, cremes e pinturas. É, não havia dúvidas. A velhice nos pegara quase repentinamente. Ela veio semelhante a um ladrão. Lembrei, então, de Cecília Meirelles

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Não foi somente a minha face que se perdeu. Uma escada, uma jornada ou quaisquer obstáculos já não são os mesmos. Vez por outra olho pra Letícia. Desdenha a morte, mandando que espere um pouco mais. Ela luta bem mais que eu para afastá-la. Tirou rugas com ácidos e com bisturi. Remontou os seios e o ventre. Repaginou os quadris. Volta e meia me pergunta: gostou de meu visual? Até me veio com um vestido de adolescente e, sabe, ficou linda. Brinquei: estou me sentindo quase um pedófilo. Assim se vai tentando ver da melhor maneira a vida que começa a se pronunciar de silêncio em silêncio. Olhando bem, é isso mesmo. A mão começa a renunciar o movimento; a perna, tão valente, pede mais força; o pensamento pede um tempo à boca. Rio comigo: algumas partes silenciam e outras, até agora quietas, se pronunciam pra pedir socorro. Não me queixo, que, pelas condições financeiras e meu plano de saúde, posso manejar as convulsões finais da natureza. Sou solidário, afinal, não há como não dar lugar aos outros. Rio graciosamente ao render meu espírito, entretanto com certa resistência.

E, vez que outra, me pego fazendo meu balanço, me preparando para o juízo final. Quando estiver diante do Senhor, vou mostrar o resultado de minhas contas. Antecipo meu discurso:

Mais de trezentas casas receberam os traços de meus pincéis. Todos seus moradores se sentiam verdadeiramente filhos seus, my Lord and my God. Vou melhorar meu inglês pra dizer tudo da melhor maneira, porque do jeito que tudo se precipita até o Senhor terá feito proficiência nessa língua de tendência universal. Contudo, espero não perder a graça de falar alegremente tudo que aconteceu. Se não for de meu jeito, tudo sairá em soturnidade. Sim, bem mais de trezentas casas. Vê, meu Senhor, aí nas suas contas, quantas foram. Quase quinhentas. É verdade. Ia me esquecendo das tantas que orientei em favor de outros pintores que começaram a realizar projetos semelhantes em outros lugares. Vê, então, que não laborei somente pra mim. Como? Essas contam mais? Que bom. Estou salvo. Sabia que a solidariedade era tida em alta conta, agora sei por Sua boca que é isto mesmo: um vintém dado aos outros vale mais que cem em causa própria.

Vou prestar contas de minha casa. Olha, Senhor, pra salvação de meu pai. Tornei-o mais semelhante à Sua imagem, my Lord. Que bela coisa foi ter resgatado seu poder. E não se refletiu somente em sua dignidade. Veja como minha mãe ficou. Soube-se amada: foi o principal. Ainda estão lá os quadros da maior beleza. O sopro de Teu espírito, Senhor, ficou provado, não somente pairou sobre as águas, mas sobre a alma de meu pai. Quanta oração já foi feita diante daquelas imagens. Quantas mulheres foram mais amadas ao verem os encantos da pintura de minha mãe. Quantas crianças receberam mais carinho ao me verem sentado na escada junto à flor vermelha. Por falar em minha mãe, estou louco pra saber como está aí nessa imensidão. Acho que não foi em vão ter me desdobrado por sua saúde. A velhice dela foi boa, ainda que no final tenha lhe faltado ar. Um pedido: por tanto de Seu poder e criação, my Lord, bem que

as crianças e os velhos poderiam morrer sem dor. Vou declamar pro meu Senhor os versos de Augusto Gil, acentuando o final:

*Mas as crianças, Senhor,
Por que lhes dais tanta dor?!...
Por que padecem assim?!*

Vou tirar um dedo de prosa com Ele, mostrando a beleza do início dessa poesia:

*Batem leve, levemente,
como quem chama por mim...
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente,
e a chuva não bate assim...*

.....

*Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
Há quanto tempo a não via!
E que saudade, Deus meu!*

*Se ele me perguntar se a saudade de Gil,
Acaso, seria Dele ou da neve que caía.
Vou ser sincero, não sou vil:*

Direi: da neve branca e fria.

Da família de Letícia, vou dizer o seguinte: se confirma minha teoria. Das circunstâncias e das leis, como da neve que caía, provêm as melhores de Suas intenções: a possível dor e a possível poesia. A virtude e o perigo aí se manifestam. O quero dizer é que me tornei um bom pintor graças ao Sr. Steinhaus. Ele foi o cara! Sem meu sogro, talvez, me tornasse tão abatido quanto meu pai.

Frágil senhora Armanda. Devolvi a infância da mulher pelo quadro que tão cuidadosamente pintei. Não sei se o Senhor percebeu o quanto ela adquiriu de confiança depois que se viu tão bem na sua imagem ampliada. Modéstia à parte, ninguém pode dizer isso aqui daquele quadro.

Sei que não fui legal com tia Faustina. Pode me recriminar, que aceito. Valeu a reconciliação. Tá certo, a mão de Letícia contribuiu de forma decisiva. Não, por favor, não me ponha no purgatório. Não sou nenhuma Joana D’Arc. Tenho suficiente sufrágio pra ser perdoado. A vida já me tostou o suficiente pra pagar meus pecados.

Confesso minha fidelidade pra com Letícia. Não, nunca traí. Tentações não me faltaram. Resisti como os cruzados em Malta. Desde quando tentação é pecado, Senhor? O meu ofício levava a isso. Sabe, my Lord, o que é chegar numa casa pra pintar e uma mulher carente, toda oferecida? Aí resisti duas vezes. Conte pra Letícia e foi o mesmo que tivesse pecado. Acho que mulher prefere não saber. Só de pensar perde a segurança. É verdade, nunca contei quanto a Venite. Ajudei e muito. Não seria justo eu ter me saído tão bem e não oferecer meus préstimos a quem uma vez prometeu não deixá-la mal. Não. Nunca contei. Agora é a vez do Senhor acreditar: nunca me entreguei. Ajudei e muito. Os filhos de Venite ali no maior

aperto. Sei que solidariedade com mulher representa um perigo. Sem solidariedade já são perigosas. Estou listo de qualquer culpa, apesar de o Senhor ter posto uma força de conquista danada nos homens. Foi o Senhor quem fez o testosterona. Sei que a vontade deve prevalecer, mas a luta é desigual. Por mais que o ginete seja hábil, o potro é bravo. Sempre domei ainda que me caíssem os baixeiros. Não podia trair a promessa feita a ela.

Mereço, também, um pito a respeito do trabalho. Até escrevi sobre isso, pra saber melhor o quanto a arte pode comprometer o amor. É verdade, meus filhos também se queixavam. Lembro do dia em que Andreia veio até o atelier. Encostou-se num cantinho, só pra ficar perto de mim. A inspiração faz esquecer de tudo ao bater forte em qualquer artista. Não. Não me julgo grande coisa, mas não podia perder o talento. Tá bem. Reconheço que o amor é mais importante que a fé, o conhecimento e a beleza. Sei, igualmente, que a fé se revela melhor olhando mais pra baixo que pra cima. Ainda bem que concorda comigo. Sei, My Lord não carece de pedidos. Nós carecemos assumir mais os limites das leis e das circunstâncias.

Rezar... Muito pouco. Entendia que em tudo que fazia se estreitava tua presença.

Dos meus filhos... Minha pequena e meu rapaz. Cresceram e multiplicaram também. Depois de minha retirada pra casa de meu pai lá na roça, pude refazer minha displicência amorosa. Acho que recobrei o que se perdia.

Acordei-me do devaneio em que prestava contas de minha caminhada. Estou preparado pra, de fato, prestar minhas contas.

Sinto que, aos poucos, vou perdendo minha comunicação. Tornei-me um homem mais silencioso. Acho que não estou semelhante à mulher do castelo. As visitas são rápidas, que cada um dos filhos e netos tem o que fazer. O que mais me encanta é poder traduzir aos outros as linhas que me vêm visitar. Não me encantam mais tanto os valores que recebo. Não mais invisto em negócios. Me

bastam o imóveis que fui amealhando. Letícia é minha companheira e aprecia muito minhas narrativas coloridas. Narro, agora, uma lembrança *mui vieja*. Em algum lugar já me reportei sobre as visitas que fazia a Venite. Sinceramente me agradava visitá-la, principalmente depois de ter revelado que me abandonara por puro pavor. Quando menina, comeu o pão que o diabo amassou. Agora se repetia sua própria história. Andava em pânico de ver que o mesmo estava acontecendo com seus três filhos: um por querer e dois por descuido. De todo jeito, não tinham nada a ver ou tudo a ver com seus cochilos. Seu marido vivia de biscate. Nela havia algo que ainda me atraía. Antiga saudade. Sentia que, por vezes, exagerava em minha dedicação. Assumi em parte a orientação de seus três capetas. Pobres, mas mui expeditos. Jamais avancei os meus deveres de fidelidade. Jamais revelei pra Letícia qualquer palavra sobre minha solidariedade. Ela não entenderia, mesmo que fosse apenas o fato de estender uma mão e nada mais. Letícia desconfia hoje quando três homens me vem visitar, mostrando uma afetividade muito próxima. Digo a ela que é uma amizade antiga. Venite nunca forçou nada e nunca me desejou depois que nos separamos. Apreciava, sim, a proteção que oferecia aos seus filhos. De vez em quando, Letícia vem pro meu lado e quer saber mais sobre o afeto de meus quase filhos. Digo que dei apenas uma mãozinha pros garotos e nada mais. De ano em ano, a história se repetia. Atualmente até ela conversa com os três. Tudo me admira neles. Viviam numa instabilidade de assustar. Foram se aprumando de maneira retilínea. Não vacilaram nos estudos nem no trabalho. Acho até ser o medo de morrer tão decisivo quanto a busca pela vida.

Letícia é incansável. Não perde a mania de controlar tudo. Nada escapa ao seu olhar. Sempre atenta aos filhos e aos netos. Perto dela me sinto um quase estranho. O desvelo, a ternura viva e os diálogos sobre o cotidiano têm tudo a ver com ela.

Veza por outra, me animam certas lembranças que me fazem entender muito de tudo que amei. Certa tarde, veio-me um senhor

discreto ver se poderia pintar sua casa. Queria fazer dela um lugar de suas lembranças. Me pareceu curioso o seguinte desejo: quero duas lembranças pintadas na área externa, a do casamento e da família. Avaliei com ele a dificuldade de reunir numa parede ambos os desejos, advindo disso um difícil diálogo.

— A casa é grande e numa das paredes, acredito, podem estar todos.

— Na parte externa, irmão, retruquei, a chuva, o sol e todas as intempéries apagam tudo rapidamente. Não tem família que aguente muito tempo exposta a muita agressão, brinquei. Se for ladrilhar fica muito caro. O dia que for negociar o imóvel, ninguém vai querer pagar o preço de sua família.

— Não tenho a casa pra negócio. Quero que ela seja o retrato de minha vida. Que os outros reconheçam quem sou eu.

— Pra isso você entende que toda família seja exposta?

— Exatamente.

— A casa é grande?

Fomos até sua residência. Mostrou-me quase uma fortaleza. Desde o alicerce até o terceiro andar, tudo perfeitamente posto. Confiei-lhe dizendo minha admiração. Para que pudesse desistir da ideia, avaliei o valor aproximado, confessando que o valor não seria pouco... Talvez o que custara para erguer o castelo. Não tem problema. Também quero que deixe o porão de um ambiente adequado, concluiu.

Fiquei abismado por vê-lo tão decidido. Após o encontro, não sobraram mais dúvidas a respeito da importância de uma casa pra quem busca saber do seu tamanho. Isso que não conhecia seu porão.

Ao mostrar ao seu Juvêncio, homem de uma impressionante cultura de autodidata, o projeto, ficou insatisfeito.

- Cadê o porão? reclamou.
- Desculpe... não conheço o seu porão.
- O empregado não lhe mostrou?
- Não.
- Vamos ver agora.

Conhecia todos os espaços do projeto. O que, porém, se apresentou diante de mim, ao ver o porão, não dá pra esquecer. Entrei como num abismo profundo. Os devaneios me possuíram. Seu Juvêncio percebeu meu encanto. Aí habitavam deuses antigos e os mais jovens. Em mim fixou-se a felicidade. Uma comunhão efervescente efluía terna como água de pequena queda. Oxigenou-se minha alma e meu corpo correspondeu à estética maior. Por instantes não duvidei da existência de uma alma espiritual, superior às almas da mente e do corpo. Aí estava o sentido de abrigar todos os tempos de um ser humano. Estava no regaço de uma casa original. Morava ao meu lado a longa permanência, e não o cotidiano, que se esvai pela medida do tempo e dos lugares. Na solidão dos objetos se concentravam o cuidado e a vigilância. Não tem medida a intimidade das coisas que me falavam. Os objetos revelavam os passos de seu dono, e por minha fragilidade e humanidade sorvia o sentido de tudo. Até a roda de uma bicicleta agilizava os meus movimentos tão volúveis, fixando-se tudo que anda. Soava aí a voz longínqua de mim. Tão cínico por vezes, deixei-me levar pela sobriedade da transcendência divina. Ouvi logo abaixo de mim uma fonte oculta, querendo murmurar. Me sentia um eremita diante de Deus, ou melhor, de Deus diante de sua obra. Compreendi a infinitude do passado. Convergiam forças dos objetos solitários. Garrafões quietos, relógios parados, painéis de ferro e outras utilidades diziam-me de seu magnífico poder. Fiquei à mercê de uma concentrada solidão de existências e de casas longínquas. Tudo tão amigável pra não sentir ternura. As coisas quietas usam de linguagens afáveis. Mais que um carinho. Cada gesto envolvido nelas fala de uma estética social

guardada pra sempre. São depositadas nostalgias sobriamente contentes.

Voltei desse encantamento, quando Juvêncio, respeitado meu silêncio, me falou.

— Pode contemplar, mas quero dar vida digna ao ambiente. O que me diz?

— Posso avaliar melhor os objetos e sua história, concedendo luminosidades diferentes de acordo com os sentimentos postos neles.

Buscou me explicar sua identidade concentrada neles.

— Vamos devagar, que o santo é de ouro.

Sentamo-nos à luz de um lampião, enquanto me explicava os significados históricos dos objetos. De fato, um porão carrega profundidades.

Ao final das idas e vindas, o senhor Juvêncio entendeu bastar o projeto do interior de sua casa para garantir sua identidade. Não precisou expor sua família ladrilhada. As luzes que foram postas no porão enalteciam as peças históricas de sua casa. Já era o suficiente.

De *recuerdo* em *recuerdo* fui me vendo em minha integridade. A velhice trazia inspirações inovadas. Dizia meu amigo Demóstenes: uma boa sabedoria. Brincando, respondi: preferia minha burrice da adolescência. Do amor com Letícia havia, entre amenidades, arroubos de ventos fortes. Ríamos felizes sobre nossas garantias de um bom plano de saúde e de um pé de meia amealhado. Gastávamos muito mais que antes. Não me penalizavam os gastos excessivos. Não havia porque fazer reservas, a não ser para a próxima viagem.

Certo dia, já falecida a tia Faustina, ao lembrá-la e a seus esforços pra me afastar de Letícia, percebi que guardava ressentimentos. Ri com certa maldade, entre meus dentes que se

afrouxavam, por lembrar uma frase de meu amigo Eusébio, um portuga muito vivo, quando lhe falei que ainda não se apagara toda minha raiva: meu amigo, vá visitar o túmulo de tua tia Faustina, talvez isso possa aliviar teus sentimentos. Ri, meio sem jeito, por saber que também acabaria como ela e, também, porque ela não poderia dizer mais nada. Lá pelas tantas, retomei a reflexão: vá ter vergonha de guardar, por tanto tempo, uma dor que merecia ser esquecida.

Não posso deixar de falar: ao me despedir de meu sogro, o melhor homem que conheci, vi que se tinha como quem partia. Me admirava sua serenidade. Rigorosamente como quem estivesse satisfeito. Poderia dizer: em odor de santidade. Perpassava-me o sentimento de solidariedade, pois que se estava cumprindo uma profissão digna e de efeitos encantadores, eu devia à sua existência meu bom destino. Estendeu sua mão em minha direção e sorriu. Nada mais. Velei por 24 horas o seu corpo como reconhecimento. Por diversas vezes, havia me dito: estou contente com vocês dois. Eu apreciava em silêncio o maior elogio que até hoje recebi.

Melhor que as conversas apimentadas da tia Faustina, trazia comigo o quadro da menina Armanda. Se alguém me perguntar sobre as razões de tê-lo em mim, duvido que possa expressar a intensidade com que ele se fixa. Não se apaga o momento no qual, de pincel, traduzia a infância dela. Foram pouco mais de quarenta minutos de uma força leve e doce me conduzindo. Era o próprio quadro que impulsionava minha mão. Parecia que a figura da pequena já estava sobre a tela. Eu apenas reproduzia as tonalidades que aí se apresentavam. Uma emoção transbordava de todo meu corpo. Ao concluir, aí estava algo que não poderia ser retocado. As tintas haviam extraído de mim o necessário louvor à Armanda. Aí se traduzia a esperança em sua natureza. Uma piedade divina se apoderou de mim ao concluí-la. Só faltou me ajoelhar. Não, não fora meu talento que o fizera. Foi Deus que fez essa hora para mim. Guardo até hoje o quadro como um testemunho da amizade de um Espírito que paira vivo, assim como nas águas, assim nas tintas. Por

certo, o dedo de Deus se agitara na necessidade absoluta que eu tinha de agradar aquela senhora. Em fazendo o elogio de sua identidade, mais próxima de mim Letícia ficaria. Nessa efervescência de meu ser, e na boa vontade de tornar um ser humano feliz, Deus se expressou da melhor maneira possível. Foi o que aconteceu. Dona Armanda, ao receber sua imagem, não mais duvidou de mim. Sentiu-se suficientemente confiante em poder dizer: minha filha, eu aprovo a tua decisão. Eu percebia sua admiração em palavras selecionadas. Nutria por mim uma espécie de paternidade da sua identidade. A reverberação das circunstâncias propiciou uma história que se reflete inteiramente na vida de Letícia, de Andreia, de Silvano, bem como dos quatro netos que vêm crescendo confiantes de uma família que, se não sabe amar o quanto se espera dos melhores dos humanos, faz de tudo pra que todos se sintam bem.

Ouço, nesse momento, o toque do telefone. Era Alberto, que insistia em celebrar com ele em sua igreja. Preferi conversar com meus netos. Mal se passaram duas horas de jogos e brincadeiras quando meus alunos vieram me convidar pra retomar minhas aulas de pintura. Preferi meditar com os passarinhos.

Segunda parte

Alegrias de velhos

Antes de a morte me tomar entre dores ou surpresa, tenho a dizer algumas verdades em histórias e reflexões. Nada demais, pois nada me é tão íntimo a ponto de ter vergonha, ou melhor, quanto mais íntimo, mais universal. Não me pejo de dizer meus pensamentos mais ocultos. É bem por aí: ao envelhecer a gente perde o medo de fazer bonito. Já não estou no politicamente correto, mesmo porque prefiro minhas intenções ao dever imposto pelo olhar dos outros. É claro, não sou misantropo; ao contrário, me inclino à solidariedade. Tenho o prazer de estar com os outros. Escrever é uma forma de dividir ou até multiplicar. Acho ser próprio da velhice estar transparente: pode acontecer até de alguém achar uma forma excêntrica e inoportuna revelar uma face menos tradicional. Dizem que os velhos são mais prudentes e circunspectos. Todavia, não dá pra ficar calado diante de um mundo pós-moderno. Trocando em miúdos: não dá para ter uma linguagem tão delicada no meio desse barulho todo. Vou dizendo meus pensamentos e sentimentos envoltos em alegria. Ela, sem ofensa, representa o primeiro sinal da felicidade.

Estava nessas reflexões quando minhas netas vieram me dizer, em lágrimas, que o cachorrinho havia morrido.

- Vou comprar outro.
- Queremos o Thor, falou Flávia, a mais velha.
- Queridas, esse não tem mais jeito. Morreu.
- Morto, não fica bom?, questionou Ana, a pequena.
- Cachorro, não.



— Nunca? Nunca?, se expressou Ana

— Não que eu saiba.

— E a gente fica boa quando morre? perguntou Flávia.

— As pessoas de fé e muito boas vão pro céu e ficam boas pra sempre.

— E o meu cachorrinho vai pro céu? Quis saber Ana.

— Ele não tem fé, nem alma. Não tem jeito de ir pro céu.

Mais lágrimas e soluços. Sabia, por telefone, da morte de Thor. Havia comprado uma filhotinha chitsu, num pequeno berço. Fui buscar aquela doçura. Cessaram as lágrimas.

— Olha, mana!

— Olha, Flávia!

A cadelinha fazia comover em razão de suas travessuras. A graça do Senhor em forma de um animalzinho. As pequenas já não falavam das perdas e quando, dois dias depois, perguntei sobre Thor apenas a Flávia respondeu, quase indiferente.

— Mamãe enterrou debaixo da laranja.

— Tem que ver, vô, a nossa Fuzilica!, comentou Ana.

— Mais tem que fazer é se divertir. Ela também um dia vai ficar velha e morrer.

— Não fala assim, vô!

— Por que não, minha pequena?

— Morrer é feio.

— Nem tanto. Tá vendo o vô? Já não anda direito. O coração já não tem um pedaço e ando do jeito que nem Jesus gosta. A gente morre todo dia um pouco.

— Mas é triste!, disse Ana

— Mas tu vê o vô triste?

— Não.

— Quanto tempo tu ficou triste com a morte do Thor?

— Dois dias.

— Só porque veio a Fuzilica.

— Se o vô morrê, vou ficar muito, muito triste, confessou

Flávia

— E o vô não é como os cachorrinhos, completou Ana.

— Nem muito mais. Veja bem, querida. Daqui uns tempos você vai achar um namorado, o namorado vira marido e dos dois vêm meus bisnetos. Aí você já não vai ter o avô muito em conta. E quando vou morrer tu vai ter muito a quem amar e o que fazer.

— Não fala assim, vô.

— Falo porque assim é que sempre foi. Tudo isso está previsto pela vida. A gente deve dar lugar aos outros. Isso também é amor.

— Não fala mais, vô. Deixa eu sentar no teu colo enquanto não vêm os teus bisnetos.

Flávia, então, falou com tanto entusiasmo a ponto de passar meia hora narrando as peripécias de seu pequeno animal. Eu não perdia uma palavra pra não deixar de apreciar a vida nas brincadeiras e cuidados de uma cadelinha. Afinal, quem é que me garante que Ramsés teve maior alegria com sua pirâmide que eu com a fala de Flávia? O que apenas é certo: Ramsés e sua pirâmide têm maiores chances de serem lembrados e comentados do que um diálogo em torno de uma cadelinha.

Comentei com Leticia sobre as filhas de Andreia. Produziu-se uma conversa amena como uma bela manhã. Leticia estava de uma palavra exuberante.

— A Ana e a Flávia têm tanto carinho por nós, graças à Andreia. Ela fala de nós dois como se ainda fôssemos a mãe e o pai que sempre fomos, referindo-se como uma filha dependente, tamanho é o seu apego. Já reparou na alegria quando fala de nós? O pai daqui, a mãe de lá, sempre num tom alegre, parecendo um pássaro que canta.

— Não sei se é bom tudo isso. O que me consola é que a ternura anda tão escassa nesse mundo que a dela se contrapõe à indiferença que nos cerca, falei. Bem diferente de nossa nora Felícia. Parece esquiva como se quiséssemos roubar de volta nosso filho Silvano. Observo que quando fala com sua família ela se desdobra em afetos e com muita liberdade. Fecha-se quando está conosco. Ou será que está descontente com as qualidades de nosso filho?

— Li, faz pouco, uma história de uma nobre inglesa que casou com um americano. A sogra não incriminava a distância que a nora mantinha em relação a ela, a ponto de falar: se ela não considera a mãe do marido como parte dele, talvez não considere as outras coisas que ele traz consigo. Penso seriamente, então, que essa relação possa não estar bem. Parece haver uma saudade irreparável de seu antigo ninho, falou dona Leticia.

— Vai ver que nós não entramos nos interesses que ela tem ou não sabemos entender tudo que se passa em torno deles. Acho que devemos aprimorar a eterna dificuldade entre sogra e nora. Percebo que com você ela estende uma conversa de sim e de não. Comigo é como se me detivesse diante de um túmulo, gerando-se um mal-estar pior do que quando visitamos nossos antepassados em novembro. Lá no cemitério sabemos do diálogo impossível. Com ela o silêncio é bem pior, as portas se fecham, e eu fico sem coragem de abri-las.

Conversas à noite

Certas noites nos fazem melhor que outras. Isso eu pude confirmar numa delas. Ao visitar nosso filho Silvano, eu e a Letícia fomos com o propósito de falar com Felícia. De feliz não tinha muito, mas a noite prometia. Tomamos um champanhe pra comemorar o primeiro ano de casados. Trouxemos um presente, por sugestão da mãe dela, pessoa rude, mas não grosseira. Me parecia o contrário: mais nobre e afável do que costumam ser as pessoas saídas de uma vida colhida entre suspiros. Ela tinha muito de minha mãe: uma sabedoria maior. Diferente dos letrados nos quais se apaga esse talento auferido no exercício de bondades caseiras, muitos dos quais ficam em seus devaneios de uma falsa inteligência. Me agradava vê-la, bem mais do que a minha silenciosa nora. Como ia dizendo, trouxemos laranjas e peras e, entre elas, um cristal verde de Murano. Notei, assim que ela recebeu o presente, uma alegria dantes nunca vista. Pela primeira vez, dirigiu seu olhar como que dizendo: agora eu posso confiar. Logo soube a razão do resultado positivo. Tomei a liberdade de dar uma volta. Ouvi pela janela do quarto do casal uma conversa animada. Meu filho explicava a razão de festejar o primeiro ano de casados, depois o Natal que se avizinhava, depois os aniversários, depois a arte, depois os livros, e assim se sucediam explicações e mais explicações. Meu Deus!, pensei porque meu rapaz não casou com alguém que tivesse os mesmos costumes e os mesmos sabores? Ouvi depois como ela estava agradecida pela frutas recebidas. É verdade, coração é um espaço de surpresas. Agora lá estava o professor Silvano explicando o que não se explica, apenas se vive. Os hábitos e suas nuances emocionais são para se sentir, e não explicar. Tentava convertê-la a uma crença que não fazia muito sentido para ela. A esperança para Letícia era de que, como eu mudei, ela mudaria. Vamos adiante, que os caminhos trazem surpresas.

Um amor de sogra vale uma filha

Certo dia veio Letícia, rosto cheio de um creme amarelo, reclamar da impertinência de sua nora Felícia.

— Por Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como é difícil lidar com tua nora.

— Minha não, nossa.

— Você pediu que é preciso paciência pra que ela se torne mais próxima de nós.

— Te falei e acredito. Se ela nos amar poderá amar com mais razão o nosso filho e os filhos que vierem dos dois.

— Você mesmo falou que o caráter não se muda.

— Você, Letícia, está exagerando o que eu disse. Falei que modificar hábitos é quase como querer que o oão-bobo fique pra onde fazemos com que se incline. Ele tende a voltar para o ponto de origem. Falei quase. Homens e mulheres, entretanto, podem sofrer mudanças. É claro, ponha dose de esperança nas mudanças. Somente à base de muitos exercícios vamos ver nossa nora num estado de espírito mais próximo do nosso. Também é bom pensar se nós não estamos avessos a nos modificarmos.

— Tenha paciência, meu marido, pensemos bem: o que é que podemos copiar dela que possa nos tornar melhores?

— Tá aí! Vamos dar uma de repórteres e ver os acontecimentos.

Depois desse pouco esperançoso diálogo, pus-me a caçar virtudes de Felícia.

Do jeito que quase sempre acontece, preferimos, quando não nos agradam as escolhas, perscrutar, mais que estrelas, os defeitos, como se buscássemos confirmar nossas opiniões. Saímos,

feitos caçadores ou predadores, analisando deformidades, e até transformamos em transtornos mentais, em nossas vítimas, as pequenas instabilidades de humor. Descartamos, por fim, do alto de nossa grandeza de espírito a quem não nos agrada. Somos autores de um juízo final e nos afastamos como que de alguém que carrega uma peste. Temia que em nossa casa fizéssemos isso com nossa nora. Pior, poderíamos contaminar nosso filho, deixando tudo muito mal. Como se fosse procurar preciosidades, me pus a procurá-las em Felícia.

Apreciava muito invadir o YouTube e, aí, ouvir melodias clássicas e canções infantis. Conhecia diversas canções pra fazer criança sonhar e dormir. Certa feita, ouvi de Felícia uma canção alemã. Vi que poderia atraí-la me associando e mostrando meu interesse por seus cantos. Gravei uma série de músicas. Conversei com Leticia sobre a possibilidade de nos comunicarmos melhor através dos cantos da cultura alemã. Quando entreguei o CD com mais de vinte textos cheios de palavras e sons de sua infância, percebi nos olhos de Felícia um brilho até então desconhecido. Olhou-nos efusiva. Abraçou-nos como se nunca tivesse nos visto, começando a preparar uma comida típica alemã com suflê de maçã, chucrute, chouriço e Joelho de porco. Era tudo que se fazia de bom em sua família. Pediu se poderia convidar seu pai e sua mãe, que também andavam longe de nós. Conhecíamos o casal de velhos com fala brasileira, porém, carregada do sotaque próprio dos habitantes vindos de Hundsrück. Vieram seus pais. A mesa posta foi o suficiente pra que se rompesse o muro das distâncias. Pra variar, vieram com uma cerveja que haviam trazido da Bavária e mais outras a gosto de sua terra. Bebemos pelo espírito do lupo e dos nossos. Lá pelas tantas da tarde, Silvano estimulou a que Felícia cantasse dos seus cantos. Para admiração de todos, sua voz, até então oculta, revelou-se muito bela. Seu pai traduzia a letra em meu ouvido:

Ó raposa, você roubou meu ganso.

Por favor traga-o de volta

Se não obedecer, vou chamar o caçador

Com sua arma poderosa...¹

Vinham outras canções, e a que mais me agradou tratava do casamento dos pássaros. A galha, a cegonha e até a coruja louvavam o amor feito fidelidade.

Após as canções, ela nos contou uma história infantil, vinda de seus avós: havia um girino apaixonado por uma larva. A larva pedia com ternura para que sempre fosse delicado como era e, por favor, não mudasse nunca. O tempo, irreverente aos apelos, foi mudando e mudando o girino. Perdeu de vez o rabo, e isso entristeceu a pobre larva. Te pedi pra não mudar, e você mudou! Prometo não mudar mais, respondeu o girino, quase feito uma rã. Passada uma semana, eis que a larva não encontrou mais o seu amor. Muitas semanas se passaram; o tempo suficiente para que a larva se transformasse numa borboleta. Sobrevoava todos os dias o lago das águas calmas a ver se encontraria seu girino. Pousou baixo sobre um galho que se dobrava sobre a superfície. A borboleta viu uma rã e perguntou-lhe se não sabia de seu amor antigo, pois faria de tudo para encontrar novamente seu girino. A rã faminta saltou e devorou a borboleta. Assim se terminou a história onde a borboleta passou a fazer parte da vida da rãzinha de maneira definitiva.

Todos se perguntavam sobre a tragédia. Silvano veio em socorro de sua amada alemoazinha. Tudo é semelhante ao casamento. Quando o amor é intenso, cada um dos companheiros se torna vida para o outro. A diferença está em que cada qual continua

¹ Fuchs, du hast die Gans gestohlen,
|: gib sie wieder her. :|
|: Sonst wird dich der Jäger holen
mit dem Schießgewehr. :|



vivo. *Das ist war, aber nicht immer war*², falou o pai de Felícia, rindo e mirando a esposa.

Bom, o efeito de nosso encontro nos aproximou, tornando nossa querida Felícia parte de nós, e em três anos nos vieram duas crianças. Dois garotinhos sardentos. Coisa de outro mundo. O Félix e o Sílvio. Tenho a impressão até hoje: carregavam pequenos raios, tamanha era a fogacidade. Com dois anos, o Félix tentou incendiar a casa, salva pela fumaceira vista pelos vizinhos, tendo trancado a babá no banheiro. Aos três anos, o Sílvio mexeu com uma vespeira quando Silvano ia passando junto ao pé de laranjeira. Sorte do pai, pra azar do guri. Imaginou que sua intenção de assustar o pai seria suficiente. Esqueceu de explicar pras abelhas sua intenção. O piá foi parar no hospital todo picado. A Felícia já andava tão à vontade conosco que brincou. Tenho medo que essa raça que já pôs duas vezes fogo na Europa queira fazer o mesmo por aqui. Mas a vida, assim como o girino, assim os piás: mudaram, ainda bem que para melhor.

² Isso é verdade, mas nem sempre verdade.

O mal-estar de um casal

Duvido que haja um casal que já não tenha enfrentado severas dúvidas sobre separar ou não separar. Isso não é coisa tão rara para muitos deles. Mas o passo pra chegar a se confirmar o diagnóstico do mal-estar e a separação vai um eito. Fazem um balanço geral, e aquele que da díade sentir mais a frustração, apura melhor os danos e os benefícios do rompimento. Nessa situação de litígio casamenteiro pode acontecer que um dos cônjuges nem saiba da gravidade. Sabe apenas do clima que não anda pra céu de brigadeiro, mas não a ponto de perceber que o aviãozinho anda prestes a ter uma pane.

Estou fazendo uma volta pra dizer: saibam todos a quem interessar possa, passei por uma dessas. O mal-estar, pelo tumulto de meu humor e por despesas que ela realizou além de sua medida, se precipitou. Falei que não possuía nenhum banco pra rapar meus cofres. De fato, meus *moneys* andavam minguados. Ela se exaltou de momento e depois murchou como uma bola em pleno jogo. Passaram-se alguns dias, e ela não abria a guarda. Fiquei enfurecido, pois era eu quem tinha que miar nos ouvidos de minha gata pra que saísse de sua irritante rabugice. Bati um papo com minha doce e chata vizinha. Estendi, por provocação, a conversa. A minha amarga senhora veio com uma alfinetada: se eu estava curtindo um frustrado amor de velho. Mais acre se tornou o ambiente. Pensei com meu zíper que não dava pra continuar comendo esse pão que o diabo amassou. Não há dúvidas: sempre tem um diabo pra afastar as graças do Senhor. Cancelei uma viagem que faria com minha quase ex-amada. Fui sozinho pescar na fazenda de um amigo. Curti o silêncio das alfaias e das alamedas, diriam velhos cidadãos ingleses. Menos... Cinamomos amigos e superfície de lagoas me tornaram mais ameno. Fui vendo quem eu era a essas alturas de meu campeonato. Por três manhãs reparei as esperas dos anzóis. Parcos peixes e cinco perdizes foram as vítimas de minhas pescarias e

caçadas. Os silêncios das três madrugadas me perturbaram, me pondo em reflexão. Imaginei meu passado e meu destino sem ela. Do passado obtive notícias alvissareiras. Todas elas me vinham pressurosas, trazendo em seu seio o que de melhor um homem pode ter nessa breve passagem. Em tudo eram trazidas impressões agradáveis, fazendo me perceber um homem inteiro. Do futuro me vinham péssimas impressões. Me via um homem solitário. Apareciam algumas mulheres que não me diziam respeito. As conversas não condiziam com meus interesses, e a história rompida doía profundamente. As palavras estavam vazias de sentido. Procurava, entre tantas, a figura envelhecida de minha Letícia. Em meu devaneio, comecei a ver como seriam as festas sem ela. O menino Jesus sem pastores e Nossa Senhora perdida no campo, seu José desolado. A Páscoa sem ressurreição. Elas perdiam o sabor como um bolo sem açúcar. As férias sem descanso. Definhavam meus sentimentos como se fossem pássaros moribundos, sem ter quem deles cuidasse.

Buenas, mais que rápido voltei pra casa. Deixei a pobre caça e os míseros peixes na fazenda de meu amigo. Encontrei-a entre soluços, tamanha era a espera. Um abraço terno e apertado. Ela:

— Não me deixe nunca mais sozinha!

Outro abraço.

— Nem tão forte que meu corpo é frágil.

— Que me tenhas pra sempre, Letícia.

— Contanto que não me fujas mais!

Uma precipitada narrativa

Jamais falei à Letícia sobre meu apoio à causa familiar de Venite e seus três filhos... Todavia, meu azar é ser bocudo. Os bocudos têm disso: podem se segurar de boca calada durante cinquenta anos, mas, lá pelas tantas, dão com a língua nos dentes; depois, como eu, se arrependem das palavras impróprias, embora verdadeiras, isso que sou afeito a ouvir histórias da inconveniência de outros bocudos e bocudas. Como a seguinte:

Num ambiente de velório assiste-se de tudo.

O velho tio estava sendo velado. Lágrimas avulsas e persistentes rolavam. Pêsames sentidos e outros, por costume, rolavam entre as flores que já murchavam. O recorrente ambiente estava como sempre. Nada faltava, mas eis que aparece um senhor de uns trinta pra quarenta que era pra tirar os familiares do sério. Chamou um dos filhos legítimos e falou que também tinha direito de chorar a morte de seu pai. Pode chorar à vontade a morte do meu querido pai, falou o filho legítimo. Você chora o de teu pai que choro o do meu. Tá brincando? Não, falo sério. Se você não sabe, então fica sabendo: ele também é meu pai e você, meu mano. O filho legítimo dirigiu-se à mãe falando baixinho, enquanto mirava com raiva pro pai.

— Mãe, tem um cara, é o de camisa vermelha. Ele tá dizendo que é meu irmão!

Sumiram as lágrimas, e um sentimento devastador invadiu a viúva. Ela não disfarçou e olhou fuzilando o pobre homem.

— E o desgraçado tem a cara desse filho da puta!

— Mãe, não fala assim de papai!

— Tô vendo o baita pai que ele foi!

Enquanto assim aconteciam as coisas em torno do falecido, chegou-se uma bocuda senhora.

— Mostre coragem, querida. Olhe o falecido...

— Tô vendo o desgraçado!

— Esta é uma vantagem da morte... Deixa a gente sem dor, sem desejo e sem culpa!, continuou a impertinente senhora. Todo mundo sabia do filho que tinha. Só a senhora que estava por fora.

— E será que é só esse?

— Deixa que vou falar com ele e ver se não tem mais algum outro irmãozinho por aí! Depois eu te conto. Amiga é pra isso.

Pois, pois, mesmo sabendo que não se deve abrir a boca, o bocudo não perde a oportunidade. Assim sou eu. Como falava antes, fiquei quieto durante cinquenta anos, sem falar sobre as minhas solidárias visitas à casa de Venite. Um dia, distraído, e crendo que, pela distância dos acontecimentos, estaria bem protegido, falei do meu apoio e proteção à pobre Venite e seus amados filhos.

— Vai me dizer que não rolavam antigos sentimentos?!, ela me chamuscou.

— Devo acreditar que nem aquele sentimento próprio entre um homem e uma mulher, como aquele que uma vez rolou entre você e um amigo que foi mais forte que você?, falei muito azedo.

Pra que, santo Deus! Começou, então, um prolongado calvário de três anos, começando por um discurso muito irado!

— Seu filho de uma mãe, aquilo foi uns dias de vento forte que passaram sem deixar uma cicatriz. Aumentei o fato quando lhe falei, que era pra você saber que tudo estava mal entre nós. Agora, passar mais de vinte anos em visitação e apoio financeiro, tirando de nossa casa para ajudar uma mulher e sua ninhada, é que é demais. Não me venha com essa de santinho misericordioso pra cima de mim. Te conheço muito bem! Aí teve!

Buenas! Pensei que seu discurso diminuiria a raiva. Qual o quê! Com setenta anos começou um sofrimento quase diário de desconfianças. Pra onde vai? O que fica fazendo nesse computador que não desgruda o traseiro dessa cadeira! Eu vi bem você olhar praquela morena... Que isso, que aquilo! Via ela mexendo no computador à cata de algum email mais íntimo. E teve algum, ainda que apenas de alunas mais agradecidas. De repente vinha-lhe um surto... Começou a me confessar que lhe vinha a Venite como um fantasma. Você jura que não pensa mais nela? Você não visita mais ela? E isso começou a encher minha panela... Respondia que é só o que penso... Que meu coração é apaixonado... Depois me voltava severo pra ela: deixa disso, mulher, penso nela como sempre pensei... Como uma mulher qualquer a quem ajudei. Penso nela como penso nos filhos dela. Foi aí que tive uma ideia muito produtiva. Pedi aos filhos que viessem visitá-la e minimizar as desconfianças. Que coisa boa! Tudo se resolveu, o que poderia ter sido resolvido antes. Os filhos convidaram a que ela fosse até sua mãe, a Venite. Ela foi pra ver de perto seu fantasma. Pois tudo se modificou. Encontrou-se com ela e não tenho dúvida que foi verificar se não houve nada entre mim e a minha inteira ex-mulher. Foi um santo remédio. Expulso o fantasma maior, os outros se foram.



Os medos da senhora Letícia

Pois é, às vezes desconfio do certo e do verdadeiro, assim como do bem e do mal. Não entendo, porém, que se aja, em tudo, pelo relativismo. Me conformo mais à ideia de tudo se fazer e pensar em razão de consensos entre as partes interessadas em fazer e pensar. Agora que, na melhor expressão da palavra, estou velho, converso com Letícia e vejo que ela está muito envolta em mim, principalmente depois da expulsão de seu fantasma. Entretanto, seu olhar anda apequenado em suas vestes e em seu corpo. Me quer inteiro, contudo, não tanto pela grandeza do amor, mas porque não tem coisa melhor a querer: reduziu-se por demais. Mais ou menos como aquele cuja referência é pouco menor que tudo que possui. Acho que ela anda se desligando demais de tudo e vai limitando o tamanho de sua possível comunicação. Ela, em razão de meus vínculos de serviços que presto, anda enlouquecendo de medos que não se justificam. Pra ver o que é certo e ter mais certeza no meu pensar, fui conversar com um psicólogo, e ele me fez ver o seguinte: parece ser verdade que ela limitou demais sua decisão. O que faz e quer é bem menor que pode. Por outro lado, ele me fez ver o quanto eu andava me bifurcando em N iniciativas. Concordei em minimizar minhas ações concorrentes ao bem de meu amor, uma vez que Letícia sofria de minha ausência. Comecei, a partir dessa reflexão, a vigiar meus próprios passos e vi que poucos eram dados em compasso com os dela. Fiquei perdido, confesso. Fomos, então, renovar o cabedal de nossa comunicação ao nosso refúgio, caverna redentora dos pecadores. Mais uma vez a casinha antiga de meu pai nos salvou. Dormimos alegremente: ela no meu peito, como um anjo confortável numa nuvem. Pela manhã ela me veio, feliz, perguntar por que ficávamos assim meio abatidos.

— Avalio, querida, que temos muito gás pra ficarmos apenas enrolados um no outro.

— Você quer fugir de mim, por isso anda de um lugar pro outro. O que acha de fazermos juntos alguma coisa interessante?

— Quem sabe podemos lidar com um projeto de comodato de casas pra idosos. Eles sempre te comoveram, querida. Falei com o prefeito e ele achou interessante construir um condomínio pra idosos. Nossa responsabilidade seria organizá-lo. Enquanto o idoso for vivo, terá um rancho pra viver bem. Depois vai pra outro. O condomínio todo teria apoio especial de saúde. É uma proposta experimental. De casa e beleza ninguém como você pra entender, querida.

— Me deixa pensar no assunto.

— Pois o que digo: pensando junto é que dá certo. Bem igual a dois amantes percorremos os dias seguintes. Em tudo havia correspondência e ânimo exuberante.

A proposta constituía-se num condomínio de quinze casinhas em cujo centro havia uma construção para atendimento médico e odontológico, área de lazer e aprendizagem com sala pra internet e biblioteca. Coisa de primeiro mundo. De minha parte vou contribuir com pinturas alegres de cenas familiares, estações, matas, lagos e roças com todos os animais de patas e asas. Espero que o resultado não seja para menos: os moradores, selecionados em razão de abandono e risco, serão nossos irmãos e motivo de nossa comunicação.

Um sonho é um sonho; a realidade política, se o sonhador não tiver um saco de paciência, estraga tudo com facilidade. Explico: uma vez que Letícia aceitou coordenar a iniciativa, não poderia deixar que tudo se perdesse. Não poderia deixá-la triste, pois a felicidade dela era minha razão de viver. A comunhão era tamanha que sua aflição desdobrava-se em minha angústia e, agora, tudo se invertia. E lá fomos nós dois formatar nosso desejo. Se narrar os chás de banco, as humilhações, a indiferença, as demoras burocráticas, posso desanimar a quem quiser ter o espaço público como companhia. A

qual secretaria ficará vinculada a proposta? Uma peregrinação. Finalmente a secretaria de ação social aceitou que seria ela a responsável, tendo por corresponsável a saúde. Em cada uma delas ficamos mais de ano finalizando os cuidados. A Anvisa veio, por fim, questionar tudo, e tivemos que rever os espaços por mais meio ano. Foi só pra começar. Não foi fácil obter a autorização da câmara de vereadores em suas diversas sessões deliberativas.

Nem falo da peregrinação para a liberação das verbas para a construção. Cada etapa que se vencida era uma nova via-sacra para dar continuidade. Letícia já desanimava quando fomos rever alguns pontos da construção do centro de atendimento e de lazer. Ao me propor fazer a pintura do interior das casas, veio uma solene negativa. Medo de vínculo empregatício, desconfiança geral da intromissão da presença civil, enfim... Só poderia haver minha participação depois de tudo pintado e com autorização dos moradores e do responsável pelo condomínio. Não desanimamos e após cinco anos de lutas insanas chegamos a bom termo. Pra susto de Letícia, foi-lhe dificultada sua presença como voluntária no acompanhamento dos selecionados à sua casa. Nem vou falar do processo seletivo... O setor jurídico e mais duas secretarias entenderam de ver o que acontecia. Opinaram severamente. Depois de cinco anos de desvarios administrativos inauguramos o centro de atenção a idosos. Letícia, enfim, pôde acompanhar os residentes e suas demandas. Começou a ficar eufórica pela alegria dos moradores.



Das pinturas com meus netos

Não houve dificuldade em ter autorização dos moradores para realizar o projeto das pinturas nas casas, tampouco do responsável pelo condomínio. Havia viúvas e casais sempre dispostos a uma boa conversa. Levava minhas crianças. Ana já chegava aos onze, entretanto não perdera os encantos de sua infância. Bento e Sílvio completaram seis e sete anos respectivamente. A minha eufórica Flávia, a que estava sempre de boca livre pra dizer o que lhe vinha à cabeça, tinha tudo a ver comigo: bocuda desde criança. Os dois é que me davam trabalho. Por mais que dissesse que os idosos não gostam de muita bagunça, não havia dia que não aprontavam uma. Da última vez entraram numa das casas vestindo-se de um lençol e o casal de idosos, ao adentrar, deram por dois fantasmilhas vindos na direção deles de um jeito muito louco. Quase mataram o seu Vitório e a dona Augusta. Pedi perdão e fiz os meninos fazerem o mesmo. Vigiei-os por um tempo. Isso acalmou somente quando dei um jeito de convocá-los ao trabalho da pintura, levando somente um de cada vez e as duas pequenas assistentes. Trouxe-os, num fim de semana, até o meu atelier junto à antiga casa. Estavam eufóricos por saberem de minhas intenções em pintar as casas do condomínio. O projeto se constituía no seguinte: que eles tomassem gosto e participassem dos motivos a serem projetados. Das discussões saiu o seguinte: pintura da casa número 1, a virtude da mesa e da sala. Mostrei-lhes, em cores, um ambiente familiar com mesa farta e uma sala com arranjos em diversos vasos e crianças inspiradas nos quatro netos. Tudo saiu de acordo com nosso entendimento a respeito da graça de Deus ou, para os menos crentes, a respeito das virtudes inscritas nas circunstâncias. As cores faziam emergir força. Para motivá-las, narrava uma história sobre os desenhos feitos. Ana carregava, sorrindo, doces saborosos. De Flávia, a exuberância de cuja boca saíam pássaros anunciando a primavera. O Bento empurrava um

carrinho de mão cheio de flores. Sílvio explicava a todos a saudade de uma despedida. Argumentava, triste, que não é bom perder amigos. Cuidem dos amigos, dizia a fala dentro da bolha.

Nem bem havíamos concluído o projeto, veio Ana intrigada me questionando sobre a razão deles estarem aí.

— Por que vocês são importantes praquela casa. Tem mais respondi: sempre que vocês fizerem tudo pra alegria de todos os habitantes daquela casa, eles vão estar melhor.

— Vô, insistiu, nós vamos ser apenas retratos aí. Como podemos ajudas os moradores daí?

— Você se engana, minha pequena. Mesmo de longe vocês podem ajudar. A gente nunca sabe o quanto os outros podem receber o bem que fazemos. Veja, pode ser que daqui a dez anos o teu jeito bom na parede possa fazer que alguém se alegre com tua vida. O teu gesto com doces pintados pode inspirar o morador dessa casa. E veja também: o fato de vocês estarem aí, com toda essa alegria, poderá ajudar alguém a ter uma ideia boa e tornar-se melhor do que era antes.

O Sílvio, que perdera um coleguinha de escola, reforçou o meu pensamento.

— É isso, vô, estou triste. Meu amigo Vladi era legal. Ele me defendeu um dia que um colega debochou que eu tinha um cabelo da cor do inferno. Eu não vou ver mais ele, mas ele ainda está perto de mim. Quero ser parecido com ele.

— Certo, guri, a gente nunca sabe o resultado daquilo que se faz.

Todos os meus netos silenciaram. Até o danado do Bento, entretanto, sem abandonar aquele sorriso malandro sobre tudo. Escolhemos as cores definitivas, sem deixar de escolher baunilha sobre o rosto triste de Sílvio. Era constrangedora ainda sua feição em

razão da perda de seu amigo Vladi. Depois de tudo, veio sentar-se no meu colo. Apenas falei de sua bondade em ser tão sensível. Vi com ele como somos frágeis e que todo cuidado é pouco.

A segunda casa: discutimos muito sobre o motivo dos arranjos das paredes. A Flávia imediatamente sugeriu que fosse um motivo de muita alegria. Ela se abraçou ao Sílvio, dizendo:

— Quero muita alegria que é pro Sílvio esquecer um pouco a dor do coração.

— Quero muitas árvores e muitos pássaros, falou alto o Bento. Tucano, tico-tico, sabiá, pintassilgo, todas as pombas e quero também uma choca e os pintinhos. Quero o rosto de minha mãe, que está sempre alegre.

— Quero um sol redondo pra espantar a noite e as corujas, consolou-se o Sílvio.

— E eu, gritou a Ana, um trigo bonito como o do vizinho de nossa casa. Assim, cheio de onda quando vem o vento.

— Não, quero o pão já feito, brincou meio debochado o sardento do Bento.

— Olha ele, vô! Sempre debochando..., reclamou Ana.

— Para com isso, Bento!, me impus severo ao moleque. Se tu não quer o trigo da Ana, eu não pinto os teus passarinhos.

— Tá bem, vô, deixa o trigo dela.

— Que tal um lago cheio de peixes?, exclamou Ana.

Gastamos um dia todo pra deixar o esboço num papel.

— Está na hora de voltar, que amanhã é segunda, alertei.

— Isso vai muito devagar, reclamou a Flávia.

— Mana, calma. Tudo tá ficando tri bonito!

Durante a semana não houve nenhum deles que não veio me ver. Havia ansiedade pra conferir o efeito do projeto dentro das duas primeiras casas.

Os efeitos singulares

Pintamos a primeira casa. Os doces de Ana deixavam água na boca. Eles se estendiam ao longo da parede da pequena sala de jantar. Na parede oposta, o Bento carregava seu carrinho de flores. O ar do moleque era a própria felicidade. Flávia circulada pelos pássaros, deixando o teto de uma alegria exuberante. A parede oposta à janela apresentava a ternura do Sílvio, protagonizando suas palavras sobre a amizade. Havia nele uma certa tristeza. Solicitava um abraço.

Levamos quatro fins de semana pra deixar pronta a primeira casa. A Flávia, sempre apressadinha, lamentou: desse jeito vou ficar velha até as quinze casas ficarem prontas. O Sílvio consolou-a: calma, menina, não é preciso ter pressa. Tu não vai nem deixar de ser criança que tudo já vai estar pronto. Expliquei que, se fôssemos naquele ritmo, tudo estaria pronto dentro de um ano.

A segunda casa levou exatos quatro fins de semana pra ser concluída. Se imaginarmos a alegria, poderia se dizer que ela tomou conta daquela pequena casa. As aves voando de canto a canto da sala. O sol brilhante do tamanho da janela trazia seus raios pra todos os lados. O trigal junto ao lago completava uma paisagem iluminada pelo sol. Pequenos patos nadavam solenes. Aproveitei, durante as pinceladas dadas por mim e outras pelos quatro, pra contar histórias. As pinceladas agitadas de Bento foram sendo, aos poucos, controladas. Revelou-se, apesar da agilidade, um exímio observador. Cansei de me perguntar sobre as diferenças entre eles e a preferência de suas cores. O Sílvio, depois da terceira semana de pinturas da segunda casa, ao ver o término de nosso trabalho, apresentava-se bem mais animado e, para mostrar a sua cura, escondeu-se debaixo da cama do velho casal e, quando faziam a sua sesta, começou a roncar. Um velho xingava o outro com acusações mútuas por não poderem fazer a soneca. Por fim, descobriram o piá

debaixo da cama, e ele não controlava as gargalhadas. Depois peguei de jeito o piá, alertando que ninguém tem o direito de acordar quem quer que seja e, muito menos, invadir o quarto dos outros. Ele ainda respondeu: como é que minha mãe entra no meu, todas as manhãs, pra me acordar?

O condomínio, após as artes praticadas nas duas casas, nos convidou. Acharam de tamanha graça que resolveram fazer uma pequena demonstração do carinho que tinham por nós. Assim foi feito. Letícia vestiu nossas crianças de maneira festiva. Elas se sentiram reconhecidas pelo esforço feito. Muito além da euforia, aí acontecia um reforço aos gestos feitos. Todos os moradores perguntavam sobre as próximas casas. Ninguém mais queria ficar fora do projeto das casas com as impressões de um velho e suas crianças. Ao terem a resposta positiva abraçaram as crianças com muita alegria. Houve algumas manifestações muito expressivas dos moradores. Nada mais foi feito que alguns salgadinhos e doces. A festa estava no coração dos moradores. Sílvio e Bento brincavam como se fosse normal essa troca de agrados. As duas pequenas revelavam-se mais orgulhosas que os dois. Milânia, uma velha senhora, ensaiou até uma poesia. Lembro do sentido de sua fala: estou muito contente porque essas crianças fizeram muito bonito em nos agradar. Se as crianças olham para nós é porque ninguém nos esqueceu. A velha professora agradecia emocionada por ver crianças reconhecidas por seus esforços.

Continuidade das pinturas

Entre outras coisas da roça, a principal que se sucedeu foi a continuidade de nossas pinturas.

— Pois bem, piazzada do coração da Letícia, chega de lero-lero. Vamos dar continuidade ao que temos a fazer.

— Só mais um pouco, vô.

— Nem menos nem mais! Falei, tá falado.

— Ô, homem, deixa as crianças brincarem um pouco mais.

— Só pra me contrariar. É sempre assim. Pois bem, quando cansarem, me chamem, que vou pescar aí no riozinho.

Eu e Letícia tecemos a vida como rocas. Por nós as crianças e seus pais desfiam a vida. Essas crianças se seguram em nossa estabilidade. É uma segurança sem arroubos, mas de cuidados. Na maioria das vezes, prevalece a serenidade, como se agregássemos uma só pessoa. Ceder, porém, muitas vezes chateia e chateia, a quem cede e a quem é exigida a cedência. Estava aí com lamúrias na minha alma quando, mal havia lançado o anzol, ouvi passos na barranca. Era ela.

— Querido, onde você está?

— Aqui.

— Também quero pescar.

— Não tem anzol.

— Não importa. Vou só olhar.

— Tá escuro.

— Então conversamos.

— Vamos espantar os peixes.

- Conversamos baixinho.
- Mas atrapalha o pescador.
- Sou eu teu peixe, então.
- Já vi tudo.

Nesse momento as crianças começaram a se chegar também.

- Vô e vó, onde vocês estão? Temos medo!!!
- Já disse: amor de velho é sempre bem cercado, resmunguei.
- Falei que logo voltaria!, reclamou Letícia.
- Acabou a pescaria, xinguei.
- Vamos embora.

Mal havia correspondido com um “tá bom”, quando a linha correu e peleei com um jundiá até tirá-lo da água. Porém, a correria das crianças foi grande pra ver o acontecido. Sílvio, que amava pescar também, na correria, tropeçou e foi parar dentro do poço. Ainda que sabia nadar. Fomos embora, rindo do banho e da folia que se fez na hora.

- Outro dia você estende o fio e põe um bico de luz até esse poço.
 - Quem sabe, trago até uma cervejinha pros peixes.
 - Pode trazer, mas a luz também.
- Ana e Flávia anunciaram conjuntamente:
- A vó tem razão.

Por não haver clima para os projetos de outras casas, declarei por encerrada a sessão dos trabalhos para aquele. Fomos dormir, enquanto a vó e as duas meninas prolongaram a conversa.

Pela manhã do outro dia demos continuidade. Antes da noite havíamos concluído mais dois projetos.

A terceira casa: as águas.

O motivo foi sugerido pelo Bento, ainda rindo do mano que caiu na água. De fato o projeto em azul, vermelho e verde ficou movido pelas águas. Numa das paredes o nosso riozinho tal como as crianças viam-no. Viam o que eu não via. Aquela parede contendo suas águas apresentou-se cheia de magia. O espírito das crianças pairava sobre elas. Nem ao menos o socozinho de dois anos passados deixou de aparecer. Numa das paredes o mar com suas espumas eternas, e no horizonte ondas bravias se pronunciavam. Flávia questionou:

— Vô, por que o mar está brabo?

— Ele não está brabo. O vento é que é forte.

— Ele me dá medo.

— Não fique assim. É só não entrar nele quando o vento é muito forte, falou Ana.

A essas alturas a vó apoiava suas mãos sobre os ombros da pequena.

Um barco solitário junto a um lago foi a proposta de Sílvio para a última parede.

— Sílvio, desenha um pescador vindo na direção do Barco, sugeriu a vó.

— Aí, então, o barco não fica triste, vó!

— Nem abandonado, finalizou a Ana.

Passamos horas e horas em largas reflexões e discussões sobre as outras casas, tanto no papel como nas paredes. Uma delas foi sobre casas e mais casas e outra sobre cuidados de toda ordem.

Lembro bem a sexta: da ternura.

A ideia de pintar cenas gregas ao lado de pequenos ranchos brasileiros surgiu quando Flávia, docemente, me perguntou por que a Grécia caiu de tão alto. Não podia deixar de responder com emoção. Os grandes um dia caem; a vida é assim, minha pequena. Expliquei que foi aí, de tão alto, porque pensaram muito e estavam divididos. Olha, minha pequena, o jeito de ficar junto não é pra bonito, é pra não morrer. Ainda bem que os árabes seguraram as pontas e acabamos salvando o que de melhor os gregos fizeram: buscar explicações de tudo. Pra mim, pequena, se não fossem os gregos, estaríamos entre os animais selvagens, vivendo nas cavernas. Muitos e muitos se debruçaram sobre as mesas e pensaram e pensaram. O que faltou, então, foi a necessidade de estarem juntos. Faltou a ternura andar de casa em casa. Alguns entendidos continuam pensando que basta usar bem a cabeça pra se completar a felicidade. Ledo engano. Ana e Flávia foram as mais ágeis em buscar informações a respeito da maior das virtudes, que é revelar, no cotidiano, o quanto somos capazes de ver, compreender e fazer bem tudo que pede a nossa consideração.

— A ternura não é bem como o amor, perguntou Flávia?

Mais ou menos, respondi. Ela fala mais de perto. É amar de maneira envolvente o que nos cerca. A doçura não é servil nem tola. Às vezes, ela se enche de coragem, sem violência. Ama as conversas francas e serenas.

A Flávia cansou de minha frivolidade e esclareceu rapidamente apesar de seus dez anos:

— Vô, uma vez eu vi a tia Felícia pegar uma criança no colo. Ela fechou os olhos e gemeu baixinho quando apertou ela contra o peito. Acho que isso é ternura. Outro dia eu vi uma choca trazendo os pintinhos pra debaixo dela, quando ouviu o grito do gavião.

— Eu sei o que é isso. Esses dias eu vi os pássaros voando alto e até me doeu no peito ver eles voando, se expressou o Bento.

— Já que o Bento falou em pássaro me lembrei da última vez que fomos na roça, conversou Sílvio. O vizinho Aristides ia matar o galo do meu amigo Zé. Olhei o bichinho que ia morrer. Pedi se podia pegar ele primeiro no colo. Acho que o galinho sabia que ia morrer. Ele ficou quietinho comigo, fazendo crocro bem baixinho. Pedi se vendia ele pra mim. Ele disse que sim. Pedi um dinheiro pro meu pai. Ele deu. Depois levei ele pra nossa casa. De manhã bem cedo ele cantou bem debaixo da minha janela.

Rimos quando Ana, com certa veia poética, exclamou:

O Sílvio achou melhor o galo cantar na janela

Que ver o cantor morto na panela.

Rimos juntos.

Foi aquela briga até escolher os momentos mais ternos. Eram quatro os motivos a serem lançados no papel, e já tínhamos mais de dez que poderiam ilustrar a ternura numa parede.

Lembro, também, da casa número nove: a compaixão.

Não dando muita bola pra idade das crianças, fui falando dentro da casinha antiga. A compaixão não é triste, ela é muito responsável. Não é ter piedade, como se os outros fossem inferiores e não pudéssemos sofrer da mesma dor. É como se estivéssemos com a mesma dor por quem temos compaixão, sem precisar sofrê-la com a mesma intensidade. É como se aqueles que sofrem fossem um de nós. Não encontrava palavras pra estimular meus pequenos seres do coração a entenderem a compaixão. Bento, o sapeca, mas ligeiro que só uma ariranha na água, filosofou de uma filosofia de sete anos.

— Meu amigo Beto não conseguia entender uma continha. Olhei pra ele. Ele tava chorando. Expliquei, expliquei, aí ele disse: agora entendi.

— É isso, Bento. Você não teve dó, você teve compaixão.

— Eu também tive compaixão do Sílvio. Quando ele ficou muito triste por causa do Vladi, aí eu falei: primo, não chore tanto. Isso vai passar, explicou a Ana.

— Então vamos pôr no papel essas cenas e mais outras. A gente também tem compaixão nas horas boas. Por exemplo, quando um amigo ganha um presente. Quando a gente se alegra com alguém, isso também é compaixão, esclareci.

— Então, vô, estou cheia de compaixão. Quando a mamãe fica bonita eu me encho de compaixão. Quando ela fica preocupada eu também tenho compaixão. Quando ela canta, eu me encho de alegria. Isso tudo é compaixão?, perguntou a Flávia.

— É a pura compaixão, se antecipou o Sílvio.

— Vamos ao papel.

Escolhemos cores muito alegres, e era de ver a proximidade que conseguimos traduzir nos movimentos da compaixão. Uma cena sugerida por Sílvio me comoveu mais que todas. Trouxe-nos a lembrança de sua mãe Felícia e do pai Silvano no dia da mudança que realizaram da primeira casa pra segunda. Tanta coisa havia desnecessária e tantos brinquedos jogados em caixas que se entristeceu todo. Foi com a professora dele a um bairro onde ela trabalhava pra levar tudo a uma creche na qual ele tinha estado semanas antes. Por perceber que era pouca a condição social da mulher que cuidava da instituição, pediu em casa pra levar também alguns objetos necessários. Duas panelas nunca usadas, livros lidos e uma garrafa de vinho. O pai contestou por perder o vinho, mas ele disse que o pai naquela casa pobre poderia pôr no bico uma coisa boa. Perguntou aos primos e a mim se o vinho fazia parte da

compaixão. Todos concordaram que o gesto fora compassivo. E lá apareceu Sílvio, levando uma garrafa de vinho diante de uma casa igual àquela da fotografia tirada por ele.

Bem no prazo de um ano, todas as casas tiveram paredes lindas por cores e motivos cheios de inspiração.

Uma festa

Festa foi aquela quando Felícia e Silvano trouxeram alguns músicos de uma bandinha alemã. Não saíram somente marchinhas, mas também sons eslavos, tiroleses, austríacos. Os idels soaram alegres nas baixadas de toda redondeza. Acho que até os gaviões perderam sua austeridade, e os políticos, por algumas horas, pensaram em honestidade. Comemos batatas de muitos pratos. Cervejas de muitas cores, brandas e picantes. No meio disso tudo não poderia haver tristeza. A virtude da alegria brotava dos musgos e dos espinhos das paineiras. Na memória me vinham amigos de longas datas. Todos me falavam das horas alegres que passamos juntos. Letícia veio com as crianças com roupas típicas dos tempos coloniais. Ríamos pelo conforto do passado. Os velhos moradores sorriam risos dos melhores que podiam tirar de suas vidas. Dois velhos descendentes de alemães-russos choravam emocionados. A velha senhora, entre pulos de alegria, fez que alguns ouvissem: Mein Gott, queria que meu pai pudesse ouvir tudo isso uma vez aqui. Poetou: acho, senior Chiordano, o navio teles está aqui esta noite. Ietz ist wieder schön, agora tudo é bonito de novo. O casal arriscou uma canção da Ucrânia, terra de seus avós antes de embarcarem para o Brasil. Havia saudade na melodia, mas era aqui que podiam morrer em paz, vendo seus filhos sem ameaças dos mugiques russos.

Doeu-me aquela noite, quando as luzes se apagaram no centro de entretenimento. A vida nos empurra para frente. Ela não tem cadeira de balanço pra descansar. Surgem atropelos pela fragilidade de todo organismo. Pela madrugada acordei-me mal do peito. Uma semana de hospital e duas em casa. Letícia não saiu de meu lado. Quando me senti mal e de febre alta, vi uma lágrima em seu rosto.

— Seu filho da puta, não vai me deixar sozinha.

— Não se preocupe! Assoprei, forçando os pulmões.

Ao dar a primeira volta pela rua senti as forças em desamparo e eu com elas. Voltei para casa em suspiros. Prometi a mim mesmo que tomaria cuidados. É, mudam-se os costumes, entretanto o corpo não se firma nos melhores. Os tempos carregam virtudes e, no meu caso, inclinações de pouca intensidade. Todavia, fui driblando a morte. Nos espaços pequenos que me concedia, como que querendo me levar em definitivo, desviava, como se fosse um Garrincha. Foram exatos vinte e dois anos desse jeito. Nesse trâmite inseguro e obscuro, não perdia o principal: viver na intensidade e nas coisas que me era dadas.

Tempos finais de um homem

Minhas palavras não me saíam mais solenes e muito menos ligeiras. Percebia que, assim como meus passos trôpegos, do mesmo jeito minhas ideias. Não podia exigir atenção nem de minhas netas, menos ainda de meus netos. A sociedade ainda se plasma do jeito a preferir as coisas no devido lugar: um homem pra pensar sem titubeios e os tempos pra serem bem utilizados. Eu titubeava e mea gente não habia paciência... *Teniam más que hacer*. Percebia: em certos dias, as palavras saíam a gosto suave e ligeiro e, em outros, devagar, como se fossem trazidas por bois. Um só dia chorei como criança, por não poder nem ao menos me comunicar comigo. Meus joelhos se negaram a andar e meu pensamento, a pensar. Assim me canso de mim. Por certo, os outros cansam mais. Inda bem que traduzi minha vida familiar com muito apreço, e para que não dizer com um amor absoluto, isso resultou numa espécie de cumplicidade até para com os meus bisnetos. Quero ser a boa contingência pra eles. Andava, nesse tempo bicudo, tão distante dos netos que mal pareciam ser meus parentes. Eram já dez. Era bizo daqui e bizo de lá, só não sabia o nome de quem me chamava. Ah! Não posso deixar de comentar: dois garotos apareceram nem sei de onde que me chamavam de tato. Acho que já sou tataravô. Estou com meu pulmão que é um fole de gaita: mais sai ar pelos buracos que pela boca. Parece que tudo se me aparece como aquelas pinturas impressionistas: mal se vê, entretanto, contém um carinho naquelas sombras.

Outro dia já é diferente: lembro bem, e a palavra vem como um riacho sem pedreira. Lembro até das ideias que não andavam boas, como aquela de ouvir o vento na montanha e, ali fora, tudo quieto, ou como a ideia de escutar as lendas do futuro. Acho que é o espírito já clamando pelo fim de tudo. E até que não é tão feio.

Tomei a liberdade de desabafar sobre a confusão, entre meus devaneios reais e meus pensamentos objetivos, para minha neta Ana, ou foi a Flávia? Não importa. Uma é bióloga e a outra é psicóloga. Foi a psicóloga, só não sei a qual das duas corresponde a psicóloga. Desabafei com uma lágrima que não consegui controlar. Ela minimizou o fato, dizendo que, na minha idade, o pensamento se torna mais fluido. Que meus devaneios são arrançados, também, em razão de minha sensibilidade de artista. Quem sabe aproveitasse tais fugas da realidade para expressá-los em minhas telas. Foi o que falou. Depois beijou minha careca, ao me abraçar com bons sentimentos. No primeiro devaneio que me assombrou, fui às telas e às tintas. Me resignava por domar minhas loucuras. Me saía bem, ainda que deste jeito: a cor das flores vermelhas e das escadas semelhantes à escada de minha infância. Me agradavam as sombras solenes cotejando sua beleza com a claridade. Era desse jeito que eu andava entre a claridade e a escuridão. Pra variar a minha situação, que se agravava, percebia que os devaneios ampliavam suas horas. Sorte minha que não apareciam figuras ameaçadoras. Para me deixar mais preocupado, meu sono se tornou arredo. Aproveitei, por essa razão, pra pintar ainda mais e continuar esse meu diário de bordo. E por falar em bordo, essa viagem vai bem, enquanto outras escotilhas não começarem a se fechar. Essas minhas exageradas vigílias levaram a que Leticia se preocupasse comigo. Por vezes fingia dormir, contemplando imensidões sem muita precisão. Fui ao geriatra, e ele me receitou lexotan. Aconteceu de dormir, mas me levantar como se meu corpo me oprimisse. Preferi minhas largas fantasias e pouco sono à realidade de um corpo forçadamente cansado. O que me levou a melhorar foram meus exercícios físicos. Estando meus quadris doloridos em razão de minha osteoartrite, fui para a água. Melhorei um bocado, mas não se reduziam muito os devaneios. Comecei a praticar exercícios virtuais, mas nada que pudesse compensar os movimentos sistemáticos de pintor de paredes. Se minha velhice viesse sozinha, pouco se me daria, mas parece que vem mal acompanhada. Foi assim: fôeu na alma e no

corpo. Perdi meu equilíbrio quando me surgiu a perversa ideia. Explico: Letícia, dobrada sobre si, escondia soluços. Cheguei, abraçando seu débil corpo. Notara, fazia meio ano, que ela apresentava sinais depressivos. Setenta anos de bom ânimo começavam a vacilar. Vez por outra percebia seu olhar distante como se tudo que acontecia não lhe dissesse respeito. Até os amigos do projeto das casas começaram a perceber. Começou a apresentar dificuldades de respiração. Doía-lhe o peito com falta de ar. Desconfiei que pudesse ser seu coração em situação precária. Lá fomos nós dois ao cardiologista e ao pneumologista e outros “istas” conspícuos em ver velhices. O cardiologista, depois de uma investigação, avaliou que não havia necessidade de exames mais invasores. Deixou o tal do cateterismo pra mais tarde. Que tomasse, por enquanto, os remédios receitados.

Qual o quê! É preciso olhar os velhos e as velhas de todos os jeitos, que a morte, ladina, se esconde muito bem. As crianças vieram entre gritos: a vovó tá mal! Os dois pequenos tatos mostravam desespero. Tomei-a nos braços, mal conseguindo levá-la até o carro. Diagnóstico: infarto! Levaram-na desacordada. Vi seu rosto tão expressivo, inexpressivo. Já não era ela. Chamei o médico cardiologista. Estava no hospital. Telefonei para Silvano e Andreia. Vieram, carregados de angústia. Ela, abraçada em mim, rezava: Deus, não leve minha doce mamãe! Uma hora da mais tenebrosa angústia. Me atacaram os devaneios por instantes. Ela, minha amada, chegando, adorável mulher! Linda, em vestes brancas ao meu encontro. Ouvi, então, alto: papai! Mamãe vive! Eia tempo, sarcófago de todos! Quando nos poupa por dias, é o milagre! Doutor Ricardo chegou cheio de poder. Ela passa muito bem. Nada que dois stents não resolvam! Está na CTI em observação. Se reagir positivamente vai pro quarto. Podem tomar as devidas providências.

Se cobrassem minhas propriedades, resultado de tantas pinturas, na hora, daria tudo e minha roupa pra que tudo se resolvesse bem. Revezávamos em busca de informações. Nada mais

fazíamos a não ser marcar os minutos, cheios de esperança. Eu já não era o procurador de cores e de acertos. Meu único e grande achado poderia se perder. Foram as angustiantes horas de quem ama, podendo perder o sentido de si. Sem ela estaria como uma árvore sem solo. A convulsão de um choro me atingiu, descontrolado. As notícias, porém, chegavam positivas.

Senti em mim o nascimento. Repentinamente se foi a fragilidade. Brilhava a mente como dantes. Poderia escrever sem perder a próxima linha. Abre-se a porta do quarto: é ela. Estava linda a minha amada, como um sonho divino!

— Vai ter que gumentar mais um tempo minhas roupas novas!

— Quantas quiser, suspirei em lágrimas. Me debrucei sobre o carro-maca e a beije.

Podem me dizer os crentes e os não crentes que isso é passageiro. A entrega de minha vida a ela sem condições, me dá o direito de pensar, sem uma sombra de dúvida, que nada é mais belo que uma ternura cotidiana de um ser cuidadoso do outro. Cada minuto tem seu retorno. O sentimento que me foi dado no momento se constituirá em alimento tão bem-vindo como se a vida me dissesse: é isso aí! Bem aí está o principal, o prêmio, o significante e o significado. Uma veste invisível revestiu o meu ser. Na cama do quarto, ela conseguiu se expressar.

— Meu pintor, de quantas cores se faz minha vida?

— Minha vendedora de sonhos, bem mais que as minhas!

Aí foram aquelas chegadas, ternas falas. Fizeram escala pra não serem muito fortes as impressões da velha senhora. Tão esmerados em carinho, quanto meus filhos, netos, os pequenos bisnetos, vieram os velhos do Centro de Idosos. Interessante: poucos daqueles que receberam o benefício do trabalho de Letícia, enquanto competente profissional, trouxeram seus sentimentos de solidariedade. Entendiam que o pagamento efetuado era um negócio,

e não traduziam gestos de cuidado e amor pela vida. Alguns telefonemas e nada mais. Ao contrário, os idosos me comoviam em suas demonstrações de encantamento pela vida que se refez na companheira e madrinha: uma alegria verde brilhava em seus olhos, como as rútilas gotas de orvalho pendentes das flores de nosso jardim.

Alta do hospital: emoção tão grande quanto aquela em que trazíamos nossas filhas recém-nascidas para casa. Ríamos contentes sobre os comentários de nossa festa de inauguração das pinturas. Prometi levá-la pra descansar na casa da roça: bem, disse-lhe, é o lugar que nos faz melhores do que somos. Me sentia orgulhoso em servir o café da tarde aos visitantes. Deixávamos bons momentos pro descanso, mas nem tanto que não estivesse conosco nos quinze dias de convalescência.

A minha vida não voltou mais à sua normalidade. Durante exatos dois anos fiquei como um marido, um pai, um avô, bisavô, tataravô tão atento e amável que até pensei em estar fixado em minha bipolaridade, extremado na euforia. Que assim fosse, mas creio que Deus falou tão alto pelo susto de Letícia que não poderia mais me perder em misérias. Nos nasceram mais dois rebentos: netos de Silvano e Felícia. A vó, a alemoa cantora, tornou-se, após os nossos esforços em acolhê-la melhor em seu jeito e poder, uma mulher de um tamanho humano criativo e encantador. Que o digam os idosos do Centro. Durante esses dois anos, veio uma menina de Andreia e Estéban, um castelhano de Corriente do qual falei tão pouco. Engraçado que me tenha quase esquecido desse encantador corrientino. Buenas, não tem como não contar dele. Talvez tenha me vindo tão vivo agora, pelo fato de ter me tornado tão diferente em razão de Letícia e seu coração assustador. Se Deus escreve direito por linhas tortas, dessa vez a tortura das linhas era tanta a ponto de mal se saber qual a próxima. Entonces que se lo diga...como se deve dizer de um homem diferente, assustado de nascimento corria

campos em Corrientes, vendendo tudo que aparecesse pra vender. Dou até uma de Martin Fierro:

*Peço a todos os santos do céu
que ajudem meu pensamento
Peço-lhe nesse momento
que vou contar essa história
Me refresquem a memoria
Ponham luz no entendimento.*

Se boa parte de minha vida pensei encontrar um genro que fizesse minha filha feliz, acho até que achei, não sem sustos. Meu Deus que ela sofreu, sofreu, pois que almas de culturas diferentes não se ajustam *asi no más*. Encontrei esse aventureiro numa pescaria em Corrientes. Foi assim, ó: montamos nosso acampamento perto de uns efusivos argentinos. Faziam festas pra mais de metro, enquanto eu e meus amigos do Brasil, queríamos pescar. Estávamos aí às margens do rio Paraná pelo seguinte: fiz amizade com um corrientino durante um cruzeiro. Convidou-me a visitá-lo. Fui, mas estava mais pra pescaria que pra curtir a amizade. Ele andava todo preocupado com sua empresa e, para compensar a impossibilidade de estar conosco, me ofereceu seu barco, todo material de pesca e muitas cervejas. A pescaria ia bem até chegarem esses borrachos cantadores. Bem sabia que melhor é se aproximar de tudo que é estranho que ficar se irritando, e, afinal, eles pisavam em solo próprio. Certa tarde, voltando da pesca, vi um deles linhando do barranco. Não demorou que a linha se estendesse toda e a uns setenta metros vi um peixe saltar sobre as águas. Acompanhei a luta entre o peixe e o pescador. Quando consegui tê-lo firme entre as mãos, se assanhou todo: Dios és bueno a los argentinos. Desconsiderei a provocação, elogiando-o: parabéns, é um lindo pescado. Muy lindo, muy lindo, resfolegou.

Se fez logo um diálogo que me atrevo a traduzir.

— Que hace en Brasil? Quiero decir como professional.

— Sou pintor.

— E se puede vivir de pintor?

— En Argentina no se puede?

— Si, pero...

— Entendi. No Brasil se pode con buena suerte!

— Me gustaria mucho trabajar en Brasil.

— Que haces a ca?

— Ingienero de poco. Mi formación es de La Universidad Tecnológica Nacional.

— Le gustaria trabajar em mi tierra?

— Mucho. A ca lo digo: el trabajo de inginihero es muy difícil. El presidente Menen e sus animales dejaran a nosotros una Argentina muy triste.

Pronto, arrumei sarna pra me coçar. E não é que esse cara veio a se tornar meu genro? Imito Henri James para ser mais justo em torno desse tempo: um tempo cheio de acontecimentos que, pra lembrar-me do que ocorreu, necessito apelar a uma habilidade maior que a que tenho para descrever os fatos com clareza. O que me espanta é ter aceitado a provocação do inginihero. Acho que andava envolvido com uma espécie de tonteria que dá na cabeça, o que me levou a aceitar desafios que hoje não enfrentaria.

Pois vejam bem, o corrientino tornou-se amigo de nosso grupo de pescadores e tão influente que, entre uma cerveja e outra, falei que o levaria pra minha terra a ver se poderia encontrar o trabalho que a Argentina não lhe oferecia. Analiso, hoje: de fato, a cerveja me fez avaliar em demasia o valor, ainda que inquestionável,

de Estéban Aguirre, e menosprezar as demandas das construções na Argentina.

Entonces, puede venir con nosotros, e dei-lhe o endereço.

Dois dias depois o nosso grupo retornou para nossa cidade. Os amigos avisaram, após tudo ter retornado ao normal em nosso dia a dia:

— Escute, Giordano, não estranhe se o corrientino aparecer.

— Nem pensem nisso, respondia. Ele também andava mais pra lá do que pra cá. Depois ele, com certeza, pôs os pés no chão.

— Nunca se conhece os outros, ainda mais se for argentino.

— O que querem dizer?, respondia preocupado.

— Eles são mais aventureiros que nosotros, brincavam.

Pelo sim, pelo não, manifestei minha preocupação para Letícia.

— Homem, você foi muito louco. Não contente em trazer os peixes argentinos, você prometeu trazer um argentino. E logo em nossa casa. E se ele vier? Se vier como vai fazer pra trabalhar? E para trabalhar, como vai conseguir validar o diploma dele?

Além da gravidade geral da nação, além do susto de meus amigos e de minha amada Letícia, que deu pra me assombrar também, sonhei com Estéban.

— Estoy a ver las cosas a ca... y pensando en sus palabras... dizia ele.

— Buenas, que voi hacer...

Não tive coragem de mandar que ficasse por lá. Afinal, palavra de homem... Acordei suando.

Um mês, um mês bem certinho, pois contava os dias...

— Acho que o castelhano declinou de meu convite, falei pra Letícia, caprichando no português.

— Pra sorte nossa e, principalmente, pra tua.

Passam-se os dias, mas a sorte ou o azar não se esgotam, indo muito além de nossas decisões. Os acontecimentos se sucedem, e disso eu falo com certa propriedade, levando-nos a tomar conta deles, fazendo o pior ou o melhor. Tenho pressa em narrar.

Caía a noite, e já me agradava a certeza de não haver castelhano nenhum em me pedir socorro. Toca o telefone e a telinha acusava ser de minha casa.

— Pai, acho que o castelhano veio!

— Meu Deus, filho!

— Que que eu faço com ele?

— Mande ele à merda! Não, filho, mande entrar que dentro de meia hora vou aí!

Vi Letícia me olhando. Falei que não tinha outro jeito.

— O castelhano filhodaputatalaincasa!

Achei que ela iria desabar sobre mim. Não! Se pôs a rir sem controle. Ria num risonar melodioso. Foi se acalmando muito aos poucos. Quando concluiu seu riso desbragado, esperei uma sentença de morte.

— Leve teu inginiario prum hotel e vamos ver o que hacer com el. E ria mais.

Telefonei pros hotéis. Que coisa! Todos ocupados. Um evento médico fechou a lotação. Fui pra casa socorrer o Silvano. Rezei no caminho. Senhor da Caridade, me socorre! Me socorreu! Me enchi de decisões. Decidi, bem como disse James, fazer frente à situação. Assim como recebi o benefício de um Steinhaus, teria a

responsabilidade de ser a melhor circunstância para esto muy desdichado hombrecito! Fiquei como que sob o influxo de uma espécie de encantamento, que me parecia aplinar o caminho e passar por cima das dificuldades. Mirava pouco pras consequências de minha decisão. Deixava-me empolgar por uma imensa onda de compaixão. Tornei-me presunçoso. Deus me assistia! Quem poderia contra mim e el pobre ingeniero de La Universidad Tecnológica Nacional de Argentina! Acho, então, que , por vezes, temos disso: que a solidariedade se torna mais possível, uma vez que não tem muito a perder e a sensação de viver com os outros se intensifica, suprimindo os limites do sujeito auxiliador. Um momento desses deixa o poder de vínculos mais exacerbado, ampliando-se naqueles que têm muito a receber. Me deixei apanhar pelas circunstâncias e que Deus fizesse em mim a sua graça rolar gratuitamente. Me sentia um conquistador de um reino em favor de alguém desconhecido e estrangeiro. Não me impunha limite, tal como: por que não oferecer a um compatriota o meu auxílio? Seria justo gastar meu tempo por amor a um estranho? Não provocaria ciúmes em Silvano, deixando-o de lado? Poucas vezes experimentei tamanha intensidade de sentimentos: quando nasceram meus filhos e quando casei. Outra vez foi quando a luz da tarde se dissipava, eu ouvindo o canto de pássaros nas velhas árvores de meu quintal, percebi a extensão de uma poesia cujas palavras fluíam em mim como água de cachoeira. Essa foi a sensação havida em quinze minutos. Se fosse eu um vivente antes do nascer do pensamento científico, eu louvaria, como um profeta, as maravilhas do Senhor ao falar em meu ouvido. Deixa estar que os milagres são raros e breves... Cheguei em casa, que o tempo não é infinito.

Ao entrar, antes de me deparar com o ingeniero, deparei-me com a garrafa de **Chivas Regal 18 Years**, guardada como um regalo muito bem fechado. Havia sido devassada! O produto interno do líquido, recebido de um amigo muito especial, podia ser medido com quatro dedos abaixo do gargalo. Subiu-me o sangue, e lá se foi a

graça do Senhor. Para maior espanto ainda, minha filha conversava animadamente com o desgraçado. Bebia também e sem nenhum pudor, nem dissimulando seu entusiasmo em ter ao seu lado e bem próximo de si aquele castelhano que viera matar a fome aqui em minha casa. Ao me ver veio de braços abertos:

— Que Bueno, que Bueno, senhor Chiordano! Como te vás?

— Mui bien!

Me abraçou com afagos, pondo minha cabeça sobre seu ombro direito. Ao afastar-me perguntei sobre a viagem. Minha filha, de um desvelo nunca dantes visto, começou a expressar-se com carinho, oferecendo-se em ajudá-lo aqui no Rio Grande do Sul.

— Tenho certeza que papai vai ajudá-lo a encontrar um trabalho muy bueno e de buena recompensa.

— Si, si! Estoy, desde ahora, muy grato.

— Muita coisa tem a acontecer antes, minha filha. É preciso revalidar, primeiro, os estudos por uma universidade federal.

Nesse momento entrou Letícia que, apresentada, foi saudada de maneira muito elegante por Estéban. Eu aí, meio sem jeito, vendo as duas agradando aquele castelhano. Lembrei-me de como Letícia também se encantara, de cara, comigo, isso que era apenas um pintor de paredes. Me perguntava, enquanto a conversa se desfiava, quase devota: o que rola entre as duas e ele? Até então, Andreia sempre se revelara muito discreta em relação aos rapazes e de natureza, cultura, história, posição social bem postas. Aí ela de rosto afogueado e com sua mãe estimulante diante daquele castelhano de mierda! Acho que nem Deus sabia, ao certo, o que andava fazendo ao criar o coração das mulheres.

Vou encurtar o conteúdo da memória em torno do castelhano e de minha filha Andreia, que se acabam as forças e eu não concluo esse discurso da história familiar. Receio, porém, não ser justo com o

castelhano se não trazer dele melhores lembranças: que Ana e Flávia merecem de seu pai o que é justo, bom e verdadeiro. Tudo que eu disser será pouco do bem que ele causou, não somente aos seus, em sua particular intimidade, como a todos e pela amizade com seu concunhado Silvano, filho meu, que sempre teve dele apoio incontestado. Pelos olhos de Andreia, não podia haver dúvida, ela se encantara pelo filho da mãe que eu trouxera do Rio Paraná. Temia pela paixão súbita que reunir um homem e uma mulher pelo sentimento é coisa fácil; bem complicado é reuni-los pelo espírito, pois a cultura da vontade e do pensamento pode trazer uma áspera convivência. E assim se sucedeu. Ele extremamente meticuloso e autoritário, produto do machismo castelhano; ela gentil e democrática. Disso resultou muita gritaria e dor. Pelo sim, pelo não, tive que me meter, uma vez que o engenheiro me ouvia. Além da cultura castelhana, havia a profissão, que o tornara preciso e sabichão. De tanta conversa e exercícios os dois foram se amainando. Mais difícil foi coordenar o pensamento dos dois. Ela, de livre pensar e de um Deus semelhante ao meu, ele, de um pensamento mais dogmático e de um Deus cheio de uma religiosidade marcada por rituais, tiveram escaramuças intelectuais, até o dia que preferiram deixar de lado as certezas de cada um e se olharem com respeito pelo pensar diferente de cada qual. A vida foi mostrando que as crenças e a verdade das coisas são muito frágeis. A bem da verdade: com o nascimento das filhas preferiram-nas a tudo que pudesse amargar o relacionamento. Viram, finalmente, que as verdades, e as mais absolutas, nada mais são que consensos que se diluem com o tempo. Preferiram a caridade acima de tudo. Mas vamos pras coisas práticas.

Pois bem, primeiro fomos validar o diploma do homem. Uma trabalhadeira do cão, mas, por fim, foi aprovado nos testes. No trabalho mostrou-se competente. Com a proposta do governo em torno de *minha casa, minha vida*, ele veio a contribuir decisivamente pra não somente dar casa, mas uma casa saída de projetos de uma

arquitetura quase poética. O hermano aprendeu rapidamente a tomar conta de minha técnica e com uma criatividade mais refinada. Em pouco tempo, não mais me preocupei com o futuro de minha filha e de meus netos. Aí estava um guerreiro muito romântico e, por tudo que se via, muito fiel para com a intimidade que lhe dizia respeito.

O tempo de minha exuberante e velha performance humana começou a ter problemas. Acredito até que não fossem suficientes outros sustos iguais àquele que minha Letícia aplicou. Uma espécie de entardecer brumoso se precipitava rapidamente. Dois movimentos contrários se moviam em mim. Um movimento dizia: vai em frente, outro, pode parar. Todas as paisagens se tornavam semelhantes. Os sonhos, cheios de movimentos suaves e promissores, mostravam-se pesados. Silvano começou a aparecer de maneira mais recorrente em meus sonhos e no meu cotidiano. Quando as águas em que eu pescava traziam peixes mortos, aparecia meu filho me levando para casa. Lembro de um dos diálogos oníricos:

— Filho meu, os peixes não estão mais bons.

— Vamos para casa, que já temos o suficiente deles, respondeu.

Caminhávamos os dois pelo gramado verde e me sentia seguro amparado nele. Voltávamos pra casa. Vinha Letícia em meu socorro, falando austera: chega de sair de casa!

Em outras noites, me sentia no alto da montanha de pedras lisas, e vinha meu garoto em meu socorro.

— Se não fosse você, piá, não sei o que seria de mim!

— Vamos pra casa, pai! Ele, então, solícito, me abraçava.

Dois meses que não escrevo. Os dias se confundem, e minha memória está enxovalhada. Tudo se apaga. Meu consolo é minha casa. Tenho paz, isso é... Me deixe lembrar... É a graça. Esboço um riso... Sem muita convicção...



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Giordano é um personagem que busca nas circunstâncias as melhores oportunidades. Entende que a vontade divina se apresenta nos momentos que a vida lhe concede. Supera as dores que o minimizavam através de uma retomada solidária. Seu pai, genial, mas desorientado consegue ser resgatado ainda que falecido. Nada pode ser desprezado, assim entende. Mesmo um amor frustrado pode redundar em benefício. A vida de Giordano é um tecido feito de realidades duras, mas nada é desprezível quando existe determinação, ainda que seja necessário fazer do inesperado um exercício de compaixão, perdão. O texto não se insere no universo de auto-ajuda, mas enobrece o leitor por se saber que a dignidade humana pode ser além de uma ficção.

